



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS**  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a  
Universidade  
Curso de Pós-Graduação em Mestrado Acadêmico  
Linha de Pesquisa II: Movimentos Sociais, Políticas Públicas,  
Desenvolvimento Nacional e Universidade.



---

CARLA MENEZES SILVÉRIO

**UM ESTUDO SOBRE O BACHARELADO EM ESTUDOS DE GÊNERO E  
DIVERSIDADE DA UFBA: DESAFIOS E MERCADO DE TRABALHO**

SALVADOR  
2023

CARLA MENEZES SILVÉRIO

**UM ESTUDO SOBRE O BACHARELADO EM ESTUDOS DE GÊNERO E  
DIVERSIDADE DA UFBA: DESAFIOS E MERCADO DE TRABALHO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade da Universidade Federal da Bahia, vinculado à Linha de Pesquisa II: Movimentos Sociais, Políticas Públicas, Desenvolvimento Nacional e Universidade, para a obtenção do título de Mestra em Estudos Interdisciplinares.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Meira Veras

Co-orientadora: Profa. Dra. Maria Caputo

SALVADOR  
2023

Dados internacionais de catalogação-na-publicação  
(SIBI/UFBA/Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa)

Silvério, Carla Menezes.

Um estudo sobre o bacharelado em estudos de gênero e diversidade da UFBA: desafios e mercado de trabalho / Carla Menezes Silvério. - 2023.  
114 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Meira Veras.

Coorientadora: Profa. Dra. Maria Caputo

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2023.

1. Educação - Aspectos sociais. 2. Ensino superior - Aspectos sociais. 3. Ensino superior - Finalidades e objetivos. 4. Abordagem interdisciplinar do conhecimento na educação. 5. Mercado de trabalho - Aspectos sociais. 6. Estudantes universitários. 7. Universidade Federal da Bahia. I. Veras, Renata Meira. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos. III. Título.

CDD - 378.8142  
CDU - 378(813.8)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS**  
**Programa de Pós-graduação Estudos Interdisciplinares sobre a**  
**Universidade**

Rua Barão de Jeremoabo, s/n, Ondina – CEP 40.170-115, Salvador, Bahia | (71) 3283-6790  
[eisu@ufba.br](mailto:eisu@ufba.br) | [www.eisu.ihac.ufba.br](http://www.eisu.ihac.ufba.br)




ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE  
CARLA MENEZES SILVÉRIO, NO ÂMBITO DO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ESTUDOS  
INTERDISCIPLINARES SOBRE A UNIVERSIDADE, DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA.


Aos vinte e três dias do mês de março do ano de 2023, às catorze horas, reuniu-se por videoconferência a comissão examinadora, composta pelos professores: Prof. Dr. Augusto Moretti de Barros (UNESP), Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Georgina Gonçalves dos Santos (UFRB) e Prof. Dr. Thiago Manhães Cabral (UNICAMP), para examinar o trabalho “UM ESTUDO SOBRE O BACHARELADO EM ESTUDOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE DA UFBA: DESAFIOS E MERCADO DE TRABALHO”, orientado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Renata Meira Vêras e pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Constantina Caputo.

Após a exposição oral da candidata, os examinadores apresentaram seus pareceres, anexos a esta ata, que foram seguidos pela réplica da mestrandia. Findas a exposição oral e apresentação dos pareceres, a comissão julgadora reuniu-se reservadamente, chegando ao parecer final, abaixo apresentado:


- Aprovado X
- reprovado
- parecer final condicionado a reformulações a serem apresentadas no prazo máximo de 60(sessenta) dias.

Documento assinado digitalmente  
 AUGUSTO MORETTI DE BARROS  
Data: 27/03/2023 17:06:50-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Augusto Moretti de Barros (UNESP)

Documento assinado digitalmente  
 GEORGINA GONCALVES DOS SANTOS  
Data: 27/03/2023 19:07:24-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Georgina Gonçalves dos Santos

Documento assinado digitalmente  
 THIAGO MANHAES CABRAL  
Data: 23/03/2023 17:12:38-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Thiago Manhães Cabral (UNICAMP)

Pela maior parte da História, o "anônimo" foi uma mulher.  
Virginia Woolf

Por direito de inspiração, dedico este trabalho a todes estudantes que cursam o Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade da UFBA.

## **AGRADECIMENTOS**

Na verdade, este desejo de entregar esta dissertação se formou há muito tempo. Há anos eu queria realizar o sonho de ser mestre, mesmo sem saber direito o que isso significava e o que viria depois. Mas coloquei na minha cabeça que eu seria esse motivo de orgulho familiar. Eis que estou aqui.

Por esse motivo, meus agradecimentos deveriam vir com uma lista imensa de nomes de muitas pessoas que contribuiriam, direta ou indiretamente, para esse processo. Mas, para que não me esqueça de ninguém, deixo nos agradecimentos apenas palavras de respeito a todos que estiveram comigo de alguma forma.

Nessas andanças do mundo, eu já abandonei muitos nomes pela estrada, nunca os esqueci, jamais o faria, pois carrego um pouco de cada um e deixo um tanto de mim em cada canto desse mundo. As memórias, meus amigos, são eternas.

À minha orientadora: grata pela paciência e plenitude. A todos de alguma maneira meu muito obrigada. Aos meus familiares, mãe, pai e irmã o meu maior respeito pela admiração e pela confiança. Vocês são os pilares que sustentam minha existência.

## RESUMO

Nossa pesquisa foi realizada com o intuito de conhecer mais a respeito do curso de Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade (BEGD) oferecido pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Nos propusemos a responder a seguinte questão: “Quais os principais desafios e perspectivas do curso de Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade a partir do olhar dos discentes?”. Nosso objetivo geral foi obter um levantamento referente ao curso, tendo uma análise e visão crítica dos discentes ativos para compreender um pouco mais da proposta dessa nova profissão e sua aplicabilidade tanto acadêmica como no mercado de trabalho. A pesquisa utilizou a metodologia de análise de conteúdo com entrevista semiestruturada. Nossos resultados foram divididos em material exploratório 1, material exploratório 2 e material exploratório 3, sendo codificados e categorizados para sua melhor estruturação e análise. Realizamos um levantamento do perfil socioeconômico dos estudantes e através de entrevistas descrevemos as motivações e perspectivas com relação ao curso. Os estudantes apontaram 5 desafios dessa carreira, sendo eles, mercado de trabalho, gestão acadêmica, perfil dos estudantes, divulgação/comunicação e infraestrutura. O que temos como pretensão, através desta pesquisa, é provocar essa reflexão entre docentes e discentes e, quiçá, contribuir de alguma forma, para o aprimoramento do Bacharelado.

**Palavras-chave:** Mercado de trabalho, perfil dos discentes, desafios do BEGD como graduação e carreira.



## ABSTRACT

Our research was carried out to learn more about the Bachelor of Gender and Diversity Studies (BEGD) course offered by the Federal University of Bahia (UFBA). We set out to answer the following question: "What are the main challenges and perspectives of the bachelor's degree in Gender and Diversity Studies from the perspective of students?". Our general objective was to obtain a survey regarding the course, having an analysis and critical view of the active students to understand a little more about the proposal of this new profession and its applicability both academically and in the job market. The research used the methodology of content analysis with semi-structured interview. Our results were divided into exploratory material 1, exploratory material 2 and exploratory material 3, being coded and categorized for better structuring and analysis. We carried out a survey of the socioeconomic profile of the students and through interviews we described the motivations and perspectives regarding the course. The students pointed out 5 challenges of this career, namely, the job market, academic management, student profile, dissemination/communication and infrastructure. What we intend, through this research, is to provoke this reflection among teachers and students and, perhaps, contribute in some way to the improvement of the Bachelor's Degree.

**Keywords:** Labor market, student profile, BEGD challenges such as graduation and career.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Número total de estudantes divididos em trancado-inativos, ativos (matriculados) e egressos.....	42
Gráfico 2: Número total de estudantes divididos por sexo.....	43
Gráfico 3: Egressos por ano.....	44
Gráfico 4: Número de egressos por ano de ingresso.....	44
Gráfico 5: Faixa etária do BEGD.....	54
Gráfico 6: Sexo biológico do BEGD.....	55
Gráfico 7: Identidade de Gênero do BEGD.....	55
Gráfico 8: Categoria de etnia do BEGD.....	56
Gráfico 9: Renda Familiar do BEGD.....	57
Gráfico 10: Relação de cotas do BEGD.....	57
Gráfico 11: Atuação de trabalho.....	55
Gráfico 12: Escolaridade do BEGD.....	60
Gráfico 13: Campo de estudo.....	60
Gráfico 14: Mercado de trabalho.....	61
Gráfico 15: Atuação de trabalho para o BEGD.....	63
Gráfico 16: Motivações para a escolha do curso.....	67
Gráfico 17: Desafios do Bacharelado em categorias.....	71
Gráfico 18: Categoria Mercado de trabalho.....	73
Gráfico 19: Gestão Acadêmica e Docência.....	80
Gráfico 20: Categoria Perfil dos Estudantes.....	87
Gráfico 21: Categoria Divulgação e Comunicação.....	92
Gráfico 22: Categoria Infraestrutura.....	96
Gráfico 23: Principais desafios por código/categoria.....	102

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Carga horária do BEGD .....	32
Tabela 2: Entrevista semiestruturada - questões do eixo 1 .....	51
Tabela 3: Entrevista semiestruturada - questões do eixo 2.....	51
Tabela 4: Tabela 1: Entrevista semiestruturada - questões do eixo 3.....	52
Tabela 5: Entrevista semiestruturada - questões do eixo 4.....	52
Tabela 6: Questões fechadas do <i>Google Forms</i> .....	53
Tabela 7: Questões abertas do <i>Google Forms</i> .....	58
Tabela 8: Respostas do <i>Google Forms</i> <sub>1</sub> .....	62
Tabela 9: Respostas do <i>Google Forms</i> <sub>2</sub> .....	64
Tabela 10: Respostas do <i>Google Forms</i> <sub>3</sub> .....	66
Tabela 11: Respostas do <i>Google Forms</i> <sub>4</sub> .....	68
Tabela 12: Caracterização dos sujeitos.....	70
Tabela 13: Códigos <i>Atlas T. I</i> <sub>1</sub> .....	72
Tabela 14: Citações da categoria Mercado de trabalho.....	76
Tabela 15: Códigos <i>Atlas T. I</i> <sub>2</sub> .....	79
Tabela 16: Citações da categoria Gestão Acadêmica e Docência.....	83
Tabela 17: Códigos <i>Atlas T. I</i> <sub>3</sub> .....	86
Tabela 18: Citações da categoria Perfil dos Estudantes.....	90
Tabela 19: Códigos <i>Atlas T. I</i> <sub>4</sub> .....	92
Tabela 20: Citações da categoria Comunicação e Divulgação.....	94
Tabela 21: Códigos <i>Atlas T. I</i> <sub>5</sub> .....	96
Tabela 22: Citações da categoria Infraestrutura.....	98
Tabela 23: Principais desafios por código/categoria.....	101

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação da análise de conteúdo.....	49
Figura 2: Representação da etapa Organização.....	49
Figura 3: Representação da etapa Codificação.....	50
Figura 4: Representação da etapa Categorização.....	50

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BEGE	Bacharelado em estudos de Gênero e Diversidade
BI	Bacharelado Interdisciplinar
CAGED	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CEPEE	Comitê de Ética em Pesquisa
GEMMA	Mestrado Erasmus em Gênero e Estudos Femininos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MEC	Ministério da Educação
NEIM	Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher
ONU	Organização das Nações Unidas
OSC	Organização da Sociedade Civil
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
PPGNEIM	Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher
PPP	Projeto Político Pedagógico
REUNI	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SPM-BA	Secretaria Estadual de Políticas para as Mulheres – Estado da Bahia
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UAB	Universidade Autônoma de Barcelona
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

A investigadora e a investigação .....	15
Apresentação.....	17
1. Capítulo 1: Transformações da universidade na sociedade contemporânea.....	20
1.1 Programa de Apoio a Planos de Expansão e Reestruturação das Universidades Federais (REUNI) .....	23
1.2 O Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade da UFBA e sua importância social .....	25
1.3 Estruturas do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade.....	29
1.4 O mercado de trabalho e as questões de gênero .....	36
1.5 Análise do BEGD .....	40
2. Capítulo 2: Procedimento Metodológico.....	46
2.1 Método de análise .....	48
3. Capítulo 3: Análise do <i>Google Forms</i> .....	53
3.1 Levantamento do perfil dos discentes do BEGD .....	53
3.2 Material Exploratório 1: Questões fechadas do <i>Google Forms</i> .....	53
3.3 Material Exploratório 2: Questões abertas do <i>Google Forms</i> .....	58
4. Capítulo 4: Material Exploratório 3 análise das entrevistas .....	70
4.1 Categoria: Mercado de trabalho.....	72
4.2 Categoria: Gestão Acadêmica.....	79
4.3 Categoria: Perfil dos estudantes .....	86
4.4 Categoria: Divulgação e comunicação .....	92
4.5 Categoria: Infraestrutura .....	96
5. Capítulo 5: Considerações finais.....	101
1.1 Os principais desafios do BEGD aos olhos dos discentes.....	101
1.2 O olhar da pesquisadora.....	104
7. Referências.....	108
8. Anexos.....	112

## **A investigadora e a investigação**

Para que possamos entender mais sobre a pesquisa, reservo um curto espaço para contar um pouco sobre a vivência da investigadora, já que, de certa forma, este estudo nasce a partir dessa necessidade pessoal. Sou paulista, oriunda de família em que poucos ascenderam socialmente. No entanto, sempre estudei em ótimos colégios, sendo privilegiada com a obtenção de bolsas nas instituições de educação que frequentei. Cursei licenciatura em História e resolvi me dedicar à área da educação, portanto, para me especializar, decidi ingressar também no curso de Pedagogia na Universidade Estadual Paulista (UNESP), *campus* de Araraquara. Foi nessa universidade que conheci o feminismo na forma mais profunda, mais técnica e muito mais embasada em teorias e vertentes de estudo. De imediato, me apaixono pela possibilidade de ser livre e de me sentir parte da sociedade em direitos e deveres, compreendendo o patriarcado como o problema estrutural a ser erradicado.

Ainda estudando na UNESP, fui contemplada com duas bolsas de intercâmbio com durabilidade de 7 meses cada, sendo a primeira para a Argentina e a segunda para a Espanha, onde pude vivenciar momentos que marcaram os rumos da minha trajetória acadêmica. Fui capaz de conhecer lugares, antes, inimagináveis e aparentemente inalcançáveis a mim. Estudei na faculdade de educação da Universidade Nacional de UNCUYO e da Universidade de Santiago de Compostela podendo vivenciar a rotina escolar de ambos os países e entender as suas características e peculiaridades.

Quando retornei ao Brasil, assim que me formei em pedagogia, já comecei meu trabalho como docente em instituições privadas e públicas, atuando principalmente com jovens e adolescentes de diversos nichos. Mas, ainda sentindo a necessidade de me especializar na área de educação, decido fazer uma pós-graduação na Universidade de São Paulo (USP) em Gestão Escolar, defendendo um artigo sobre a importância da educação feminista nas escolas. Foram dois anos de curso, estudando, trabalhando e em paralelo pleiteando vagas no mestrado. A partir desse momento, coloco como objetivo me tornar mestre e me dedicar a estudar e desenvolver o tema de mulheres, gênero, diversidade e educação.

Descubro, portanto, uma graduação na Universidade Federal da Bahia (UFBA) que aborda exatamente os temas os quais estudo há anos. Descobri o curso de Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade (BEGD) quando ainda estava morando em São Paulo e fiquei completamente apaixonada pela proposta e pela possibilidade de estar em uma área pela qual tenho tanto amor e que move meus caminhos há muito tempo. Com isso, em 2018, me mudei para Salvador em busca desse ramo tão diferente, desconhecido e escuro para mim.

Passado o primeiro semestre, comecei a questionar alguns elementos do curso, dúvidas e questões vieram incendiando minha cabeça com incertezas sobre o futuro, inquietações que me levaram a essa pesquisa. Como poderia colocar o que estava estudando em prática? Haveria uma carreira para isso? O que fazer com tanta informação nova e interessante? Estou trilhando o caminho certo? O que faz um Bacharel em Gênero?

Essas questões rodeavam minha mente, e passo a perceber, através de diálogo com colegas, que eram dúvidas constantes entre eles e que afetavam a maior parte dos discentes; eram questões que não tinham respostas prontas ou acessíveis. Não havia referências de estudos, mal sabíamos de egressos que poderiam contar como era estar formado pelo BEGD e tampouco tínhamos uma perspectiva de carreira a ser seguida. Nada.

Eis que surge o meu projeto.

Descubro que a ausência de informação que me incomoda é parte do meu desejo para que possamos, em um futuro muito próximo, naturalizar essa profissão e ter seus temas debatidos em todos os cantos empresariais, públicos ou de terceiro setor etc. Além do que, pretendemos, a partir do que for possível, oferecer mais informações para aqueles que, assim como eu, estão chegando no curso, estão saindo dele ou apenas são curiosos e encantados com o que essa graduação pode proporcionar.

Para isso, definimos, minha orientadora e eu, através do questionamento “Quais os principais desafios e perspectivas do curso de Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade a partir do olhar dos discentes?” desenvolver um estudo com o objetivo geral de realizar um levantamento sobre as perspectivas e os principais desafios do BEGD, analisando a visão crítica dos discentes ativos (aqueles que possuem matrículas ativas) com o intuito de



compreender um pouco mais sobre a proposta dessa nova profissão e sua aplicabilidade tanto acadêmica como no mercado de trabalho.

Realizamos um levantamento do perfil socioeconômico dos estudantes, descrevemos as motivações e perspectivas com relação ao curso e apontamos os desafios dessa carreira na visão deles. Utilizamos como método de pesquisa a análise de conteúdo com entrevista semiestruturada. Nossos resultados foram divididos em material exploratório 1, material exploratório 2 e material exploratório 3, sendo codificados e categorizados para melhor estruturação e análise.

Dentro do nosso estudo, limitamos nossa pesquisa a esses objetivos, pois, com a pouca divulgação dos dados do BEGD e nenhum artigo ou referência bibliográfica que nos permitisse o acesso a outras fontes, tivemos que dar início a uma pesquisa extensa para primeiro entender o perfil do discente e, em seguida, descrever, dentro das possibilidades, os desafios do próprio curso.

## **Apresentação**

Como exposto anteriormente, esta pesquisa teve como propósito realizar um levantamento sobre os principais desafios do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade (BEGD) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Foi através de coleta de entrevistas e aplicação de questionários no *Google Forms* que analisamos, de forma qualitativa, os desafios apontados para a profissão habilitada por essa graduação e os possíveis campos de atuação dessa recente área profissional e acadêmica.

Ao longo deste trabalho, realizamos uma discussão acerca do pensar a Universidade como espaço transitório para o mercado de trabalho e da importância de ressignificar o ambiente de conhecimento como instrumento de equidade. Entendemos que para se obter uma educação democrática é necessário refletir a educação básica e superior a partir de outros olhares, com múltiplas possibilidades e perspectivas diferentes para atender uma sociedade atual que está em incessante processo de mudança.

No primeiro capítulo, trazemos a discussão acerca da implantação do Programa de Apoio a Planos de Expansão e Reestruturação das Universidades Federais (REUNI) e da criação do Bacharelado em Estudos de Gênero e

Diversidade na UFBA. Salientamos que a proposta dos cursos de Bacharelado Interdisciplinar (BI) e BEGD são recentes na educação no país, pois altera o quadro de disciplinas que compõem as matrizes curriculares dos cursos superiores, portanto, apresenta grandes desafios para a sua consolidação, devido à dificuldade de ruptura do modelo tradicional das universidades brasileiras. Abordamos o processo de transformação social da Universidade e a necessidade de expansão e reformulação de toda a educação básica e superior.

Esse capítulo é estruturado com 5 subcapítulos, que dão sequência às discussões sobre a Universidade e a importância do BEGD para a erradicação de estruturas de privilégios, entendendo como base norteadora as pautas femininas. A ideia de pensar na criação do BEGD nos direciona à maior participação da mulher na esfera pública nas sociedades modernas e democráticas, pauta que vem sendo debatida de forma constante e está presente na agenda política das instituições especializadas e da Organização das Nações Unidas (ONU).

No Capítulo 2, apresentamos o procedimento metodológico usado na pesquisa e o passo a passo de como alcançamos nossos resultados. No subcapítulo “Método de análise”, explicamos a metodologia que embasou o estudo dos dados, seguindo a análise de conteúdo, proposta por Bardin (1977), que se define como um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Nesse capítulo, exemplificamos as três etapas de estudo qualitativo, que se divide em: organização, codificação e categorização.

No Capítulo 3, apresentamos os resultados obtidos durante a aplicação de conteúdo do *Google Forms*<sup>1</sup>. Criamos gráficos que foram feitos pelo Excel e tabelas que pudessem descrever nossos resultados em números e figuras. Apresentamos o material obtido pelo *Forms* em duas etapas, nossos subcapítulos: material exploratório 1 (questões fechadas) e material exploratório 2 (questões abertas) e o material exploratório 3.

O Capítulo 4 se destina à exploração do material das entrevistas que foram realizadas pelo *Google Meet*. Nesse capítulo, discutimos e apresentamos o estudo com a ajuda do *software Atlas T.I.* e descrevemos as categorias

---

<sup>1</sup> Link do FORMS:

<https://forms.office.com/Pages/ResponsePage.aspx?id=DQSIkWdsW0yxEjajBLZtrQAAAAAAZAAAZAALZ97kpUNk1KOE0yNkYxNkxER0VCSUpUNEUxMzJJVi4u>

selecionadas e codificadas. O capítulo está dividido em 4 subcapítulos, que se referem às categorias individualizadas: mercado de trabalho, gestão acadêmica e docência, perfil dos estudantes, divulgação e comunicação e infraestrutura.

O último capítulo dedica-se a uma discussão relacionada a todas as categorias citadas ao longo do trabalho, elucidando os principais desafios do BEGD através dos olhos dos discentes e nossas considerações finais legitimando a existência e necessidade do curso e das possíveis transformações para a carreira.

## **1. Capítulo 1: Transformações da universidade na sociedade contemporânea**

Entre as décadas de 1940 e 1960, fomentou-se uma preocupação das universidades com a formação acadêmica e científica no Brasil e, nesse contexto, a ideia de interdisciplinaridade foi se apresentando como uma precursora da criticidade e cientificidade. A partir da busca constante por respostas até os limites do conhecimento simplificador, dicotômico e disciplinar da ciência moderna e clássica, rompeu-se o paradigma do modelo tradicional na formação do estudante na educação superior (OLIVEIRA *et al.*, 2019).

A discussão sobre a interdisciplinaridade que não é uma discussão recente emerge, novamente, provocando novos saberes na formação pedagógica, na arquitetura acadêmica e na concepção dos modelos formativos nas Universidades. A mudança paradigmática no que diz respeito à lógica na formação da educação superior rompe com barreiras e fronteiras de cada disciplina, que são refutadas cientificamente, criando uma discussão nos limítrofes e associando novos conceitos que vão ao encontro da ideia de transversalidade (FÁVERO, 2006).

Com isso, o entendimento sobre o processo educativo em seguimento será indeclinavelmente reconstruído para um conhecimento mais acolhedor que promova uma educação democrática e aberta a todos, ponderando análises elementares como raça, classe social e questões de gênero.

No Brasil, o direito à educação foi negado à mulher durante boa parte da formação da sociedade brasileira, que, imersa em raízes tradicionais do sistema patriarcal, impossibilitou o avanço da ciência feita por mulheres.

A produção do conhecimento ocorre, tradicionalmente, a partir de um conceito universal de homem, que remete ao branco-heterossexual-civilizado-do-primeiro-mundo. As noções de objetividade e neutralidade são impregnadas por valores masculinos” (CALVELLI; LOPES, 2011, p.25).

Contudo, estamos em constante processo de mudanças tecnológicas que influenciam e transformam o comportamento da sociedade. A tecnologia da comunicação empregada na sociedade atual e sua rápida disseminação

aceleram transformações de pensamentos, através das quais, muitas vezes, rompem-se padrões normativos. Além disso, nesse mundo de inevitáveis transformações, a “mudança” acaba sendo a lógica universal, que ocorreu, ocorre e ocorrerá o tempo todo, atravessando anos, gerações e séculos. Já dizia o filósofo grego Heráclito de Éfeso (1971, p.15) “Tudo flui, tudo muda”, ou melhor, “tudo flui e se move, e nada permanece”.

É nesse cenário civilizatório de constantes mudanças que a Universidade, enquanto instituição sistematizadora, difusora e criadora de conhecimentos, é pressionada a inserir-se nesse contexto e desconstruir padrões androcêntricos e normativos, oportunizando, assim, respostas eficazes às realidades temporais interpostas pelas lutas sociais. Afinal, qual a importância social da Universidade? Como pensar uma educação superior dialógica, tolerante e diversa no século XXI?

Sabemos que a seletividade branca e masculina da educação no Brasil é histórica (RIBEIRO, 1993), visto que o acesso ao ensino superior desde a época da colonização era restrito à elite colonial branca, que se preparava em instituições de ensino nacionais para ingressar nas universidades europeias. O período colonial brasileiro, baseado na grande propriedade e na mão-de-obra escrava, contribuiu para o florescimento de uma sociedade altamente patriarcal, caracterizada pela autoridade sem limite dos donos de terras e pela educação superior reservada e restrita com intenções da preservação da cultura europeia. Mesmo com frequentes lutas pela expansão e implantação de novas medidas de acessibilidade, ainda enfrentamos muitos desafios a serem rompidos.

No Brasil, como em outras partes da América Latina, a educação superior, tradicionalmente, serviu para preparar os homens para as profissões prestigiosas, particularmente, o direito e a medicina (HAHNER, 1994, p. 56). Na contemporaneidade, uma das tarefas da Universidade é considerar a comunidade acadêmica na sua forma de existir e agir, nas suas questões epistemológicas em conjunto com preocupações de formação profissional e ética de maneira ampla e integrada.

No livro *A universidade no século XXI: para uma Universidade Nova* (2008), Boaventura Santos e Almeida Filho afirmam ser necessário um novo olhar para o conhecimento universitário, sendo essencial que a sociedade deixe de ser um objeto das interpelações da ciência para ser ela própria sujeito de interpelações

à ciência. Ou seja, nas palavras dos autores, “À medida que a ciência se insere mais na sociedade, esta insere-se mais na ciência” (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2008, p 43). Ainda de acordo com os autores, a Universidade foi criada seguindo um modelo de relações unilaterais e esse modelo foi e vem sendo seguido por muito tempo sem uma reflexão, necessariamente, para as mudanças temporais.

O autor chama a atenção para a mudança de conhecimento “pluriversitário” que deve substituir a “unilateralidade” pela interatividade. Esse livro contém textos sobre a reforma universitária e os desafios da Universidade para a sociedade e defende que:

O projeto de uma Universidade Nova deve ser verdadeiramente internacional, o que significa estar sempre a transpor as fronteiras geopolíticas”. Logo, é necessário, para ele, “renovar a Universidade como matriz e estratégia de ação política e transformação social” (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2008, p. 179).

Entendemos, com isso, que a Universidade contemporânea desempenha o papel do pensar, construir e desconstruir, atuando como mediadora do novo, ou seja, da mudança. É um lugar de criatividade e possibilidade de mostrar o conhecimento como ferramenta que alavanca o cidadão, tanto de forma intelectual como profissional. E esse espaço universitário tem passado por transformações significativas nos últimos anos, impulsionadas por mudanças tecnológicas, sociais e econômicas. Algumas dessas transformações incluem a expansão da educação a distância e o uso de tecnologias digitais na sala de aula, o aumento da diversidade e inclusão nas instituições de ensino superior e a busca por maior conexão entre a educação e o mercado de trabalho.

Tais transformações têm desafiado as instituições de ensino superior a repensar seus modelos de ensino e gestão, a fim de atender às diversas demandas da sociedade e do mercado de trabalho. Com todo esse processo de transformação e a necessidade de expansão que a educação superior brasileira apresenta, tornou-se fundamental criar condições para a ampliação de acesso, permanência e expansão de novas carreiras profissionais que estivessem de acordo com essas novas demandas. A expansão educacional é crucial para o desenvolvimento pessoal e socioeconômico de uma sociedade. Ela pode

aumentar a empregabilidade, melhorar a produtividade e a qualidade de vida, além de promover a igualdade de oportunidades.

### **1.1 Programa de Apoio a Planos de Expansão e Reestruturação das Universidades Federais (REUNI)**

Para compor essas demandas contemporâneas, temos uma nova estruturação com a publicação do Decreto nº 6.096 de 24 de abril de 2007 (BRASIL, 2007) intitulado Programa de Apoio a Planos de Expansão e Reestruturação das Universidades Federais (REUNI) e sua proposta de Universidade Nova (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2008). Esse programa foi criado com o objetivo de aumentar o acesso e a qualidade do ensino superior público no Brasil, por meio da ampliação de vagas, da melhoria da infraestrutura e da qualificação do corpo docente. O programa teve impacto significativo na expansão do ensino superior público no país, mas enfrentou desafios na sua implementação e continuidade.

O REUNI não se restringe ao processo e democratização do acesso, mas vem estabelecendo diversas mudanças nas estruturas curriculares e, principalmente, na interdisciplinaridade do compromisso social da Universidade Pública. A formação, necessária ao enfrentamento dos desafios, necessita transcender a especialidade em torno de uma única área do saber e do fazer humanos. O intenso avanço científico e tecnológico alcançado na atualidade modifica profundamente os horizontes em que nos inserimos. Logo, a realidade, em torno da qual nos movimentamos, apresenta-se cada vez mais multifacetada, híbrida, exigindo múltiplos olhares investigativos em sua análise, interpretação e compreensão (OLIVEIRA *et al.*, 2019).

Nesse contexto, não cabe mais à universidade apenas formar profissionais com conhecimentos técnicos e científicos inerentes a uma área específica do mercado de trabalho. Mais do que simplesmente transmitir conhecimentos é necessário que a universidade desenvolva nos alunos a capacidade de aprender a aprender ao longo da vida, além de outras competências e habilidades necessárias ao profissional do século XXI, tais como: capacidade de resolver problemas, trabalhar em equipe, comunicar-se, tomar decisões, dentre outras necessárias para

viver em uma sociedade em constante transformação (SILVA; MEINHARDT, 2018, p. 5).

O programa também objetiva a criação de projetos acadêmicos que pretendem total excelência de qualidade da educação superior, a atualização de currículos complementares e obrigatórios e criação de projetos acadêmicos que proporcionem aos estudantes uma formação interdisciplinar, com senso crítico e humano. Nesse sentido, se faz necessário repensar toda a estrutura do ensino superior, que não pode mais ser concebido como provedor de habilitação para exercer determinada profissão e inserção no mercado de trabalho, é necessário apontar na universidade o olhar para repensar suas estruturas internas, historicamente construídas e que se mantêm firmes (SILVA; MEINHARDT, 2018).

Uma nova estruturação de curso, baseada em modelos de ciclos, criada em decorrência do REUNI, foi o Bacharelado Interdisciplinar (BI), modalidade de graduação que foi implementada em algumas universidades federais pelo país. Atualmente, em seu primeiro ciclo, o BI é ofertado nas áreas de saúde, de humanidades, de artes e de ciências e tecnologias. Após concluído o curso, o bacharel pode migrar para os cursos de progressão linear (segundo ciclo) ou diretamente para a pós-graduação (terceiro ciclo).

A proposta foi lançada em 2006, na gestão do então reitor Naomar de Almeida Filho, e implicou em uma transformação radical nos moldes acadêmicos da universidade pública brasileira (MARANHÃO; PASSOS, 2013). A implantação dos Bacharelados Interdisciplinares tem como intuito oferecer inicialmente uma formação universitária geral e evitar a escolha profissional precoce, visto que essa somente ocorrerá após a conclusão do bacharelado. A experiência de cursos interdisciplinares no Brasil, segundo Oliveira *et al* (2019), sinaliza uma mudança para uma prática pedagógica que permita aos discentes tecer encaminhamentos em diferentes áreas de conhecimento, o que lhes possibilitará uma formação diferenciada, mais generalista e apta ao mercado de trabalho, do qual emerge a necessidade de um profissional com múltiplos conhecimentos.

Ao falar de mudanças na estrutura curricular inclusiva, é fundamental que se inclua, ainda, as questões de gênero, que são pilares excludentes em vários setores sociais. A adesão da Universidade Federal da Bahia ao REUNI e à



“Universidade Nova” ocorre em 2007 com o próprio Naomar de Almeida Filho na gestão da UFBA e recebe, também, aprovação para a criação de novos cursos superiores, entre eles, o curso de Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade (BEGD). Esse curso é de suma importância na luta das mulheres pelo fim do sexismo institucionalizado e sistêmico, buscando mais visibilidade na teoria e na prática feminista.

No entanto, devemos salientar que, apesar de o BEGD ter sido criado na mesma época que o B.I., são duas propostas diferentes de formação, sendo o BEGD um curso formativo para a área de gênero e diversidade, ou seja, o ingressante não escolhe outra área de conhecimento posteriormente, quando formado será um(a) bacharel em estudos de gênero e diversidade.

## **1.2 O Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade da UFBA e sua importância social**

O decreto presidencial apresentado anteriormente, o REUNI, teve como foco as universidades federais e a reformulação do modelo acadêmico, ampliando vagas (sobretudo no período noturno) e criando alguns cursos inovadores e pioneiros pelo país, a exemplo disso, o Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade (BEGD).

O curso BEGD completou treze anos de existência na UFBA em 2022 e, pensando na importância e relevância dele para a luta do movimento das mulheres, nos propusemos a analisá-lo e nos aprofundar sobre suas perspectivas e desafios. Sabemos que a inserção das mulheres na área acadêmica e no mercado de trabalho ocorreu por uma questão econômica e cheia de desigualdade; além disso, foi abordada como um processo progressivo da chamada equidade de gênero. Essa inserção desconsiderou as contradições e diferenças entre homens e mulheres, causando uma lacuna e deixando um espaço de lutas e tensões entre a “inserção desigual” e a “transformação social”.

Para nós, é de fundamental importância direcionar nossa análise de maneira a discorrer sobre problemas estruturais do patriarcado, visto que o próprio curso vem preencher essa lacuna social e defende uma profissionalização que seja voltada às questões de gênero. Ainda, o curso BEGD é composto, majoritariamente, por estudantes do sexo feminino, que segundo

dados da nossa pesquisa representam 70,3% dos discentes e isso nos leva diretamente às questões relacionadas ao feminismo e à inserção das mulheres no mundo laboral e na Universidade.

Sabemos que escrever sobre as mulheres não é uma tarefa fácil. Afinal, invisível durante séculos, finalmente o tema emerge como um campo definido de pesquisa para a História, além de ser um campo profissionalizante completamente novo no mundo do trabalho. Por isso, em um contexto de transformações tão novo, é necessário investigar as reais condições das(os) alunas(os) do BEGD e quais as adversidades encontradas durante e após sua formação. Vale ressaltar que estamos trazendo como referência o binarismo social e não nos adentramos à amplitude da identidade de gênero por falta de dados disponíveis em tempo hábil.

A criação do BEGD além de ser um avanço para as questões de gênero é, também, uma graduação pioneira e única no país. Algumas universidades no Brasil oferecem curso de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado), mas não possuem essa formação como profissão específica. É possível encontrar cursos de graduação no exterior, a partir da década de 1970, que são voltados para a problemática das relações de gênero, como no Canadá e na Espanha; assim como também é possível encontrar cursos de extensão ou *stricto sensu* em diversas universidades, como indica Lima (2012, p. 84):

De modo semelhante, nas Universidades espanholas, a exemplo do Instituto de Estudios Feministas, da Universidade Complutense de Madri; Instituto de Estudios de La Mujer, da Universidade Autônoma de Madri; Instituto de Estudios de La Mujer, da Universidade Autônoma de Granada, existem institutos feministas que oferecem extensão e graduação na temática, sobretudo, por meio do ensino interdisciplinar e transversal e de disciplinas em diferentes cursos.

Na Europa, em parceria com o programa *Erasmus Mundus*, encontramos o Mestrado Erasmus em Gênero e Estudos Femininos (GEMMA), que envolve sete universidades europeias e existe há pelo menos 10 anos, oferecendo bolsas de intercâmbio e convênios. Esse mestrado conta com universidades parceiras como a Universidade de Granada, na Espanha, a de Bolonha, na Itália e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) no estado de São Paulo.

Entretanto, trata-se de um mestrado com especialização voltada para os alunos da pós-graduação, não sendo, portanto, uma graduação na área.

Na Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), existe uma carreira em “*Títol de Grau en Estudis de Gènere*”, curso de graduação, cuja formação volta-se para estudos de gênero. De acordo com o site da universidade, o curso tem uma duração mínima de três anos e máxima de oito anos, o programa de estudos inclui diversas matérias que são específicas das teorias feministas, sendo oito disciplinas de formação básica, dezessete disciplinas obrigatórias e doze optativas<sup>2</sup>. Essa carreira assemelha-se muito com o que é proposto pelo BEGD da UFBA, contudo, a diferença é envolver diversidade no nome da titulação, além de, na UAB, os professores responsáveis pelo curso são de até oito faculdades distintas. De acordo com o jornal *on-line El periódico*<sup>3</sup>, essa era uma carreira praticamente ignorada na Espanha e foi com a crescente demanda sobre o tema que surgiu a criação do curso em 2018.

De acordo com o site do BEGD<sup>4</sup>, a(o) aluna(o) que se forma nessa graduação irá seguir uma carreira diversificada, podendo se inserir em diferentes setores no mercado de trabalho. O Bacharelado, portanto, visa formar analistas em gênero e diversidade que possam atuar nesses diferentes contextos, promovendo um trabalho de igualdade fundamentado também na teoria, como, por exemplo, através das políticas públicas ou do setor privado. Os profissionais egressos desse curso também podem atuar no chamado OSC (Organização da Sociedade Civil), que necessita de formação específica nessa área do saber. Essa necessidade está recomendada no *II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres*<sup>5</sup>.

É preciso ressaltar também que desde 2003 no Brasil ocorrem algumas mudanças no que se refere ao desenvolvimento de políticas públicas, que foram destinadas ao combate à discriminação contra as mulheres e à realização dos seus direitos sociais básicos, por exemplo, as áreas da saúde e da educação.

---

<sup>2</sup> Disponível em: [https://www.uab.cat/Document/858/325/Grau\\_EstudisGenere\\_guiaweb.pdf](https://www.uab.cat/Document/858/325/Grau_EstudisGenere_guiaweb.pdf). Acesso em:

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.elperiodico.com/es/sociedad/20180207/uab-tendra-curso-2018-2019-unica-carrera-sobre-feminismo-espana-6609060>. Acesso em:

<sup>4</sup> Disponível em: [http://www.generoediversidade.ufba.br/?page\\_id=126](http://www.generoediversidade.ufba.br/?page_id=126). Acesso em:

<sup>5</sup> Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/planonacional\\_politicamulheres.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/planonacional_politicamulheres.pdf). Acesso em:

Essas mudanças podem ser observadas na criação e na consolidação institucional da Secretaria de Políticas para as Mulheres em 2003.

Na Bahia, a Secretaria Estadual de Políticas para as Mulheres (SPM-BA) foi criada em 04 de maio de 2011, através da Lei 12.212<sup>6</sup>. Com a criação dessa Pasta, o Governo da Bahia atendeu à reivindicação da luta feminista e dos movimentos das mulheres, dando um importante passo na consolidação da democracia. De acordo com o site da Secretaria, são:

**Eixos prioritários:**

1. Economia e inclusão produtiva no campo e na cidade;
2. Empoderamento das mulheres;
3. Enfrentamento à violência;
4. Educação inclusiva e não sexista;
5. Saúde e Direitos Reprodutivos.

**Missão:**

Elaborar, propor, articular e executar políticas públicas para todas as mulheres, respeitando suas diferenças, com prioridade para as mulheres em situação de pobreza e/ou vulnerabilidade social, em todo o Estado da Bahia.

Portanto, a finalidade da criação do curso reforça a ideia de que a sociedade brasileira precisa de profissionais com uma formação que esteja absolutamente influenciada por essa discussão das questões de gênero, de raça e de etnia, orientação sexual etc. Lima (2012, p. 178) reforça essa ideia, ao abordar que:

[...] a criação e implantação do curso foi possível devido aos seguintes fatores: a eclosão das políticas públicas em gênero e educação nos contextos brasileiro e mundial; a perspectiva de abertura e de crescimento na Universidade Federal da Bahia com o Projeto “Universidade Nova: Reestruturação da Arquitetura Acadêmica da UFBA”; a atuação das professoras do NEIM<sup>7</sup> na criação e implantação do curso.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.mulheres.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=6>  
Acesso em: 25 jan. 2021.

<sup>7</sup> Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM). Página virtual: [https://www.ufba.br/estrutura/outros\\_orgaos/n%C3%BAcleo-de-estudos-interdisciplinares-sobre-mulher-neim](https://www.ufba.br/estrutura/outros_orgaos/n%C3%BAcleo-de-estudos-interdisciplinares-sobre-mulher-neim). Acesso em: INCLUIR UMA DATA.

Além do exposto, o contexto histórico e social das mulheres na sociedade, em especial no Brasil, demonstra o quanto as condições de igualdade, direitos civis e acesso à escolaridade tardaram a se efetivar para elas, que ainda na atualidade lutam por direitos que são considerados básicos. Apesar do grande avanço que a criação desse curso representa, faz-se necessário entender a aplicabilidade da prática e inserção no mercado de trabalho.

### **1.3 As estruturas do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade**

Ao longo desta pesquisa, levantamos questionamentos sobre o curso e o estabelecimento das relações de conhecimento e prática. O BEGD é uma graduação que se diferencia das outras por seu caráter temático, que já vem indicado no próprio nome do curso. O que temos como pretensão, através desta pesquisa, é provocar essa reflexão entre docentes e discentes e, quiçá, contribuir de alguma forma, para o aprimoramento do Bacharelado.

Incluímos nas nossas observações a dificuldade em encontrar referenciais teóricos que nos trouxessem informações a respeito da estrutura do curso, exceto por uma tese, que será elemento base do nosso estudo. Essa dificuldade representa, para nós, uma inviabilização dessa graduação e já emerge um desafio dessa carreira para além de sua profissionalização.

O BEGD teve sua primeira turma aprovada no vestibular em 2009, com habilitação em Bacharel(a) em Estudos de Gênero e Diversidade, sua unidade acadêmica é a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, *campus* de São Lázaro. O curso é reconhecido pelo MEC (D.O.U. Nº89, de 11/05/2016, seção I, p. 44), sendo avaliado com nota 4. Em diálogo com uma das docentes efetivas, foi-nos prometido o envio da avaliação recebida do MEC por escrito, mas, infelizmente, a professora adoeceu, o que tornou nosso contato inviável. Porém, informalmente, nos disse que havia observações relevantes que poderiam ser de grande ajuda para definir os desafios do curso.

A Universidade Federal da Bahia, como instituição localizada na Região Nordeste e no estado baiano, vinculada ao Ministério da Educação, ao oferecer essa nova graduação, efetivou as ações contidas tanto no *II Plano Nacional de Políticas para Mulheres* como nos protocolos assinados pelo governo brasileiro

e que serviram de referência para a construção dos supramencionados planos nacional e estadual. Com a criação desse curso, são oferecidas, anualmente, 50 vagas noturnas para profissionais se capacitarem em questões fundamentais para o cumprimento dos tratados firmados.

O BEGD tem durabilidade de 6 a 14 semestres, sendo 6 o mínimo a ser cursado; o curso apresenta competências e habilidades gerais, competências e habilidades específicas e competências valorativas e compromissos éticos. Tivemos acesso ao Projeto Político Pedagógico (PPP), que nos foi enviado pela coordenação do BEGD, por e-mail, em um documento com 10 páginas.

Segundo o PPP (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA; PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO, 2008), as competências e habilidades desenvolvidas pelo curso são:

**Competências e Habilidades Gerais:**

- Responsabilidade social e compromisso cidadão; Capacidade de comunicação oral e escrita; Habilidades no uso das tecnologias da informação e da comunicação; Capacidade de investigação; Capacidade de aprender e atualizar-se permanentemente; Capacidade de crítica e autocrítica; Capacidade para atuar em novas situações; Capacidade criativa; Capacidade para identificar, planejar e resolver problemas; Capacidade para tomar decisões; Capacidade de trabalho em grupo; Capacidade de motivar e conduzir para metas comuns; Compromisso com a preservação do meio ambiente; Compromisso com seu meio sociocultural; Valorização e respeito pela diversidade e multiculturalidade; Habilidade para trabalhar de forma autônoma; Capacidade para formular e gerir projetos com enfoque de gênero e diversidades; Compromisso ético; Compromisso com a qualidade; Capacidade de abstração, análise e síntese; Capacidade para aplicar os conhecimentos na prática; Conhecimentos sobre uma área de estudo ou profissão. (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA; PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO, 2008, p.5).

**Competências e Habilidades Específicas:**

- Realizar pesquisas e estudos sobre as imbricações das relações de gênero e suas interseccionalidades nos processos de desenvolvimento regional; refletir sobre processos de desenvolvimento regional a partir da perspectiva de gênero e suas interseccionalidades, contribuindo para a implementação de trabalhos, políticas, foros de debate com as organizações da sociedade civil e governamentais. Possibilitar o desenvolvimento de ações que envolvam diferentes instituições na elaboração, planejamento e execução de projetos de pesquisa, de

intervenção, de formação e de debate com foco na promoção do desenvolvimento regional, com equidade de gênero e raça/etnia. Desenvolver mecanismos e instrumentos de prevenção e combate à violência de gênero, doméstica e sexual; Assessorar projetos, ações e atividades direcionados aos meios de comunicações com vistas a um tratamento adequado de imagens das mulheres; Integrar equipes técnicas ou de estudos com a função de realizar a transversalização de gênero em projetos e atividades que visem o desenvolvimento regional; Desenvolver capacidades técnicas específicas na área de gênero e diversidades para atuação em projeto de desenvolvimento rural e urbano; (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA; PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO, 2008, p. 6).

**Competências valorativas e compromissos éticos:**

- Responsabilidade social e compromisso cidadão; Valorização e respeito pela diversidade e Consolidação dos valores democráticos na sociedade contemporânea. (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA; PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO, 2008, p. 6).

As habilidades gerais e as habilidades específicas são voltadas para a formação da cidadania e do preparo de um profissional que vise a equidade de gênero, raça/etnia e diversidade. Esse profissional deve possibilitar o desenvolvimento de ações que envolvam diferentes instituições na elaboração, planejamento e execução de projetos de pesquisa, de intervenção, de formação e de debate com foco na promoção do desenvolvimento regional. Além de valorizar o respeito pela diversidade e multiculturalidade, pela habilidade para trabalhar de forma autônoma e a capacidade para formular e gerir projetos com enfoque de gênero e diversidade. Percebemos que se trata de uma formação ampla que permite diferentes caminhos de atuação.

Podemos observar, conforme a tabela abaixo, que, apesar de o curso ser noturno, composto por 16 disciplinas obrigatórias, existe uma carga bastante ampla de optativas, o que possibilita aos discentes a oportunidade de ter um currículo diverso, em que é permitido escolher outros componentes para cursar.

**Tabela1:** Carga horária do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade

CARGA HORÁRIA - GÊNERO E DIVERSIDADE	
Disciplinas obrigatórias:	1.088 horas (16 disciplinas obrigatórias + Estágio e TCC)
Carga horária de Estágio Supervisionado Obrigatório:	408 horas
Carga horária de Trabalho de Conclusão de Curso:	136 horas
Disciplinas optativas:	884 horas (13 disciplinas)
<a href="#">Carga horária de atividades complementares*</a> :	200 horas
<a href="#">Carga horária de atividades*</a> :	204 horas

\*As atividades complementares e atividades incluem: participação em pesquisas, oficinas, seminários e outros eventos acadêmicos, exposições, produções técnicas e artísticas, etc. ([Barema](#)). A solicitação de registro das atividades complementares e atividades será realizada através de processo acadêmico no Núcleo de Atendimento ao Estudante - NAE.

CARGA HORÁRIA MÍNIMA DO CURSO: 2.700 horas  
CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO: 2.920 horas

Fonte: [http://www.generoediversidade.ufba.br/?page\\_id=42](http://www.generoediversidade.ufba.br/?page_id=42)

Além das disciplinas optativas e obrigatórias, o BEGD tem, em sua grade curricular, o estágio como item indispensável para a formação. Esse estágio aparece na grade a partir do 6º semestre e está dividido em Estágio Supervisionado I, II e III.

Tatiane de Lucena Lima, em sua tese de doutorado, faz uma retrospectiva da implantação do curso e da matriz curricular do BEGD, apontando algumas dificuldades desse processo. Para Lima (2012), no BEGD, é notório que a proposta curricular do curso constitui aquilo que Foucault (1987) chama de “manobra” inerente às redes de poder, já que o currículo é compreendido como instrumento de luta política capaz de transformar a realidade (LIMA, 2018, p.118).

Em sua tese, Lima afirma que o currículo das universidades foi criado para atender a uma identidade meritocrática e universalizada de sujeito: homem, branco, ocidental, cristão, heterossexual, de classe média. Assim, todos os outros sujeitos que não se encaixavam nesses modelos identitários, a exemplo da mulher, da criança, do índio, do negro etc., sofreram drásticas consequências e inúmeras repercussões históricas (LIMA, 2018, p.31).

Como o currículo pode atender a outras identidades historicamente invisibilizadas?

O currículo fala de alguns sujeitos e ignora outros; conta a história e saberes que, embora parciais, se pretendem universais; as ciências, as artes e as teorias trazem a voz daqueles que se auto atribuíram a capacidade de eleger as perguntas e construir as respostas que, supostamente, são de interesse de toda a sociedade (LOURO, 2005, p. 88).



A partir da leitura de Louro (2005), podemos concluir que isso ocorrerá com base em um currículo formativo, que dê ênfase aos sujeitos invisibilizados. Como exemplo, os ingressantes do BEGD, em seu primeiro ano, vão estudar Introdução aos estudos de gênero, Metodologia científica aplicada aos estudos de gênero, Relações de gênero nas sociedades contemporâneas, Política I, Gênero e relações de poder, Gênero e linguagem e Organização política do Brasil.

Lima (2012) acrescenta que a matriz do curso sofreu algumas mudanças e que é voltada para teorias feministas e debate político sobre gênero. A primeira matriz, aplicada à primeira turma (ano de 2009), que se refere à original do projeto, encontra-se anexada ao processo de autorização do curso. Já a segunda matriz, que começou a ser aplicada em 2012, sofreu ajustes em decorrência das 122 revisões permanentes do currículo julgadas necessárias em função do contexto e experiências formativas (LIMA, 2012, p. 121).

A proposta curricular é estruturada em torno de duas abordagens: gênero e políticas públicas. Não cabe a nós, nesta pesquisa, nos aprofundar na avaliação e demais questionamentos sobre o currículo, mas, para que pudéssemos entender o objetivo dessa graduação, utilizamos a grade curricular como um elemento de pesquisa. Lima (2012) já apresenta um estudo aprofundado a respeito do currículo e da importância da graduação como luta política na visibilidade da mulher em um espaço geralmente andrôcentrico e de resistência à epistemologia feminista. Cita ainda a possibilidade de inserção da representatividade feminina nos direcionamentos de políticas públicas, validando, assim, o que é posto no PPP sobre os egressos.

De acordo com o PPP, o discente que se graduar será um(a) Bacharel(a) analista em gênero e diversidade<sup>8</sup>, que vai se inserir em setores e agências de cooperação internacional, organismos internacionais, organizações governamentais e não-governamentais, órgãos e instituições públicas/privadas.

#### **Perfil do egresso segundo o Projeto Político Pedagógico:**

- O (A) concluinte do curso fará jus ao título de bacharel em Gênero e Diversidades, o que lhe possibilitará atuar no mercado de trabalho, como profissional qualificado, individualmente ou

---

<sup>8</sup> NEIM; UFBA. Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade. Disponível em: <<http://www.generoediversidade.ufba.br/>>. Acesso em: 02 dez. 2020

em equipes multidisciplinares em cooperativas, associações, sindicatos, empresas privadas ou públicas tanto no planejamento como na execução de atividades, ações, projetos, programas de desenvolvimento regional, políticas públicas em geral, que envolvam a abordagem de gênero e suas interseccionalidades. Deve-se destacar que com a implantação das ações do Plano Nacional de Políticas para Mulheres - 2008, criou-se uma demanda não contemplada de profissionais especializados em Gênero e Diversidades para atuar nas diversas esferas do Estado (União, Estado e Município). Salienta-se que as Leis e projetos instituídos pela União e pelo Estado e que justificam a necessidade de um (uma) profissional com esse perfil encontra-se anexo a este processo (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA; PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO, 2008, p. 4).

Percebemos com o PPP que o concluinte do BEGD será um profissional capacitado para atuar com questões extremamente atuais e importantes no debate social. Para Lima (2012, p. 90):

Entre outras contribuições, o BEGD promove o empoderamento das mulheres na medida em que constrói uma proposta pedagógica que visa atender a uma demanda por profissionais qualificados na área de gênero e diversidade, crescente pela multiplicação de secretarias, organizações do terceiro setor e outros organismos públicos específicos para as questões das mulheres e outras, em nível estadual e municipal.

A autora entrevistou as professoras fundadoras do curso e, de acordo com ela, foi possível verificar nas narrativas das entrevistadas a existência de resistências dentro da própria Universidade, na época, para a criação do curso.

As possíveis resistências dentro da Universidade para a implantação do curso foi um ponto crucial para a minha análise. A dificuldade na aceitação da proposição do curso perpassa o que Arroyo (2011) chama de tradição política e cultural extremamente segregadora dos coletivos humanos (LIMA, 2012, p. 92).

Quais os possíveis embates para a criação do curso? A existência dele abre possibilidades para a ampliação das visões e do diálogo sobre gênero dentro e fora da Universidade, sendo uma das grandes ferramentas para erradicação de desigualdades de gênero perpetuadas há anos. Se queremos pensar a educação como instrumento de transformação, é fundamental

enriquecer a diversidade em debates e vertentes teóricas, mostrando que questões de gênero são elementos chave para entender as relações sociais baseadas nas diferenças entre o masculino e o feminino, construindo, assim, uma análise que possa ampliar a visão da realidade, permitindo espaços para aprofundar na urgência dessas pautas.

Um curso que aborde questões de gênero e diversidade faz com que possamos ressignificar conceitos que não são ensinados e, geralmente, são mal interpretados pela sociedade. A maioria das pessoas não entende o que significa “sexismo” e não o encara como um problema estrutural. Além disso, grande parte das pessoas, de acordo com a autora feminista Bell Hooks, em seu livro *O feminismo é para todo mundo* (2019), o feminismo é uma questão apenas de mulheres em busca da igualdade e da possibilidade de usufruírem as mesmas condições do homem. Vemos a disseminação de outros pensamentos atrelados a uma concepção arcaica de que o feminismo é anti-homem. Para ela, a incompreensão dessas pessoas sobre políticas feministas reflete a realidade de que a maioria aprende sobre feminismo na mídia de massa patriarcal (HOOKS, p.18).

De fato, o sentimento anti-homem estava muito presente entre ativistas do início do feminismo, que reagiram com ira à dominação masculina. Essa raiva da injustiça foi o impulso para a criação do movimento de libertação da mulher (HOOKS, 2019, p.19).

Mesmo nos tempos atuais, o feminismo difundido na grande mídia é ilustrado por mulheres que são primordialmente brancas. Essas mulheres estão engajadas em pautas extremamente relevantes, porém, que não contemplam a amplitude e efervescência da luta feminista contemporânea. Analisamos que, um curso como o BEGD, que carrega a complexidade curricular para abordagem de “feminismos” de forma interseccional, utilizando-se das pautas raciais como fundo de discussão, é uma vitória para todas as mulheres de todas as peles. Trata-se de um elo que não se destina a falar unicamente das desigualdades sexuais, mas perpassa debates que são anulados e desqualificados em um processo persistente de indigência cultural.

No entanto, apesar da importância já citada e relevância incontestável, como estão se inserindo as pautas do BEGD na sociedade e, principalmente, no mercado de trabalho?

#### **1.4 O mercado de trabalho e as questões de gênero**

Sabendo que uma das competências do BEGD é entender as imbricações das relações de gênero e suas interseccionalidades como fundamentais para a sociedade e tendo em vista a prevalência feminina no curso, faz-se necessário deixar posto que a concepção de trabalho difere para cada indivíduo, dependendo da raça, do gênero e de sua posição social. Mulheres e mulheres negras no mercado de trabalho, por exemplo, é tema de constantes debates em movimentos de luta feminista.

A inserção das mulheres no mundo das profissões constitui-se recentemente e é tema de grande interesse quando se trata de discutir a igualdade de gênero na sociedade brasileira contemporânea. A divisão sexual do trabalho, por exemplo, é a distribuição desigual das atividades produtivas e reprodutivas entre homens e mulheres na sociedade. Tradicionalmente, as tarefas relacionadas à produção eram atribuídas aos homens, enquanto as atividades reprodutivas, como cuidar dos filhos e da casa, eram vistas como responsabilidade exclusiva das mulheres.

Essa divisão desigual gera desigualdades de gênero, como a desvalorização do trabalho feminino e a sobrecarga das mulheres com dupla jornada e deixa de ser vista como um processo natural para ser entendida como uma expressão da disparidade das relações entre homens e mulheres.

Mulheres e homens detêm vivências e experiências desiguais junto ao trabalho, as quais são fundamentadas na forma como são educados e socializados, mediante as construções de estereótipos e papéis sociais atribuídos às diferentes categorias de sexo. Tais experiências e vivências resultam, por um lado, reificantes para as mulheres e, por outro, vantajosas para o sistema patriarcal/capitalista (DUARTE; SPINELLI, 2019, p. ).

Ao longo das últimas décadas, as inúmeras reflexões sobre as condições da mulher possibilitaram um desenho mais detalhado sobre as diferentes formas

com que elas participam do trabalho e da permanência de questões raciais que estruturam esse contexto no capitalismo patriarcal e racista. Helena Hirata (2018) analisou as condições das mulheres e a concepção de trabalho a partir da abordagem de classe, apresentando o feminismo materialista para, em seguida, abordar o tema do trabalho das mulheres. Segundo a autora, o feminismo materialista se interessa pelas relações de poder que se estabelecem atreladas às relações de exploração, opressão e de dominação entre homens e mulheres.

De acordo com Hirata, a divisão sexual do trabalho profissional e do trabalho doméstico expõe a divisão sexual do poder e do saber, sendo definitivamente necessário entender esse cenário para abordar a corrente do feminismo materialista. “Para nós não existe uma formação social ‘patriarcado’, separado do ‘capitalismo’. Preferimos falar em capitalismo patriarcal. Ou, como bem formulou Danièle Kergoat, ‘Patriarcado e capitalismo se combinam e exploram dominando e dominam explorando’” (HIRATA, 2018, p.16).

Mas, quando tratamos do significante das palavras “concepção de trabalho”, é necessário lembrar, ainda, que esse conceito vai ser interpretado de forma diferente a depender não somente da posição social, mas também da raça.

As mulheres não estiveram fora do mercado na mesma medida. Para as mulheres negras, por exemplo, submetidas a condições de vida significativamente mais precárias, a “alternativa” de manter-se fora do mercado apresentou-se com muito menos intensidade e, desde muito cedo, estas mulheres trabalhavam fora de casa para trazer renda às famílias, ainda que esta renda fosse, já naquele momento, percebida como adicional, secundária ou complementar (IPEA, 2016, p.5).

Cabe ressaltar, ainda, que se entendermos o conceito de trabalho que fundamenta a produção de estatísticas no país como sendo de produção e de mercantilização, vamos perceber que a produção de bens e serviços não remunerados fica invisibilizada e entendida como atividade não produtiva. Ou seja, o trabalho executado pelas mulheres nos lares domésticos não entra na “concepção de trabalho”, o que confere a elas a condição de inativas, caso

também não desenvolvam atividades no mercado de trabalho. Muitas mulheres, além de trabalhar fora, precisam realizar as tarefas domésticas, que poucas vezes são compartilhadas igualmente entre os familiares.

Historicamente, a emancipação da mulher e a sua atuação no mercado de trabalho ocorrem, principalmente, após a metade do século XX, sendo intensificada após a ascensão do capitalismo, que, cada vez mais consolidado, amplia um processo de modificações estruturais no trabalho e nas suas funcionalidades.

A mulher, saindo de casa, passa a se dividir entre trabalho remunerado e trabalho não remunerado, o que resulta na notória permanência da divisão sexual e racial do trabalho e perpetua as grandes barreiras para o combate às estruturas da divisão social do trabalho no sistema capitalista patriarcal e racista. Essa forma de divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio de hierarquização (um trabalho de homem “vale” mais do que um trabalho de mulher). Eles são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço (KERGOAT, 2000, p. 55).

Dados divulgados em junho de 2020 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>9</sup>, apontados pela pesquisa de gênero (indicadores sociais das mulheres no Brasil), mostram que as mulheres acabam por dedicar mais horas do dia ao cuidado com o outro e aos afazeres domésticos do que os homens. Esse levantamento analisou os afazeres domésticos, o cuidado com pessoas, o trabalho voluntário e a produção para consumo próprio. Ainda de acordo com a pesquisa, esse “trabalho invisível” e não remunerado sobrecarrega as mulheres, que se dedicam cerca de 20 horas semanais a esse tipo de atividade e boa parte, inclusive, tem a jornada de trabalho remunerado para cumprir.

Contudo, muitas mulheres se dedicam ao trabalho doméstico como trabalho remunerado e, nesse ponto, inserimos a discussão sobre questões raciais, visto que, fundamentalmente, esse trabalho é executado por mulheres negras. Em 2018, 6,2 milhões de pessoas tinham como ocupação o serviço

---

<sup>9</sup> O documento completo pode ser acessado no site <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html>

doméstico remunerado, que assume variadas formas, como as atividades desempenhadas por diaristas, babás, jardineiras(os) e cuidadores. Ao todo, 92% (5,7 milhões) eram mulheres, das quais 3,9 milhões eram negras segundo dados do IBGE<sup>10</sup>. A única esperança genuína de libertação feminista está em uma visão de mudança social que desafia o elitismo. Mulheres até podem adquirir mais poder de trabalho, contudo, surge uma maior desigualdade de gênero, porque um patriarcado de supremacia branco global escraviza e/ou subordina multidões de mulheres do terceiro mundo (HOOKS, p. 73, 2019).

Além disso, as mulheres ainda precisam enfrentar outros desafios ao longo da busca por carreiras profissionais: salários inferiores, dificuldade de empregabilidade por ter filhos e um mercado mais acessível aos homens em algumas carreiras por serem historicamente consideradas profissões masculinas. São muitos desafios e obstáculos a serem desconstruídos. Há muito tempo, grupos sociais lutam por um espaço na sociedade, seja nas universidades, por direitos individuais, no mercado de trabalho, ou por igualdade de gênero.

Atualmente, devido à pandemia de COVID-19<sup>11</sup>, tivemos uma forte recessão econômica e, de acordo com o Ministério da Economia, de 2021, o mercado de trabalho formal, em 2020, reagiu, mas em ritmo diferente para homens e mulheres. Os dados desse período do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)<sup>12</sup> mostram que as contratações do sexo masculino subiram em relação às do sexo feminino. As mulheres perderam ainda mais espaço nos empregos formais, em contrapartida, o mercado de trabalho para homens, considerando todos os setores, já se recuperou.

De acordo com Barbosa, Costa e Hecksher (2020), as mulheres foram afetadas de forma diferenciada na crise, um dos motivos está relacionado à ausência de atividades escolares presenciais dos filhos e ao aumento das atividades domésticas. Os mais afetados, em termos de perda de ocupação,

---

<sup>10</sup> Acesso: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-12/ipea-trabalho-domestico-e-exercido-por-mulheres-mais-velhas>

<sup>11</sup> A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. Ela foi identificada pela primeira vez na cidade de Wuhan, na China, em dezembro de 2019, e se espalhou rapidamente por todo o mundo, sendo declarada uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde em março de 2020.

<sup>12</sup> Disponível em: [https://static.poder360.com.br/2020/11/sumario\\_outubro\\_caged-26nov2020.pdf](https://static.poder360.com.br/2020/11/sumario_outubro_caged-26nov2020.pdf)

ainda de acordo com o artigo citado, foram as mulheres, os mais jovens, os pretos e os com menor nível de escolaridade. No entanto, a história da desigualdade de gênero no setor laboral não é atual.

As mudanças no mercado de trabalho e os diversos debates sobre empregabilidade e igualdade de gênero vêm transformando o pensamento social e trazendo à tona a necessidade de uma demanda de profissionais que atuem e sejam capacitados para lidar com essas perspectivas.

Durante muitos anos, a ausência de mulheres em posições de evidência no espaço público do trabalho era frequente. Atualmente, elas estão ocupando algumas dessas posições, ainda que com a persistência da exclusão velada, a não igualdade de oportunidades e o desequilíbrio salarial em relação aos homens. Entretanto, esse já é um tema muito difundido, por isso, a criação de uma nova profissão que pense especificamente nas mulheres e em toda a diversidade, buscando uma educação mais justa e igualitária, além de ser transformadora é uma ruptura com conceitos pré-estabelecidos.

Ao longo desta pesquisa, buscamos dados que nos auxiliassem na elaboração e na análise dessa carreira, mas, percebemos uma escassez de material relacionado ao tema, o que não nos permitiu ter acesso a resultados sociais apresentados até aqui, tampouco analisar a carreira traçada pelos egressos após a conclusão do curso. Não há dados para que possamos comparar, refletir e apurar sobre as dificuldades enfrentadas na carreira. Essa escassez de informações acerca do BEGD nos levou a diversos questionamentos, que tentamos suprir e entender com nossa pesquisa. Cientes da inevitável lacuna de documentos que pudessem ser referenciados e da falta de acesso a dados, tentamos nos aprofundar sobre o BEGD de maneira científica com dados qualitativos e quantitativos que recolhemos. Consideramos salutar, porém, a ampliação e o desenvolvimento desse estudo para que posteriormente não seja tão inextricável e privativo.

## **1.5 Análise do BEGD**

Neste momento, tratamos, brevemente, sobre como demos nossos primeiros passos para o desenvolvimento desta pesquisa e quais os caminhos trilhados por nós, que sequenciaram e direcionaram nosso estudo. Lembramos



que esta pesquisa se inicia presencialmente e, no meio do percurso, tivemos o período de isolamento social pela COVID-19.

Quando pensamos o projeto, inicialmente, nossa ideia de pesquisa era a realização de um trabalho estruturado nos egressos do BEGD e na sua atuação profissional no mercado de trabalho, enfatizando as dificuldades e as carreiras que teriam sido trilhadas por eles. Nossa intenção era comparar o PPP com a prática profissional e verificar se a carreira, de fato, segue o proposto desde a sua criação. No entanto quando demos início à busca por informações, esbarramos em um problema que não apenas dificultou, como impossibilitou a idealização desse objetivo: o isolamento social, que não permitia que pudéssemos buscar nada sobre os egressos, visto que o colegiado do BEGD também estava trabalhando de maneira remota e todos os dados referentes a discentes e egressos estavam no departamento.

Assim que foi possível, recebemos da coordenação do BEGD a lista de todos os estudantes matriculados desde 2009 até 2021. Quando começamos nossa exploração do material, nos deparamos com mais um desafio: até 2021, contávamos com 26 egressos e mais 3 possíveis em vias de formação, logo, esse seria nosso público. Na tentativa de manter nosso objetivo, buscamos, através dos nomes, alguma informação na internet, como telefone, redes sociais ou alguma plataforma que nos desse acesso a esses egressos, na tentativa de agendar uma conversa. Todas as nossas tentativas foram em vão, obtivemos cerca de 2 respostas afirmativas e nenhum outro retorno.

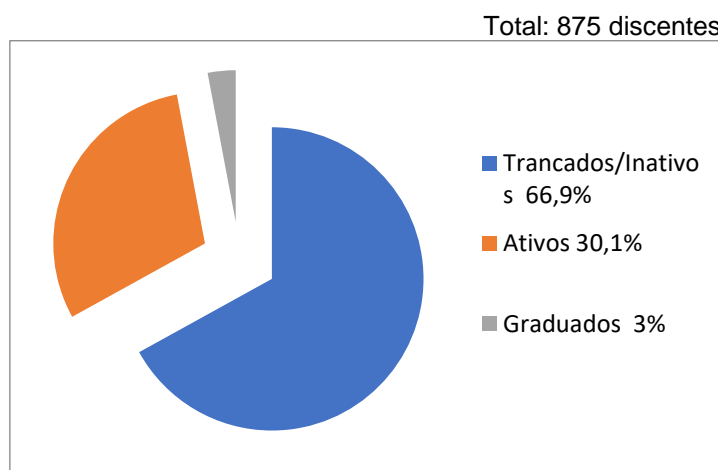
Dessa maneira, foi necessário reformular nosso trajeto para que pudéssemos, com o que havíamos recebido, transformar nosso objetivo e continuar com a pesquisa. Para isso, realizamos um levantamento prévio a respeito de todos os discentes do curso e achamos essencial incluir os dados sobre os egressos nesta dissertação, embora não seja mais nosso objeto de estudo, tais resultados apresentam os caminhos irrefutáveis e factíveis sobre a pesquisa.

A coordenação do curso, que, gentilmente, nos forneceu os dados dos estudantes matriculados e dos egressos até a data do contato final, nos apresentou a seguinte informação quantitativa: no BEGD, temos 875 discentes, que representam a totalidade de ingressos desde 2009 até 2021, sem distinguir entre os ativos/inativos, egressos e trancados.

Com os dados em mãos, os analisamos e os dividimos por categorias, sendo: 586 discentes que pertencem ao grupo de trancados/inativos, 263 discentes que estão ativos e 26 que representam os egressos. Os egressos contabilizam 3% do todo no número de discentes, sendo, portanto, nosso recorte inicial de pesquisa.

Porém, os poucos egressos do curso com os quais conseguimos contato, como mostraremos a seguir, não representam um número significativo, que validasse nosso estudo. Não conseguimos os dados pessoais ou qualquer contato para que pudéssemos estabelecer algum vínculo com eles. Dessa forma, achamos mais prudente e eficiente modificar o objetivo e reconstruir nossa pesquisa com os dados que tínhamos acesso. Fizemos uma divisão analítica e categórica do BEGD conforme o gráfico abaixo:

**Gráfico 1:** Número total de estudantes divididos em trancados-inativos, ativos (matriculados) e egressos.



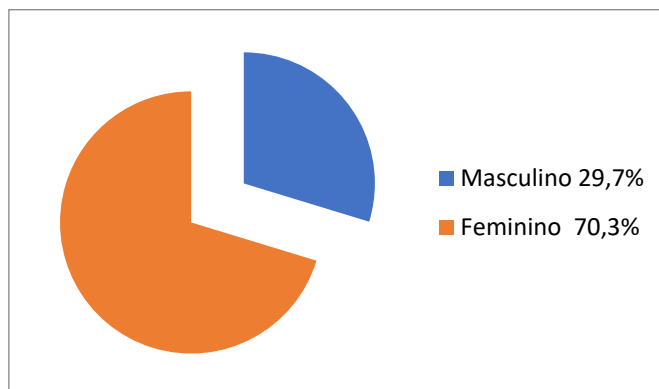
Fonte: Elaborado pela autora.

O gráfico demonstra um curso que possui uma quantidade expressiva de evasões e trancamento, sendo 66,9% os discentes que abandonaram ou trancaram o curso. Para refinar ainda mais nossa análise, fizemos a distribuição dos discentes de acordo com o sexo biológico, levando em consideração ser uma informação limitada e restrita ao binarismo social, visto que não temos acesso à identidade de gênero dos discentes. Conseguimos apenas uma lista com o nome completo e o número de registro universitário, sendo assim, ressaltamos que a divisão em sexo biológico feminino e sexo biológico masculino ocorreu a partir do olhar sobre o popularmente conhecido “nome de menina” e

“nome de menino”. A coordenação do BEGD não orientou a respeito de nome social ou de pessoas transsexuais.

Sendo assim, dos 875 estudantes, encontramos 70,3% do sexo feminino (615 discentes) e 29,7% do sexo masculino (260 discentes). Conforme apresentado no gráfico abaixo:

**Gráfico 2:** Número total de estudantes divididos por sexo



Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dessas informações e com muitas dúvidas a serem respondidas, passamos a entender e definir o que seria a carreira de Bacharel em Estudos de Gênero e Diversidade. Como se entende essa profissão? O que se espera desse profissional? Como essa graduação é vista pelos discentes?

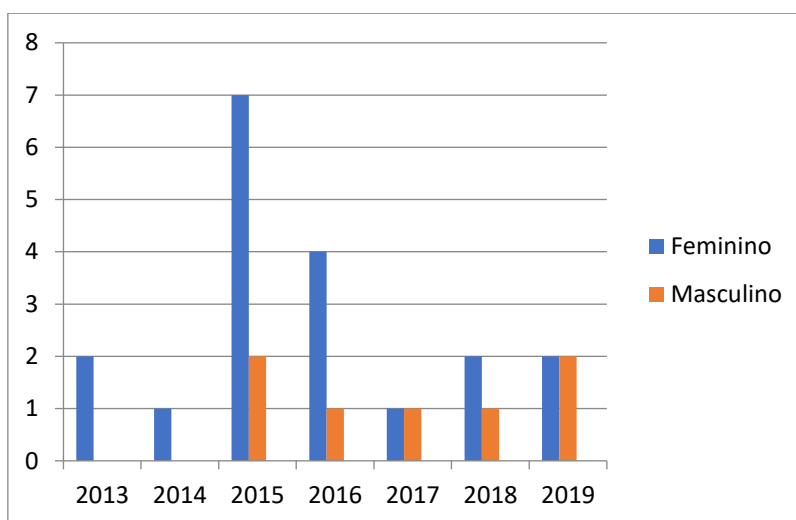
Vale considerar que existe um olhar cultural sobre a Universidade como “formadora” de profissões, logo, o estudante que ingressa nesse ambiente está em busca de uma carreira a seguir, de uma área de conhecimento com a qual se identifica e sente a necessidade de se aprofundar para “melhorar de vida”. Nesse entendimento, espera-se que, ao sair formado, esse estudante vá construir e estruturar sua vida profissional, tendo como base a escolha da área de estudo.

No entanto, percebemos a partir de nossa análise, que no BEGD o maior quantitativo de discente representa aqueles que desistem dessa profissão como carreira específica, trancando ou simplesmente desistindo do curso por diversos motivos, até então desconhecidos. Destacamos nossa inquietude quanto a esses dados, mas somos honestos em firmar compromisso com outras demandas, visto que necessitamos de mais tempo para executar uma análise tão valiosa.

Ao propor analisar a educação superior advinda de políticas governamentais sob uma perspectiva crítica, devemos nos atentar à busca por ultrapassar a descrição dos fatos e perceber as dificuldades e os desafios encontrados nesse curso para além da Universidade, de forma macrossocial, entendendo e definindo os acontecimentos políticos como fundamental para o andamento de projetos como o BGED.

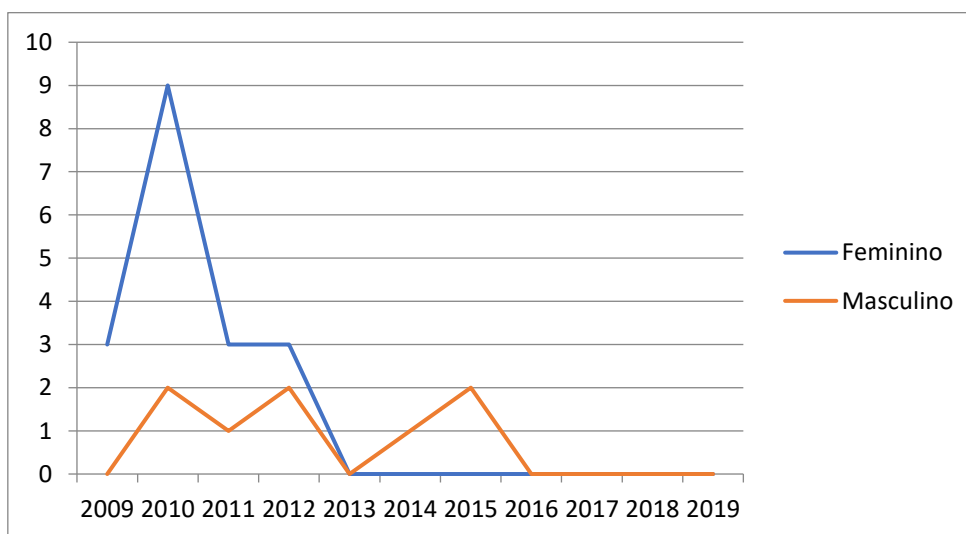
Os gráficos a seguir são referentes aos egressos por ano e egressos por ano de ingresso, respectivamente. Fez-se necessário discutir esses dados para entender um pouco mais sobre o BGED.

**Gráfico 3: Egressos por ano**



Fonte: Elaborado pela autora.

**Gráfico 4: Número de egressos por ano de ingresso**



Fonte: Elaborado pela autora.

Percebe-se, inevitavelmente, que o sexo feminino segue sendo o mais presente entre os graduados e que o ano que mais graduou estudantes foi o de 2015, seguido pelo ano de 2016 conforme o gráfico 4. Nota-se, nesta análise, que os ingressos que mais se formaram são referentes ao ano de 2010, referente à segunda turma do BEGD.

Analisamos, ainda, através dos gráficos construídos, o tempo médio de conclusão do curso, baseado no ano de ingresso/ano de saída. O tempo médio que os egressos levaram para finalizar o curso foi de 6 anos, o que equivale a 12 semestres cursados. Notamos que depois de 2015, ocorre uma baixa de egressos, principalmente, do sexo feminino, o que fica evidente na gráfico 4, sendo que, de 2016 até 2019 não tivemos nenhum graduado e os anos seguintes não foram analisados devido ao isolamento social.

Já sabemos, portanto, a partir desse quantitativo, que nós temos um desafio já posto para a existência do curso: formar profissionais. Trouxemos até aqui discussões que legitimam, que dão a devida importância e relevância à existência do BEGD para a sociedade, de forma inegável e indiscutível, abordamos o papel fundamental da mulher e o que ela representa para o século XXI. Contudo, é preciso ponderar e lapidar, a partir do que foi posto, o que pode ser melhorado para que o curso crie uma demanda de egressos, de matriculados ativos e, o mais importante, que crie profissionais atuantes no mercado de trabalho para dar sequência ao que é proposto para a carreira.

## 2. Capítulo 2: Procedimento Metodológico

Passamos, então, a traçar caminhos para entender melhor o BEGD, realizar o levantamento do perfil dos discentes e reunir material que nos fornecesse ferramentas para a pesquisa.

Definimos como público-alvo os discentes do BEGD de diferentes semestres e, como nossa pesquisa foi iniciada em um período de pandemia, ainda com isolamento social, foi inviável a relação com os estudantes de forma presencial. Traçamos algumas estratégias remotas e tecnológicas para conseguir esse contato e, dessa maneira, seguir com a nossa proposta de pesquisa. Para acessar algumas informações necessárias, construímos um questionário exploratório no *Google Forms* e um roteiro de entrevista semiestruturada.

Em um primeiro momento, encaminhamos o questionário do *Google Forms* a todos os discentes pelo e-mail institucional, para isso, tivemos a ajuda da secretaria do curso do BEGD, que nos auxiliou, para que assim, todos os matriculados tivessem acesso e, dessa forma, pudéssemos obter um número relevante de respostas.

Esse instrumento de pesquisa foi construído em um único documento dividido em duas partes: um questionário semiestruturado com 10 questões fechadas para dar conta dos fatores sociodemográficos (idade, sexo, orientação sexual, raça, escolaridade etc.) seguido de 8 questões abertas para relatar algumas experiências, motivações, perspectivas e desafios dos discentes com a graduação. Apesar do tempo longo para que pudéssemos alcançar um número favorável de discentes, logramos 108 respostas, o que corresponde a uma parcela muito próxima de 40% dos estudantes ativos até 2022.

Em um segundo momento, realizamos entrevistas semiestruturadas, que foram gravadas pela plataforma *Google Meet*, apenas com os discentes que se dispuseram a participar dessa etapa. Lamentavelmente, não foram muitos os que aceitaram, por razões diversas, principalmente, relacionadas ao tempo da pesquisa.

Para realizar essas entrevistas, submetemos nosso projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEPEE) e assim que tivemos o seu aceite, começamos a entrar em contato com os discentes. Vale frisar que todos os entrevistados assinaram o aceite de sua participação, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em anexo neste documento.

Durante mais de 3 meses, ainda pandêmicos, buscamos os estudantes para a realização dessa etapa e a conclusão desse momento. Porém, devemos ressaltar a dificuldade de acesso aos discentes, pois muitos não tinham tempo disponível, alguns não tinham acesso à internet para se conectar em casa e outros não deixaram o contato correto para que pudéssemos encontrá-los. Ainda assim, conseguimos agendar 15 entrevistas, das quais 10 foram realizadas com sucesso.

Essas entrevistas foram gravadas, individualmente, pelo *Google Meet* e duraram cerca de 40 a 50 minutos, tempo em que deixamos o participante confortável para expor suas experiências e vivências com o curso sem interrupções bruscas. Apesar da condução mais espontânea, a entrevista foi direcionada por 4 eixos que nortearam todo o processo de diálogo para que não nos afastássemos do objetivo proposto.

Os eixos norteadores foram divididos em: 1. Questões pessoais, 2. Ingresso e motivações para cursar o BEGD, 3. Mercado de trabalho/questões laborais do BEGD e 4. Pontos e observações sobre o curso. Tais eixos foram definidos a partir dos objetivos geral e específico da nossa pesquisa, que são entender os desafios dessa graduação e traçar o perfil dos discentes.

As entrevistas não tiveram uma ordem de questões definidas, e sim, uma coleta espontânea de informações, caso o participante deixasse de citar algo que achássemos necessário e relevante, ele era direcionado com uma pergunta do eixo. Devemos ressaltar que a condução das entrevistas ocorreu, de fato, de forma bastante livre e fluida, inclusive, de maneira surpreendente, pois os entrevistados foram extremamente comunicativos e abertos.

A coleta de dados por meio de entrevistas tem sido um procedimento amplamente utilizado em pesquisas em ciências humanas para análise qualitativa. Segundo Manzini (2012), para alguns, ela é designada como um método, para outros, um instrumento de pesquisa, e, para outros, uma técnica. O importante, independentemente da abordagem teórica adotada, principalmente quando a entrevista é do tipo semiestruturada, são os necessários cuidados que envolvem questões da linguagem e o roteiro a ser utilizado, que necessita ser planejado cuidadosamente (MANZINI, 2012).

## 2.1 Método de análise:

Nosso método de análise foi construído e estruturado pensando na melhor organização para analisar o conteúdo do *Google Forms*, tanto as questões abertas quanto as questões fechadas, além das 10 entrevistas gravadas. Para tanto, dividimos esse estudo em dois momentos indissociáveis: primeiro fizemos a análise dos dados obtidos via *Google Forms* e, posteriormente, a análise das entrevistas.

Para o material obtido pelos questionários, criamos gráficos no Excel e tabelas que reproduzissem nossos resultados em números e figuras de maneira que ficasse visível a apresentação. O material colhido pelo *Google Forms* foi analisado em duas etapas: material exploratório 1 (questões fechadas) e material exploratório 2 (questões abertas). Apesar da indissociabilidade dessas duas etapas, elas foram conduzidas separadamente. Dedicaremos um capítulo desta dissertação para a elucidação dos dados.

As entrevistas, que chamaremos de material exploratório 3, foram realizadas uma por dia, em dias aleatórios, sendo gravadas e conduzidas por mim, na condição de pesquisadora responsável. Com todo o material já pronto, foi necessário realizar a transcrição das gravações e, de forma fidedigna, preferimos usar como recurso a ferramenta *Sonix.ai*, site que tem como funcionalidade transformar vídeos/áudios longos em documentos de formato Word. Esse site reproduz cada fala e separa os sujeitos da entrevista, preparando a transcrição em documento Word editável, elemento necessário, pois, por tratar-se de uma tecnologia, é preciso aferir os detalhes para ter certeza de que está coerente. Como possuíamos um pouco mais de 10 horas de gravação, optamos pela utilização dessa ferramenta, que nos proporcionou agilidade no processo de transcrição.

Na sequência, optamos pelo uso do software *Atlas.TI* para apoiar a etapa de análise dos resultados das entrevistas. Sendo uma ferramenta de análise qualitativa com grandes corpos de dados textuais, gráficos, áudio e vídeo, esse software nos ajudou a aplicar uma análise de organização do material de forma sistemática. O *Atlas.TI* pode ser empregado em diferentes tipos de pesquisa, pois é flexível, podendo ser adaptado conforme os dados, objetivos e estratégia de cada pesquisa.

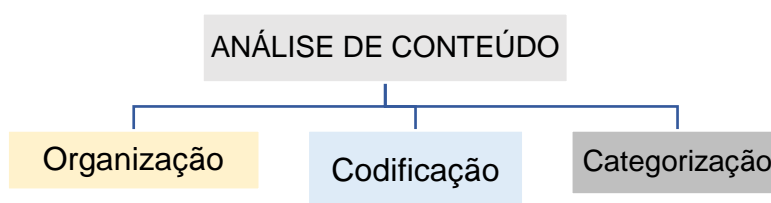


Contudo, o *Atlas TI* é mais bem aproveitado em pesquisas qualitativas e subjetivas, que sejam, no mínimo, um pouco estruturadas, como é o nosso caso. Segundo Walter *et al* (2015), esse software teve sua primeira edição comercial em 1993 e, desde então, passou a ser empregado por diferentes áreas de conhecimento, como educação e administração, e em variados tipos de estudos, primeiramente pela *Grounded Theory* e, atualmente, por outras metodologias, como a análise de conteúdo.

Esta pesquisa, na interpretação do material coletado, selecionou a aplicação da análise de conteúdo, técnica descrita por Laurence Bardin (1986), sob a designação de análise categórica nas três etapas de execução: organização, codificação e categorização. Conforme a definição a seguir:

### Análise em 3 etapas:

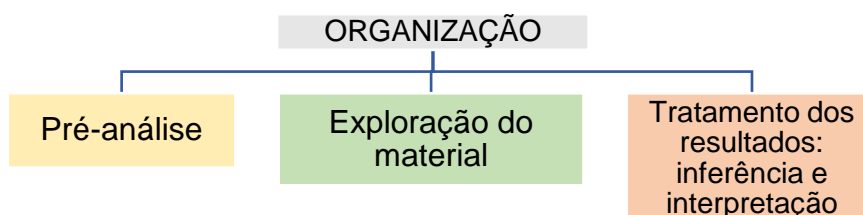
**Figura 1:** Representação da análise de conteúdo



De acordo com Bardin (2002), a análise de conteúdo consiste em técnicas de análise de mensagens por meio de procedimentos objetivos e sistemáticos, podendo ser qualitativos ou quantitativos, que admitam inferência a respeito do conteúdo da mensagem. Nossa pesquisa contou com as seguintes etapas:

### Etapa 1:

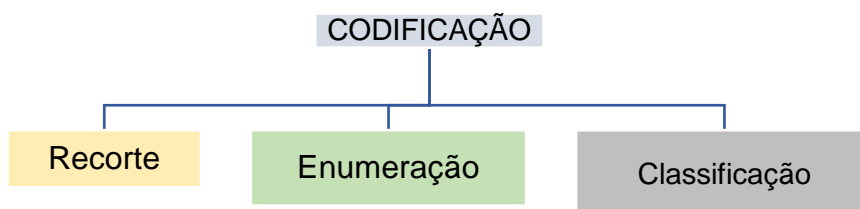
**Figura 2:** Representação da etapa Organização



Segundo Bardin, a organização (primeira etapa) está dividida em três diferentes fases: a pré-análise; a exploração do material e o tratamento dos resultados juntamente com a inferência e a interpretação. A pré-análise consiste na organização do material e na sua sistematização. Na exploração do material, codificamos alguns indicadores e analisamos os dados coletados, criando classificações. Para o tratamento dos resultados, criamos uma tabulação para a análise.

## Etapa 2:

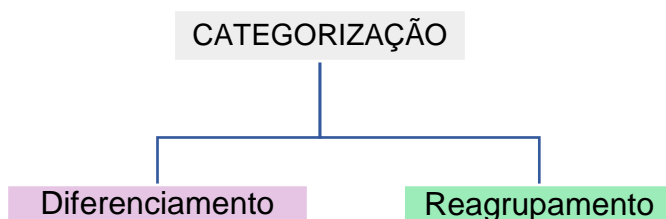
**Figura 3:** Representação da etapa Codificação



A etapa da codificação corresponde a uma transformação feita nos dados brutos do texto, transformando e buscando atingir uma representação do conteúdo de forma sistemática. A organização da codificação compreende três escolhas: O recorte: escolha das unidades; A enumeração: escolha das regras de contagem; A classificação e a agregação: escolha das categorias.

## Etapa 3:

**Figura 4:** Representação da etapa Categorização



Já a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, na sequência, por reagrupamento segundo o gênero, com os critérios previamente definidos. Utilizamos os dados codificados para analisar nosso objeto de estudo e conseguir uma pesquisa qualitativa, que fornecesse dados para entender o que havíamos proposto.

O roteiro de entrevistas foi definido e validado, pensando em abranger o máximo de questões que nos direcionassem a responder nossos objetivos geral e específico. Vale ressaltar que é fundamental ter instrumentos adequados para coletar dados em uma pesquisa, dessa forma, teremos dados coerentes e uma pesquisa com capacidade para medir de fato o que se propõe medir, o que possibilitará a sua credibilidade e confiança.

### **Material norteador da entrevista semiestruturada**

**Tabela 2:** Entrevista semiestruturada - Questões do eixo 1

<p>EIXO 1</p> <p><b>Questões pessoais</b></p> <p>01- Nome e idade e profissão (se tiver).</p> <p>02- Qual semestre você está?</p> <p>03- Quantos anos você tem?</p> <p>04- É sua primeira graduação? Se não, qual é sua primeira graduação?</p> <p>05- Qual a sua perspectiva com o bacharelado em gênero?</p>
--

**Tabela 3:** Entrevista semiestruturada - Questões do eixo 2

<p>EIXO 2</p> <p><b>Ingresso e motivações para cursar o BEGD</b></p> <p>06- Como foi seu ingresso no BEGD? Cotas, transferência ou outra?</p> <p>07- Como você ficou sabendo sobre a existência do curso?</p> <p>08- Descreva como você ingressou no curso.</p> <p>09- Quais motivações te levaram a esse curso?</p>
--

**Tabela 4:** Entrevista semiestruturada - Questões do eixo 3

EIXO 3

**Mercado de trabalho para o curso e questões laborais**

- 10- Em qual área você pretende atuar no mercado de trabalho depois de se formar?
- 11- Conhece alguém que trabalhe com alguma área relacionada a gênero e diversidade?
- 12- Para você qual contribuição do curso para o mercado de trabalho?

**Tabela 5:** Entrevista semiestruturada - Questões do eixo 4

EIXO 4

**Pontos e observações sobre o curso**

- 13- Quais as principais observações sobre o curso?
- 14- Na sua visão quais os principais obstáculos para o enfrentamento desta graduação?
- 15- Qual característica mais lhe interessa sobre o curso?
- 16- Tem mais alguma coisa que gostaria de acrescentar?

### 3. Capítulo 3: Apresentação dos resultados obtidos

#### 3.1 Levantamento do perfil dos discentes do BEGD

Para elaborar o perfil dos discentes, como abordado na metodologia, uma das ferramentas utilizadas nesta pesquisa foi o formulário do *Google Forms*, que nos permitiu coletar dados quantitativos e qualitativos de estudo desse perfil. Algumas características do *Google Forms* são a possibilidade de acesso em qualquer local e horário, a agilidade na coleta de dados, a análise dos resultados e em especial a análise de dados estatísticos, facilitando o processo de pesquisa. Podemos incluir como vantagens os resultados, que são organizados em forma de gráficos e planilhas, proporcionando um resultado quantitativo de forma mais prática, facilitando sua análise.

Esta pesquisa contou com 108 respostas, que foram analisadas de forma qualitativa e quantitativa. No primeiro momento, buscamos traçar o perfil dos discentes, sendo possível observar um panorama bastante amplo nesse quesito. Tal perfil corrobora com a proposta do curso, que é abarcar a diversidade e promover a inclusão social de várias maneiras, pois esse é um dos aspectos mais importantes do perfil: ele é composto pela diversidade de gênero, geração, raça, classe, sexualidade etc., conforme demonstramos a seguir.

#### 3.2 Material Exploratório 1: Questões fechadas do *Google Forms*

No material exploratório 1, apresentamos as análises feitas a partir das questões fechadas. Abaixo, segue a sequência de perguntas que fizeram parte dessa etapa e que nos proporcionou a análise socioeconômica:

**Tabela 6:** Questões fechadas do *Google Forms*

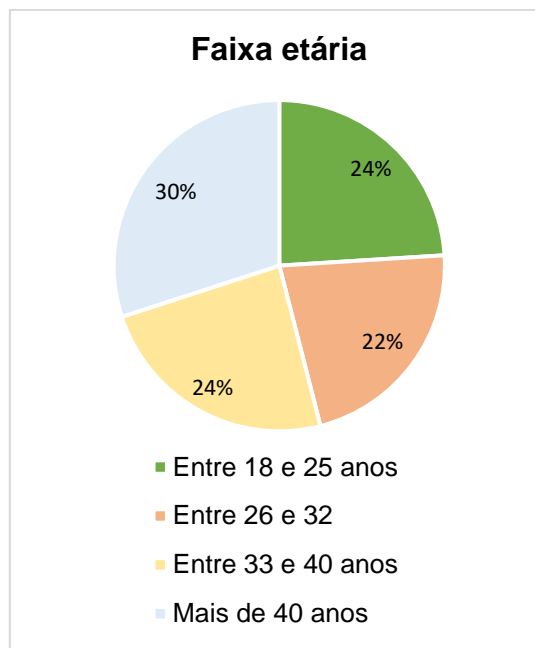
Questões Fechadas *Google Forms*:

- 1- Nome completo / Nome social
- 2- E-mail para contato
- 3- Idade
- 4- Sexo biológico
- 5- Identidade de gênero
- 6- Raça/ local de nascimento

- 7- Escolaridade do pai/mãe
- 8- Renda familiar
- 9- Em que tipo de escola cursou o ensino médio?
- 10- Seu ingresso na graduação se deu por ações afirmativas?

A partir desse material, verifica-se, figurada nos gráficos abaixo, a relação de faixa etária dos discentes bastante equilibrada e nada heterogênea. Porém, ainda assim, é possível observar um aumento de 5% na faixa etária, que corresponde a estudantes com mais de 40 anos e uma predominância de 76% de estudantes acima de 26 anos.

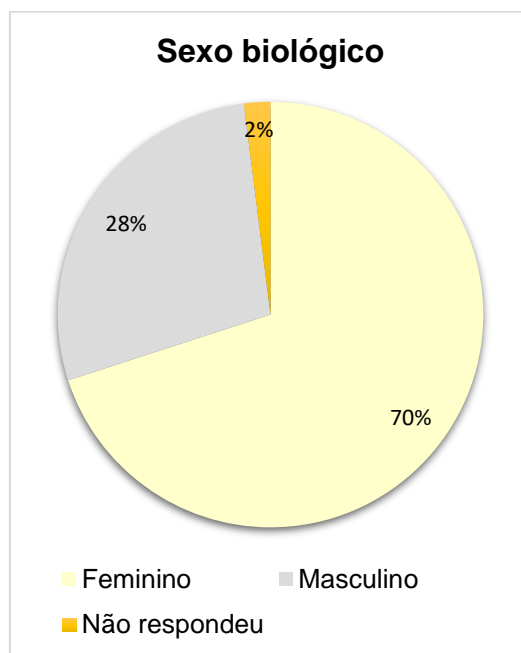
**Gráfico 5:** Faixa etária do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade



Fonte: Elaborado pela autora.

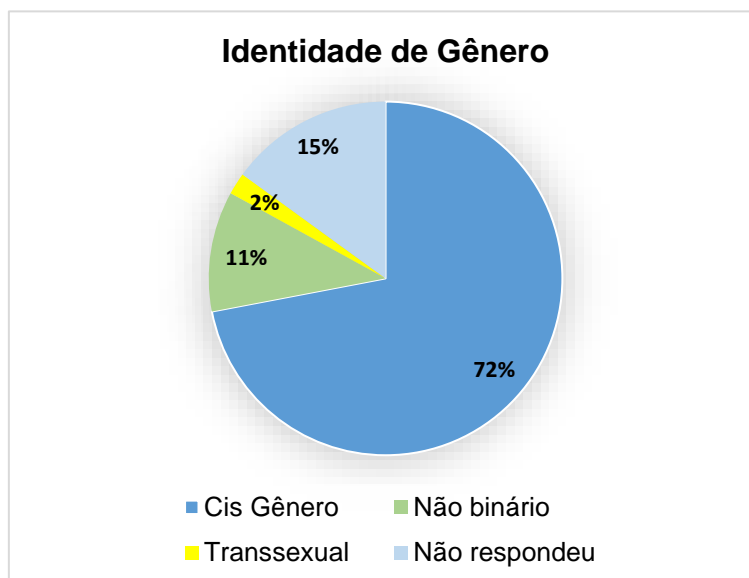
Com relação ao sexo biológico, apresenta-se 70% de maioria do sexo feminino contra 28% do sexo masculino e 2% preferiram não responder. Os resultados mostraram um predomínio de 72% de pessoas cis gênero, ou seja, o indivíduo que se identifica com o sexo biológico com o qual nasceu, 15% preferiram não responder, 11% se identificam como não binárias e 2% transexual, conforme o gráfico 7.

**Gráfico 6:** Sexo biológico do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade



Fonte: Elaborado pela autora.

**Gráfico 7:** Identidade de gênero do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade



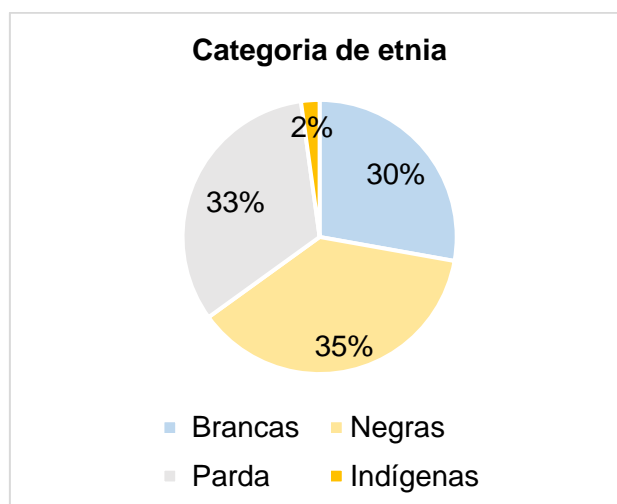
Fonte: Elaborado pela autora.

Com relação à classificação por etnia, optamos por aplicar a mesma classificação usada pelo IBGE, em que pardos e pretos são categorias de classificação da cor da pele tomadas a partir da autoidentificação da pessoa que responder à pergunta. Os pardos passaram a ser reconhecidos como representantes da população negra brasileira após um longo empenho de

movimentos sociais que tinham como objetivo consolidar uma identidade, a negra, e, a partir disso, somar forças no combate à desigualdade social.

Na literatura sociológica, é possível encontrar linhas que passaram a defender que as semelhanças socioeconômicas entre pardos e pretos permitiria uni-los em um só grupo definido pela condição socioeconômica subalterna (SILVA; LEÃO, 2012). A partir desse entendimento, percebemos que no curso de BEGD há uma significativa predominância de 68% de afrodescendentes, sendo 35% de negros e 33% de pardos, uma parcela de 30% de pessoas que se consideram brancas e 2% de indígenas.

**Gráfico 8:** Categoria de etnia do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade



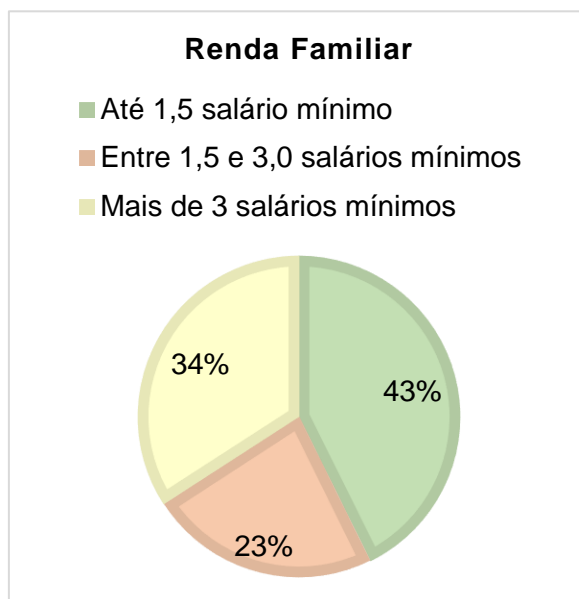
Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto à procedência dos discentes, 78% responderam que eram do estado da Bahia e que 59% desses estudantes residem relativamente longe da Universidade, necessitando de transporte coletivo ou do veículo próprio para chegar até a faculdade. Vale recordar que esse é um curso predominantemente noturno com aulas em diferentes Unidades Universitárias da UFBA, o que, em muitos casos, exige bastante locomoção.

A renda familiar apresentou 43% de até 1,5 salário-mínimo, 23% entre 1,5 e 3 salários-mínimos e 34% acima de 3 salários-mínimos. Se somados, 57% dos discentes possuem renda superior a 1 salário-mínimo.



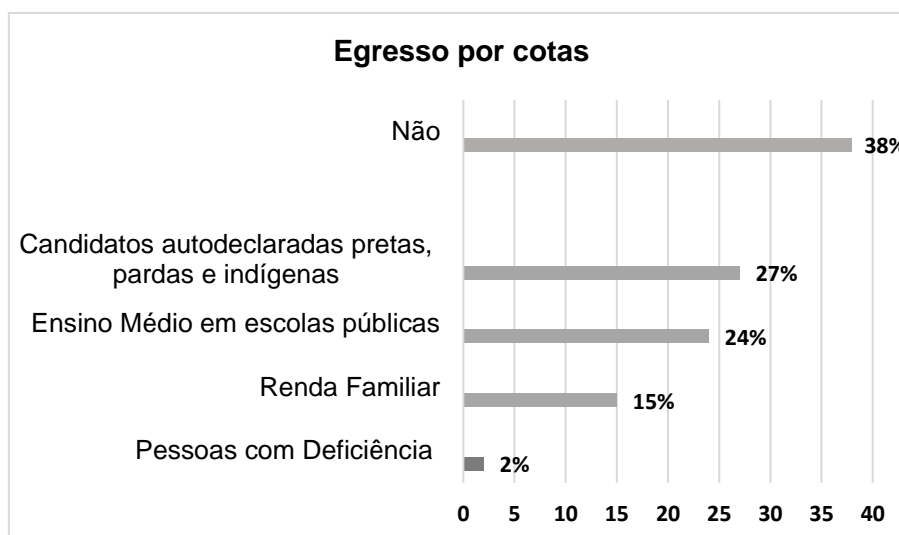
**Gráfico 9:** Renda Familiar do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade



Fonte: Elaborado pela autora.

Nossos dados mostram, ainda, que 52% dos discentes estudaram em escola pública, 40% estudaram em escola privada e 1,38% transitaram entre os dois modelos de instituição. Com relação ao sistema de cotas, houve um predomínio de discentes nesse contexto, totalizando 68% de cotistas e 38% de não cotistas. Tais informações constam no gráfico a seguir:

**Gráfico 10:** Relação de cotas do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade



Fonte: Elaborado pela autora.

Sabendo que os Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD, 2017) apontam que 81,1% da população do estado da Bahia

é composta por negros (pretos e pardos) e que 68% dos discentes são afrodescendentes, buscamos os dados relativos ao local de nascimento; e, no BEGD, temos 78% dos discentes que são da capital ou do estado da Bahia.

Tais dados nos permitiram dar um direcionamento para o processo investigativo sobre o BEGD. Esse primeiro passo de nossa investigação foi fundamental para que pudéssemos conhecer mais e problematizar o objeto de nossa ação acadêmica, construindo a visibilidade a partir de informações e análises consistentes de atitude investigativa.

### 3.3 Material Exploratório 2: Questões abertas do *Google Forms*

Nosso próximo passo, portanto, foi filtrar as informações de cunho qualitativo que estavam no *Google Forms* e tentar estruturar algumas respostas para construir nosso roteiro de entrevistas. No quadro abaixo, apresentamos as perguntas abertas que foram pensadas com o intuito de entender os desafios da área, buscando a possível demanda profissional e descrevendo quais as motivações que levaram à escolha do campo de estudo e as possíveis perspectivas quanto à graduação/carreira.

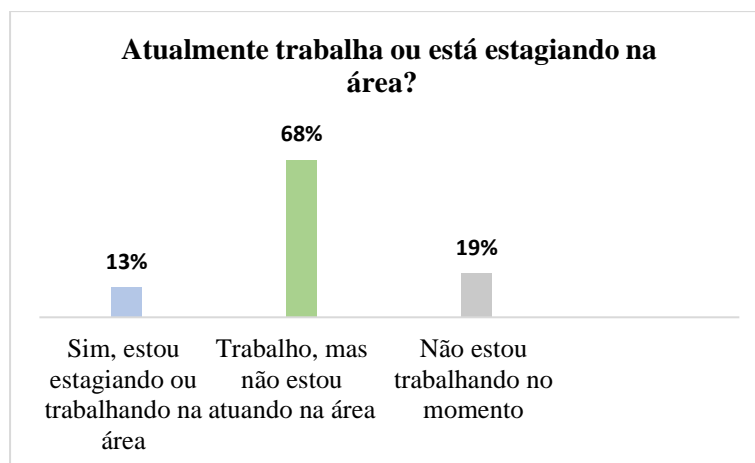
**Tabela 7:** Questões abertas do *Google Forms*

Questões abertas do *Google Forms*:

- 1- Atualmente trabalha ou estagia na área?
- 2- Se sim, onde trabalha atualmente?
- 3- Pretende atuar na área do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade?
- 4- Quais setores/campo de trabalho do BEGD você enxerga para atuar?
- 5- Fez ou está fazendo outro curso em outra área? Se sim, qual?
- 6- Qual a sua perspectiva quanto ao curso do BEGD?
- 7- Quais os motivos que te levaram a escolher o curso de Bacharelado em estudos de Gênero e Diversidade?
- 8- Teria disponibilidade para participar de uma entrevista para nossa pesquisa de mestrado?

Para a apresentação dos resultados, mantivemos a utilização de gráficos e tabelas, que nos conduzem ao compilado de respostas de maneira que facilite nosso olhar crítico. Seguem, abaixo, alguns desses dados:

**Gráfico 11:** Atuação de trabalho do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade

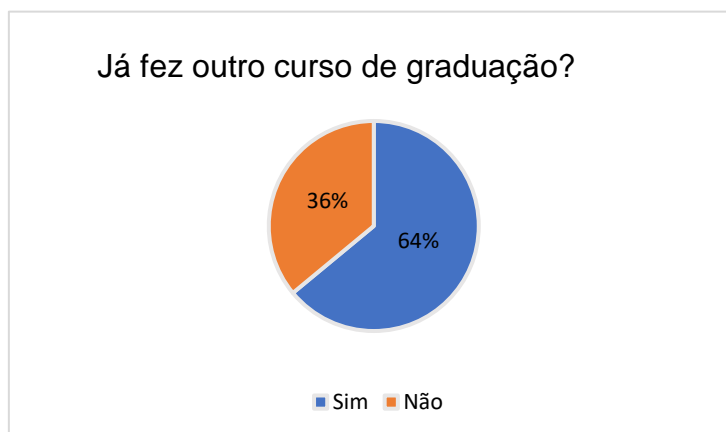


Fonte: Elaborado pela autora.

Nosso estudo revelou que 81% dos estudantes do BEGD estão ativos no mercado de trabalho, porém, 68% deles não atuam diretamente com o que estudam na graduação. Ou seja, trabalham, mas estão em outra área e com outras demandas.

Como já vimos anteriormente, 76% dos discentes possuem mais de 26 anos, conforme o gráfico 5, sendo que 30% têm acima de 40 anos e 57% deles possuem uma renda estável superior a 3 salários mínimos. Ou seja, é possível observar que o curso de BEGD tem uma porcentagem alta de pessoas que já possuem uma carreira de trabalho, uma renda familiar contínua e que já cursaram outra graduação. São 70 pessoas diplomadas em outra graduação, o que representa 64% dos discentes analisados pelo *Google Forms*. Esses dados nos mostram que existe um perfil predominante no BEGD: um público mais estruturado e que cursa sua segunda ou terceira graduação, conforme o gráfico abaixo:

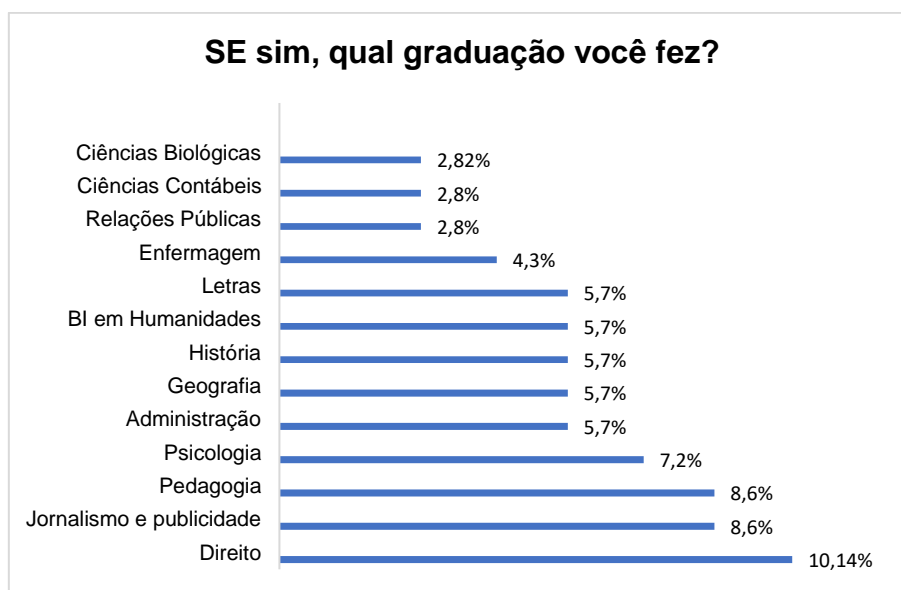
**Gráfico 12:** Escolaridade do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade



Fonte: Elaborado pela autora.

Para que pudéssemos ter um olhar mais aprofundado, separamos, com base nessas respostas, os cursos que foram citados e se repetiram mais vezes, sendo a grande maioria deles relativos à área de Ciências Humanas ou cursos que lidam diretamente com o público. Segue a lista, que ilustra essa discussão:

**Gráfico 13:** Campo de estudo do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade



Fonte: Elaborado pela autora.

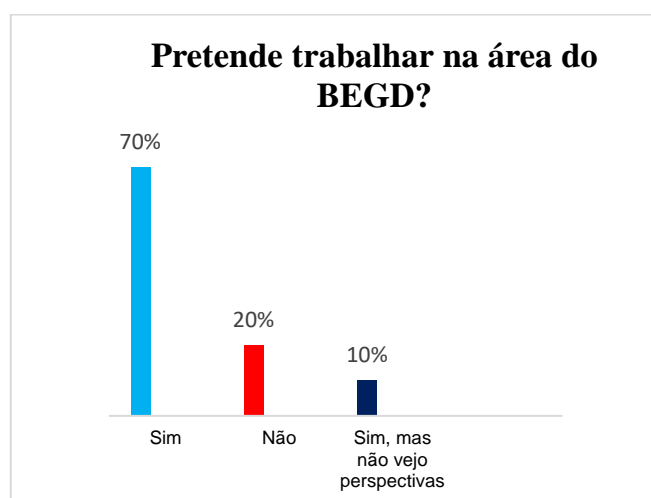
Destacamos os cursos que aparecem repetidas vezes e podemos perceber, no quadro acima, que há um número de discentes da área de saúde com 11,5%, seguido pela área de Direito com 10,14% e, aparecendo de forma predominante, as licenciaturas, que, somadas completam 25,7% das profissões

citadas. Outras profissões foram mencionadas, mas sem um quantitativo que representasse uma porcentagem relevante na análise.

Esses dados nos auxiliam a entender um pouco mais sobre o curso e o motivo pelo qual o tempo médio de formação é de 12 semestres. Nos ajuda, ainda, como explicitado nas falas dos discentes através do *Google Forms*, a entender o que buscam com o BEGD e o que esperam dessa carreira. No entanto, devemos registrar que alguns discentes deixaram muito claro que não pretendem mudar sua área de atuação e estão no BEGD por motivações pessoais. Apesar disso, muitos desejam trabalhar com essa carreira que o curso lhes possibilita.

Analisamos que 70% dos estudantes afirmaram que pretendem trabalhar de alguma maneira com a área de estudo, seja com políticas públicas, setor empresarial ou outro, e 10% deles ainda não conseguem ver perspectivas de atuação e/ou ficaram indecisos quanto ao campo de trabalho.

**Gráfico 14:** Mercado de trabalho do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade



Fonte: Elaborado pela autora.

Como podemos observar, temos ainda o quantitativo de 20% que não pretendem atuar diretamente com o que estuda no BEGD, mas garantem que já aplicam o conhecimento no dia a dia do trabalho e que já exercem a função que caberia ao bacharel em gênero e diversidade.

Selecionamos 10 citações, que estão elencadas a seguir e que corroboram o que foi discutido até aqui. A tabela não segue uma sequência

lógica ou por ordem de pessoas, mas sim foram escolhidas as citações por sua relevância e legitimidade para a pesquisa e é organizada por códigos, sendo o R de “resposta” e o número abaixo a ordem de resposta que está definida pelo *Google Forms*.

**Tabela 8:** Respostas do *Google Forms* 1

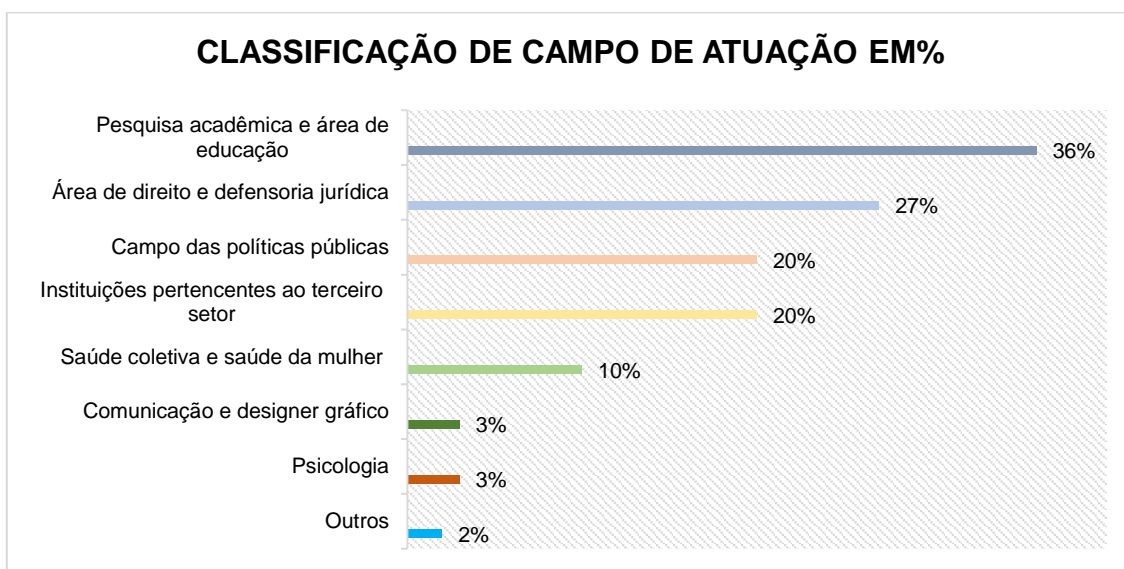
<b>Pretende atuar na área do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade?</b>	
R <sub>1</sub>	Pretendo utilizar como complemento a meu bacharelado em psicologia.
R <sub>10</sub>	Indiretamente, eu já trabalho no direito com essa área e estou apenas me especializando.
R <sub>79</sub>	Eu uso muitos dos conhecimentos do BEGD na minha atuação profissional de sala de aula.
R <sub>23</sub>	Sim, com toda certeza. Inclusive eu uso em todos os momentos da minha profissão e atuação docente.
R <sub>44</sub>	Eu pretendo utilizar para dar um UP na carreira e atender meus pacientes com mais diversidade.
R <sub>3</sub>	Na verdade, me sinto perdida sobre a área de atuação, mas já uso na minha profissão como complemento da minha prática.
R <sub>7</sub>	Na enfermagem falamos pouco sobre diversidade e atendimento a pessoas LGBT e por isso eu quero mais aprimoramento do assunto pensando na possibilidade de lidar com esse público.
R <sub>19</sub>	Sim. Penso em entrar no mestrado e casar a Geografia com questões de gênero então já uso muito disso na sala de aula.
R <sub>39</sub>	Como eu sou formada em direito já uso muito, mas percebo que me falta conhecimento técnico e isso faz com que eu esteja aqui.
R <sub>20</sub>	Acredito que eu já use, mas pretendo melhorar até porque não se ensina isso nas graduações. Mas, não vou mudar minha profissão.

Os discentes ativos no mercado de trabalho aparecem com diferentes profissões, como vimos nos gráficos acima: alguns atuando na área da primeira graduação, outros atuando no setor público, setor privado, estágios etc.

Como já dito anteriormente, é um público extremamente diverso com relação a trabalho e perfil socioeconômico. As respostas da tabela 8 demonstram que muitos dos entrevistados não pretendem mudar a carreira e planejam usar os conhecimentos para construir mais conhecimento nas áreas em que já atuam.

Foi necessário, ainda, analisar as perspectivas deles quanto ao BEGD, para isso, usamos a pergunta que questionava sobre o possível campo de trabalho dessa carreira e as principais áreas que eles planejam ou pretendiam se direcionar se atuassem com gênero e diversidade. Segue análise:

**Gráfico 15:** Atuação de trabalho para o Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade



Fonte: Elaborado pela autora.

Quando tivemos acesso ao Projeto Político Pedagógico do curso, observamos que o próprio documento curricular indica a atuação dos profissionais de gênero e diversidade em diferentes setores da sociedade, buscando de prontidão a responsabilidade social e o compromisso com a formação do cidadão, pensando na valorização e respeito pela diversidade e consolidando os valores democráticos na sociedade contemporânea (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 2008, p. 6).

No entanto, nossa pesquisa mostrou que os estudantes ainda se sentem inseguros quanto ao campo de atuação e há uma incompreensão sobre os espaços possíveis e existentes no mercado de trabalho. Os setores e lugares mais citados pelos discentes foram: a pesquisa acadêmica, defensoria pública, políticas públicas e terceiro setor. Apesar disso, fica evidente, também, que existe incerteza e lacunas com relação às informações e definições de mercado de trabalho e até mesmo às informações a respeito da aplicabilidade do curso.

Muitos discentes possuem a ideia de campo de trabalho bastante ampla e segura, mas não sabem como podem alcançar esses espaços. Além disso, como vimos em dados anteriores, muitos discentes buscaram estudar no BEGD para aprimorar os conhecimentos de uma área que eles já executam, uma minoria faz sua primeira graduação e uma parcela muito significativa trancou a matrícula ou está inativo. O que podemos entender através desses dados?

De acordo com as entrevistas, aqueles que iniciaram o BEGD como primeira graduação foram se desmotivando e se sentindo pressionados pelo mercado de trabalho, que é hegemônico e, evidentemente, pela falta de entendimento a respeito dos diversos campos de atuação que essa carreira oferece. Por ser tão recente e inovador, os estudantes não conseguem enxergar espaço para trabalho e se sentem desinformados sobre os caminhos que podem trilhar. Segue a tabela com referências:

**Tabela 9:** Respostas do *Google Forms* 2

Quais setores/campo do BEGD você enxerga para trabalhar?	
R <sub>25</sub>	Eu não sei muito bem e, olha, pra mim e vejo o quão pouco tenho devolvido, o que tem me feito olhar p mim com a impressão de que esse lugar de cientista social não me pertence. Sabe? Não tem muito campo e tenho pensado de fato em partir p algum curso onde eu realmente possa também contribuir, ao invés de somente absorver, pois o bloqueio criativo de 2021 foi bastante delicado e impactante em toda minha produção científica e tbm laboral.
R <sub>34</sub>	No momento, atuo na área de comunicação, mas penso em juntar as minhas duas formações, por exemplo, atuando em projetos relacionados à comunicação, mas que estejam conectados com uma perspectiva de gênero e diversidade. Ainda é confuso.
R <sub>78</sub>	Demonstro grande interesse em atuar no campo acadêmico e no desenvolvimento/levantamento de dados, acho que esse é o caminho mais fácil, certo?
R <sub>49</sub>	Via muita possibilidade dentro de Secretarias, porém até agora só conseguimos poucas vagas de estágio, mas nada além, o que impede a conclusão do curso de muitos, inclusive eu mesmo que estou perto de me formar mas estou repensando se vale a pena. Não sei o que fazer.



R <sub>55</sub>	Isso ainda não está muito nítido, mas gosto muito da área de pesquisa e análise de políticas, e da assistência à situação de vulnerabilidade. Acredito que eu vá por essas caminhos.
R <sub>82</sub>	Este ano conclui o curso de psicologia (UNINASSAU) e pretendo ingressar na área em breve. Meu foco de estudo é sexualidade e saúde feminina. Então me aproximar de temáticas relacionadas a gênero tem sido bastante agregador e acho que vou nessa linha.
R <sub>65</sub>	Seguir com a atuação em Direitos Humanos, especialmente no âmbito estatal.
R <sub>14</sub>	Eu me vejo trabalhando mais na área corporativa das empresas, na área de diversidade, que está ligada ao recursos humanos, mas assim que me formas em psico me vejo atuando nesse campo. Mas identifico como possibilidade dos formandos em bged a área política, a área de pesquisador social etc. Ainda não sei!
R <sub>71</sub>	Como sou formada em Direito e sou advogada acredito que posso atuar em secretarias de enfrentamento e proteção as mulheres vulneráveis. Também posso atuar em secretarias de combate ao racismo, racismo institucional e intolerância religiosa.
R <sub>22</sub>	Na verdade, ainda não sei, pois n cheguei nem a terminar o primeiro semestre. Deveria estar no terceiro, mas vou pegar do primeiro de novo. Mas tenho vontade de trabalhar com mulheres, mães, mães atípicas. Que é o meu caso, tenho um filho de 3 anos e meio autista e queria atuar nessa área, mas TB n sei como. E talvez eu esteja falando isso por viver isso integralmente todos os dias, mas talvez ao longo do curso eu posso mudar de ideia. Só sei que o meu rolê é bem pesado e gostaria de trabalhar mais com isso... Mas não sei de que forma pra ser sincera e nem como farei.

Nas respostas acima, observamos o grande desafio para os discentes quanto à definição de área de atuação, ainda que já tenham desenhado o projeto de carreira que pretendem seguir, não conseguem organizar o processo de crescimento e início dessa jornada.

O curso, por ser pioneiro no Brasil, não tem o referencial histórico de trajetória da carreira, como outros cursos hegemônicos possuem, o que evidentemente, dificulta, pois não tem nenhum modelo que sirva de exemplo para os egressos. Essa falta de referência causa nos estudantes que estão em sua primeira graduação uma lacuna, que gera baixa motivação e perspectiva sobre o que fazer com essa carreira após se formar. Já aqueles que estão em sua segunda formação estimam e buscam como perspectiva a utilização do

curso como uma complementação e especialização para seu currículo. A falta de material de estudo publicado sobre o BEGD é, para nós, um fator que agrava ainda mais essas dificuldades e incertezas.

Como sabemos, as instituições universitárias que antes eram responsáveis pela formação, pela produção cultural e científica, com o passar das transformações econômicas, ficaram responsáveis também pela formação qualificada da mão de obra para atender às novas demandas do sistema capitalista. E, por mais que haja uma discussão, vinda da própria proposta do REUNI, em desvincular como eixo prioritário o mercado de trabalho da Universidade, ainda é possível perceber a dificuldade nos discentes em fazê-lo, pois ainda há um vínculo muito forte entre as perspectivas relacionadas ao curso e o mercado de trabalho. Assim, está posto outro desafio do curso: entender a carreira formativa do BEGD.

Contudo, já é possível observar, ainda que de maneira inconclusiva, nas respostas abaixo, que os estudantes estão buscando caminhos amplos e essenciais para a aplicabilidade das questões que envolvem o curso e entendem a importância das discussões e abordagens que vivenciam, ressaltando sempre a legitimidade de se compreender o mundo pós-moderno, com foco na formação de cidadãos responsáveis e úteis. Apesar disso, as perspectivas dos discentes são bastante diversas, selecionamos algumas citações como exemplo:

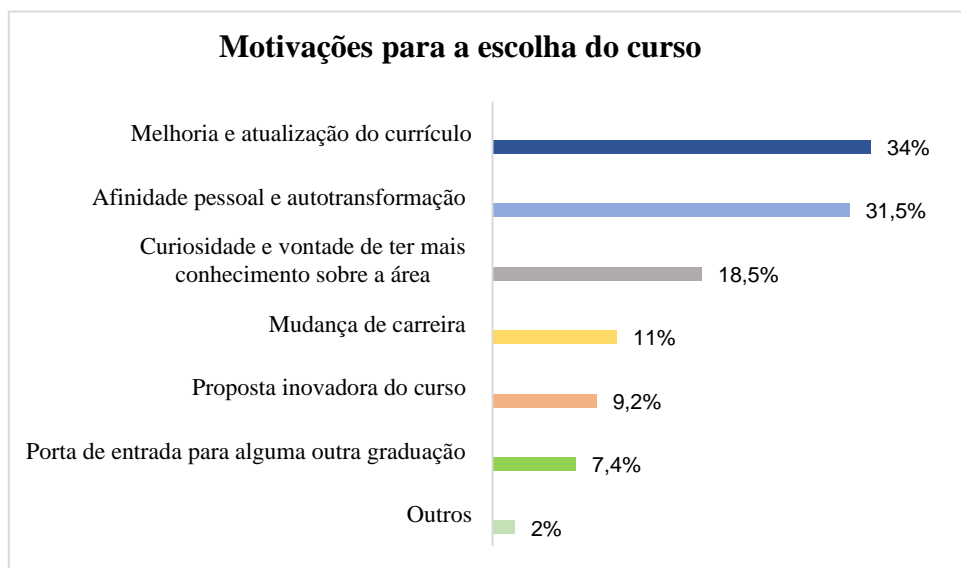
**Tabela 10:** Respostas do *Google Forms* 3

Quais as perspectivas com relação ao curso do BEGD?	
R <sub>51</sub>	Tentar entender toda a história do estudo de gênero, as questões e grupos que se relacionam dentro de universo e de que maneira posso atuar dentro de vasto universo de trabalho essa é minha perspectiva.
R <sub>100</sub>	Escrever sobre mulheres putas, unindo geografia e gênero.
R <sub>104</sub>	De início querer entender, aprender e estar inserida na militância. Depois eu penso no resto.
R <sub>85</sub>	Estudar na teoria as práticas vivenciadas no meu dia a dia em sala. Além do leque de conteúdo na perspectiva dentro dos vários feminismos etc.
R <sub>15</sub>	Por todas as possibilidades de discussões e solidificações teóricas que o curso promove, sobretudo para quem tem interesse em “mexer” nas estruturas sociais do país.
R <sub>16</sub>	Minha trajetória de vida e a luta feminista.

R <sub>37</sub>	Por não saber muito para onde eu queria ir, eu vi no curso de gênero e diversidade a possibilidade de adquirir conhecimento em assuntos que estão em evidência no momento, e ao mesmo tempo ter uma formação superior e estar dentro do ambiente acadêmico, possibilitando a ampliação dos meus horizontes. Mas, não sei no que trabalhar.
R <sub>28</sub>	As perspectivas eram altíssimas, porém muita coisa me desestimulou após entrar. Posso exemplificar com a falta de professores(as) trans e as lacunas existentes quando se trata de DIVERSIDADE até mesmo no conteúdo do curso.
R <sub>59</sub>	Entender a binaridade trazida pela colonização.
R <sub>30</sub>	Perspectivas de realização pessoal e migração de área profissional no direito.

Na sequência, separamos as respostas com relação às motivações que levaram os discentes a escolher ingressar no BEGD. Dividimos e estruturamos em 7 categorias, que deram as definições para as motivações de ingresso. Acreditamos ser válido ressaltar que nossa pesquisa não possui caráter avaliativo sobre a necessidade de existência do BEGD, mas reforçamos a relevância e a legitimidade do curso na medida que 59,2% dos discentes, que responderam ao *Google Forms*, demonstraram ter grande interesse pela autotransformação, mudança de pensamento social e por mais conhecimento no tema central, além de se interessarem pela proposta inovadora do curso.

**Gráfico 16: Motivações para a escolha do curso**



Fonte: Elaborado pela autora.

Devemos lembrar que implementar essa graduação é uma invocação a resistências e traduz uma luta política e uma ação afirmativa dos grupos feministas que foram avançando nas lutas por igualdade de direitos. Assim, como podemos observar no quadro anterior, as motivações são diversas e possuem variantes que refletem a necessidade de uma sociedade pós-moderna, onde, faz-se necessário debates sobre privilégios, raça, gênero e diversidade, dando amplitude para as possibilidades de romper com essas estruturas dominantes.

Essa carreira propõe uma formação mais humana e política, sobretudo, uma sutil imposição para que se articulem as transformações estruturais necessárias na sociedade e que se permita cada vez mais a consolidação da mulher e da diversidade no mercado de trabalho, trazendo, assim, questões correlatas e inerentes ao contexto social, que vão ganhando mais força se executadas na atividade laboral.

**Tabela 11:** Respostas do *Google Forms*<sub>4</sub>

Quais as motivações que te levaram a escolher o curso de Bacharelado em estudos de Gênero e Diversidade?	
R <sub>11</sub>	Atender de forma mais integral o público-alvo da minha atuação profissional - adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas.
R <sub>92</sub>	Queria fazer algo significativo, que impactasse positivamente de alguma forma o mundo, para pessoas como eu, lgbtqia+, negras, mulheres pessoas fora do padrão, com alguma deficiência, e que compõem alguma minoria política, queria que o meu trabalho e realização profissional levassem frutos para além de mim, visava que poderia conseguir isso com o curso de Gênero e Diversidade
R <sub>76</sub>	Por minha mãe ser uma mulher negra que ganhava o sustento lavando roupa para o branco como era falado na época
R <sub>34</sub>	Por razões pessoais quanto sociais. É uma área de imensa transformação intelectual e automaticamente material. Satisfação em estudar sobre temáticas que envolvam características sociais, políticas e revolucionárias. E, não menos importante, fatores da minha própria vivência para com a área; tanto na academia quanto em minha sociabilidade.
R <sub>65</sub>	Porque é um curso que tem uma interligação com a área do direito e tenho pretensão de conectar as duas áreas na proposição e formulação de políticas públicas.

R <sub>36</sub>	Lidando com alunos/as e filhos jovens, com dificuldades em lidar com a sexualidade, resolvi estudar o assunto como meio de entender o assunto e exercitar minha empatia, especialmente as pessoas que não se encaixam nas "caixinhas".
R <sub>37</sub>	Por não saber muito para onde eu queria ir, eu vi no curso de gênero e diversidade a possibilidade de adquirir conhecimento em assuntos que estão em evidência no momento, e ao mesmo tempo ter uma formação superior e estar dentro do ambiente acadêmico, possibilitando a ampliação dos meus horizontes.
R <sub>48</sub>	Justamente para aliar os estudos de gênero e diversidade ao direito. São áreas correlatadas riquíssimas. Os Estudos de Gênero e Diversidade buscam identificar, compreender e solucionar os conflitos e as relações sociais, enquanto o Direito funciona como normatizador dessas relações, muitas vezes com a intenção de manter uma status quo. Por isso acredito ser importante conhecer essas áreas para de fato mitigar poderes e promover uma sociedade menos injusta.
R <sub>67</sub>	frustração na primeira formação e interesse na área de gênero e diversidade. encontrei o curso enquanto pesquisava mestrado e entrei por vagas residuais. ainda estou descobrindo o que acho e como me sinto fazendo o curso
R <sub>40</sub>	Acredito que os conhecimentos que o BEGD promove, irá somar com os demais cursos e me tornar uma profissional mais qualificada para o público e mercado de trabalho

Percebemos que há, para os discentes, uma aplicabilidade muito grande das questões abordadas no BEGD em várias áreas do conhecimento. Após a aplicação do *Google Forms*, demos sequência com as 10 entrevistas, o que nos ajudou a obter mais informações e material de análise. Ao analisar o formulário, construímos e validamos nosso roteiro de entrevistas, estruturando a partir das observações que foram encontradas no questionário e, principalmente, dando uma ênfase aos desafios já definidos ao longo da pesquisa: formar profissionais e entender o mercado de trabalho.

Ressaltamos que a coleta de dados é considerada um dos momentos mais importantes da realização de um estudo, pois é durante esse processo que o pesquisador obtém as informações necessárias para o desenvolvimento da pesquisa. No próximo capítulo, daremos sequência com a discussão das entrevistas e análise dos desafios do BEGD apontados pelos discentes.

#### 4. Capítulo 4: Material Exploratório 3 análise das entrevistas (*Atlas T.I.*)

Definimos nossa pesquisa como qualitativa, visto que trabalhamos com significados, motivações, valores e crenças e esses não podem ser simplesmente reduzidos a questões quantitativas, por esse motivo, selecionamos o conteúdo/roteiro para as entrevistas, pensando no que foi analisado através do material exploratório 1 e do material exploratório 2.

Como já abordado na metodologia, definimos 4 eixos centrais, divididos em: questões pessoais, motivações para cursar o BEGD, mercado de trabalho/questões laborais e pontos/observações sobre o curso. Nosso roteiro foi semiestruturado e definimos uma amostra de 10 entrevistados de diferentes idades, sexos e profissões.

Inicialmente, foi realizada a análise dos sujeitos e sua caracterização; em seguida, houve a discussão dos depoimentos, utilizando a análise de conteúdo. Nesse sentido, organizamos da seguinte maneira: o primeiro momento foi a caracterização dos sujeitos e o segundo foi a análise e as discussões dos dados coletados. Para manter o sigilo em relação aos entrevistados, os codificamos em E (Entrevistado) e o número correspondente à sequência de entrevista., conforme a tabela abaixo:

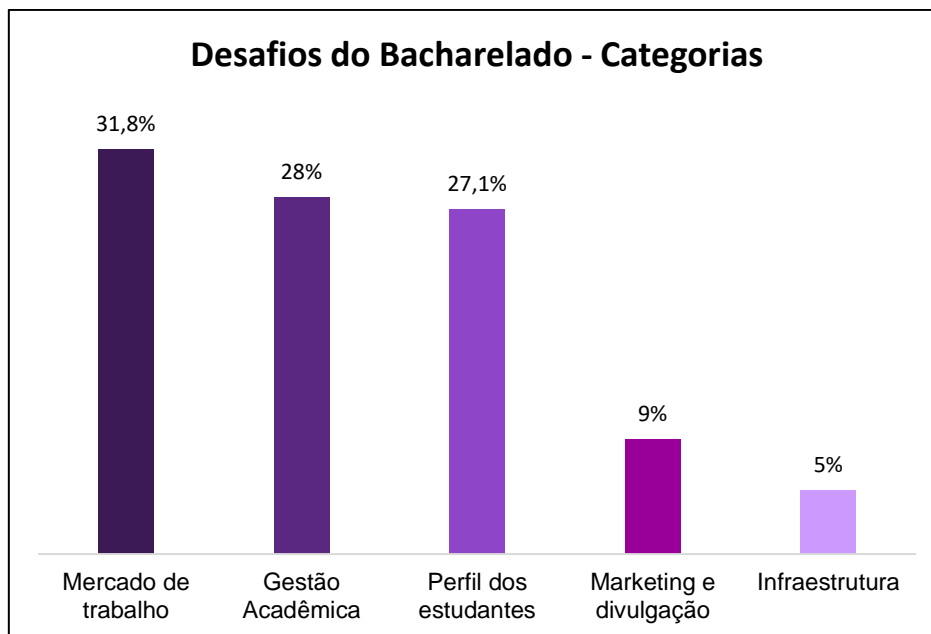
**Tabela 12:** Caracterização dos sujeitos entrevistados

<b>Código</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Profissão</b>
E <sub>1</sub>	47	Masculino	Ciências Contábeis/Advogado
E <sub>2</sub>	30	Feminino	Produtora de eventos
E <sub>3</sub>	21	Masculino	Estudante
E <sub>4</sub>	49	Feminino	Servidora Pública
E <sub>5</sub>	32	Feminino	Estudante
E <sub>6</sub>	36	Feminino	Psicóloga
E <sub>7</sub>	22	Masculino	Jovem aprendiz
E <sub>8</sub>	43	Feminino	Psicóloga
E <sub>9</sub>	37	Feminino	Servidora Pública
E <sub>10</sub>	44	Feminino	Professora

A partir dos 4 eixos centrais, utilizamos como metodologia a organização do material, a codificação dos depoimentos e a categorização dos dados

selecionados. Esse material contou com 506 citações, distribuídas em 29 códigos criados a partir da análise do conteúdo das transcrições e da organização de tais dados em 5 categorias: Mercado de trabalho, Gestão acadêmica, Perfil dos estudantes, Divulgação e Infraestrutura. O gráfico a seguir ilustra esses dados:

**Gráfico 17:** Desafios do Bacharelado em categorias por ordem de porcentagem



Fonte: Elaborado pela autora.

Entre as 506 citações que referenciamos, observamos que 161 tinham relação com o Mercado de trabalho, 135 com a Gestão acadêmica e Docência, 132 com o Perfil dos estudantes, 48 com a Divulgação e comunicação e 30 com a Infraestrutura. As categorias são analisadas e sequenciadas por ordem de porcentagem, sendo apresentados, primeiro, os códigos que fazem parte da categoria e, posteriormente, algumas citações relevantes que reforçarão as análises.

Deve-se observar que nem todos os entrevistados foram referenciados nos códigos, mas damos sequência de acordo com a ordem de entrevistas; caso o entrevistado não tenha mencionado o código, é registrado como "Não aparece referenciada(o)". Ao longo do material, podemos observar que algumas citações

podem constar em mais de 1 código, isso ocorre devido à similaridade da fala, do contexto e da categoria citada<sup>13</sup>.

#### 4.1 Categoria: Mercado de trabalho

O Mercado de trabalho aparece como o principal desafio na visão dos discentes com relação ao curso. Como apresentamos acima, foram 161 citações que envolvem esse tema, em que **C** é referente ao código e o **número** é a sequência numérica. Essa categoria precisou ser dividida nos seguintes itens para sua organização e estruturação:

**Tabela 13:** Códigos *Atlas T.1*

<b>C<sub>1</sub></b>	Sem vagas no Mercado de trabalho
<b>C<sub>2</sub></b>	Sem necessidade de um profissional dessa área
<b>C<sub>3</sub></b>	Não serve como primeira graduação
<b>C<sub>4</sub></b>	Sem perspectiva de trabalho
<b>C<sub>5</sub></b>	Atuação em outra área de trabalho
<b>C<sub>6</sub></b>	Curso sem foco para o trabalho

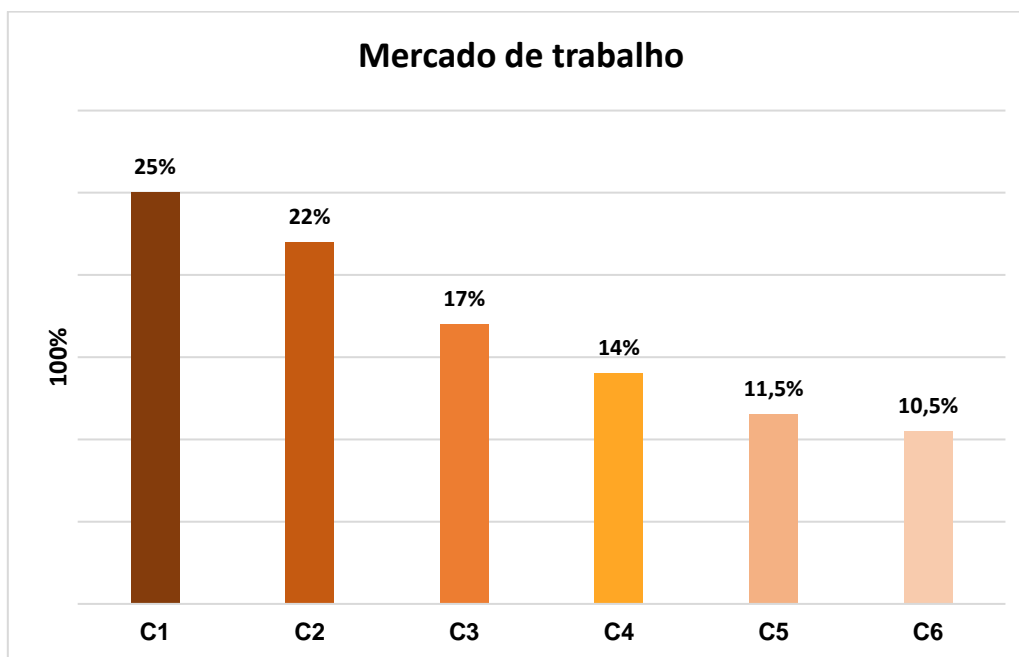
Abaixo, segue a análise de relevância por ordem de porcentagem:

---

<sup>13</sup> Segue em anexo a tabela com todos os códigos por ordem de sequência numérica.



**Gráfico 18:** Categoria Mercado de trabalho por ordem de porcentagem



Fonte: Elaborado pela autora.

Durante nossas análises, para a elaboração dos códigos, levamos em conta as indicações realizadas pelo software *Atlas T.I* e a estruturação de palavras, que separamos e organizamos. Podemos verificar que os itens mais citados na categoria Mercado de trabalho estão definidos pelos códigos C<sub>1</sub>, C<sub>2</sub> e C<sub>3</sub>, que se complementam nos depoimentos dos discentes. A falta de vagas no mercado de trabalho para a área é um problema que faz com que esse profissional não seja visto e, dessa maneira, não tenha oportunidades.

A alegação dos discentes é que o mercado de trabalho não está preparado para recebê-los, já que outro profissional de área correlata pode fazer uma pós-graduação *lato senso* ou *stricto senso* sobre o tema e, dessa forma, cumprir o mesmo papel que o egresso em BEGD. Na visão dos discentes, esse profissional ainda é mais estratégico, pois pode ser utilizado de diversas maneiras pela empresa caso tenha uma formação diferenciada. Ou seja, para eles, não há necessidade da existência de uma carreira voltada exclusivamente para gênero e diversidade.

Podemos observar que os entrevistados E<sub>3</sub> e E<sub>7</sub>, que são os mais jovens do grupo e estão em sua primeira graduação, foram os que mais mencionaram o mercado de trabalho como um problema a ser resolvido e demonstraram dúvidas quanto à escolha dessa graduação e certa insatisfação com as

informações que recebem. Ambos ainda não se colocaram no mercado de trabalho e estão sentindo grande dificuldade de se enxergar nessa área. Destacamos, ainda, no depoimento da entrevistada E<sub>5</sub>, que no momento encontra-se desempregada, que existe uma insatisfação com o curso e a sua escolha de graduação.

*Então eles já são advogados que aí pegavam para poder trabalhar e ter uma noção melhor sobre o feminismo e o gênero dentro da advocacia e por aí vai. E aí eu fiquei meio perdido, não sabia o que eu ia fazer. Por muitas vezes pensei em desistir do curso e ainda penso. (E<sub>3</sub>)*

*E eu acho que eu não me vejo indo para a área da academia, sabe? Eu não me vejo sendo pesquisador, nada desse tipo. E aí, como para qualquer outra área que eu decida atuar, só a minha formação, eu percebo que não vai ser suficiente para nada. (E<sub>7</sub>)*

*E eu falei ao professor depois que terminar esse curso, eu vou dizer obrigada por ter me formado, mas vocês não me ajudaram em nada. (E<sub>5</sub>)*

Através das falas, podemos perceber o receio da possibilidade de não se encaixar em alguma vaga de trabalho. Para entender um curso como o BEGD, cuja proposta é inovadora e transformadora, requeremos, também, uma atuação e compreensão de mudanças e ressignificações por parte daqueles que cursam e daqueles que ministram tais processos revolucionários na educação. Em nossa pesquisa, foi possível perceber que uma significativa parcela dos entrevistados já tinha uma carreira estabelecida, por isso não tem muita pressa em se formar e já pode iniciar um debate sobre o fato de encarar a universidade e o curso não necessariamente vinculados à profissão ou ao retorno financeiro.

*Eu não preciso mais no mercado de trabalho, não preciso ter aquela pressão de passar em prova. Então eu vou para eu me permitir aprender sobre questões temáticas e leituras que talvez eu nunca tenha tido oportunidade de fazer. (E<sub>1</sub>)*

A ideia de igualdade de oportunidade, de liberdade na dinâmica social, política, econômica, entre outras, alinha-se com a emancipação do indivíduo do

pensar hegemônico, ou seja, as propostas de cursos, como os Bacharelados Interdisciplinares e o BEGD, necessitam da percepção de um olhar mais voltado para a necessidade social e não para o mercado de trabalho como foco prioritário. Percebe-se que alguns dos estudantes do BEGD ainda não romperam com a narrativa hegemônica do curso voltado para o mercado de trabalho e, por esse motivo, buscam uma narrativa sempre centralizada na necessidade de encaixar o conhecimento no uso profissional para a ascensão laboral. Percebe-se, ainda, que os discentes que citaram a possibilidade de “viver o curso e romper com a estrutura imperialista” já estão mais estáveis dentro desse sistema de produtividade e vivenciaram a universidade como grande usina de produção de capital econômico. Destacamos os trechos a seguir:

*Sou psicóloga e eu me vejo na área de psicologia, com enriquecimento dos debates do curso do bacharelado de gênero com as pautas e é isso gênero pra mim. (E<sub>6</sub>)*

*A gente para o mercado, quando vai para fora, a gente meio que também não sabe o que vai fazer. Eu não busco o mercado de trabalho, então isso não me prejudica tanto. Já tenho minha profissão e fiz minhas escolhas pessoais. (E<sub>1</sub>)*

A universidade nas últimas décadas, de acordo com Cristovam (2019), passou a ser um caminho necessário e não desejado, mas que, segundo ele, a quase totalidade dos estudantes optou por um diploma para viabilizar a ascensão social. A desigualdade social e seus reflexos nos níveis culturais e educativos fazem com que a Universidade seja vista apenas como um ambiente facilitador para a escalada empregatícia. Nesse cenário produtivista, surgem os cursos inovadores do REUNI, que visam uma perspectiva de romper tais estruturas, mas, toda ruptura requer uma transição elaborada e toda transição também necessita de um processo para absorção de ideias pela sociedade (GONÇALVES, 2017).

É importante ressaltar que o processo de revolução das ideias será feito a longo prazo e não em um cenário imediatista e sua realização exige uma revolução nas práticas da Universidade, nas práticas do mercado empregador, nas práticas discentes e docentes, ou seja, nas práticas de todos que compõem os ambientes universitários e sociais. A maneira de funcionar revolucionariamente implicará uma nova forma de fazer a Universidade e é óbvio

que a implantação de novas práticas exigirá, antes de tudo, abrir caminhos inextricáveis e progressistas. É notório o quanto os códigos se entrelaçam e mostram que essa categoria para além de um desafio é um objetivo a ser cumprido pelo BEGD, pois para conquistar mais espaços é necessário sair de dentro da Universidade e ir além da academia, para dentro das empresas, das casas e do dia a dia das pessoas.

Na tabela abaixo, selecionamos as falas de cada entrevistado que legitimou a escolha da categoria mercado de trabalho.

**Tabela 14:** Citações da categoria Mercado de trabalho

<b>Mercado de trabalho</b>	
<b>C1</b>	“Eu diria que a educação institucionalizada ela nos forma enquanto uma mão de obra, uma força de trabalho para servir ao capital. Mesmo os cursos que são mais humanistas, que são anticapitalistas. Essa preocupação existe. Não tem reserva, não tem mercado, mas a gente forma, não tem onde trabalhar. É porque a gente está se percebendo como uma extensão, como como um mero reproduzidor para o capitalismo”. (E <sub>1</sub> )
	“Então, a gente precisa se inserir no mercado de trabalho e galgar espaço. A partir disso que nós temos um conhecimento que é aprofundado, que esse conhecimento é necessário. Na hora de elaborar determinados materiais. É por isso que a gente não tem espaço. Eu não conheço ninguém que trabalhe e com esse tipo de coisa para viver. E faz como? Complicado”. (E <sub>2</sub> )
	“E porque o emprego formal tem sido muito complicado agora, por exemplo, conseguir o estágio no Ministério Público. É muito difícil e muito difícil, mesmo porque a área de atuação de gênero pode ser engolida por outras graduações. E eu estou frustrado com isso.” (E <sub>3</sub> )
	“Então acredito que a gente está ainda no campo do pioneirismo, não tão pioneiros quanto os primeiros, mas, ainda não tem campos abertos aí para trabalho e isso me preocupa em continuar”. (E <sub>4</sub> )
	“Não tem campo de trabalho. Não tem e não tem um campo específico para o curso de gênero e Diversidade. Não tem. Esse é o complicado. E eu falei ao professor depois que terminar esse curso, eu vou dizer obrigada por ter me formado, mas vocês não me ajudaram em nada para trabalho”. (E <sub>5</sub> )
	“Esse lugar mais do produzir políticas públicas e do propor, no caso, políticas públicas. Mas é isso, é ainda é um debate bastante incipiente dentro do curso. Eu acho que as pessoas realmente não conseguem se vislumbrar no mercado de trabalho. E como vai ser? As pessoas precisam sobreviver”. (E <sub>6</sub> )
	“Como é que eu faço o mercado de trabalho? Quase não tem, quase inexistente. E eu preciso. Depois que eu sair daqui, eu preciso ter uma perspectiva de emprego, porque eu preciso me manter e toda essa questão. A gente até gerou essas discussões na sala de aula. Sem respostas”. (E <sub>7</sub> )
	“E a grande pergunta que é o que o empresário, o gestor ou a gestora empresária se perguntaria também? Certo? Eu vou contratar alguém e eu vou ter mais um custo. Com o profissional e o que é que esse profissional vai fazer aqui? O que esse profissional vai fazer aqui dentro? Só falando de gênero?” (E <sub>8</sub> )
	“Uma empresa que tem responsabilidade. Ela vai procurar contratar um profissional, mas eu não sei se todas as empresas estão interessadas nisso, em contratar um profissional formado na área. E assim, o que é que esse profissional faria dentro dessa empresa?” (E <sub>9</sub> )

	<p>“O que me questiono é o que faz uma pessoa formada? O que é que você, Carla faria? Você como? Formada em Gênero e Diversidade, faria dentro de uma empresa, ONG? O que? Não faz muito sentido pra mim”. (E<sub>10</sub>)</p>
<b>C2</b>	<p>“Mas assim a gente percebe. Hoje, talvez pessoas de diversidade atuando em áreas que não é propriamente política públicas ou políticas voltadas para a diversidade, mas que certamente levam essas temáticas. Não acho que precise ser da área para atuar na área, entende? (E<sub>1</sub>)</p>
	<p>“Só com a graduação de gênero e diversidade não se exerce uma profissão a partir disso. Não precisa de espaço para isso, minha visão”. (E<sub>2</sub>)</p>
	<p>“Não preciso nem citar o mestrado em si, mas uma graduação com uma pessoa brevemente antenada com os cursos de extensão, com algumas especializações, consegue fazer mais, mais ou menos o que a gente faz. Pra que a gente serve?” (E<sub>3</sub>)</p>
	<p>“Acredito que em setores de RH você pode ter uma inserção aí de gênero e relações interpessoais. Acredito que gênero entra muito aí nessa, nessa questão, né? Porque o gênero também vai falar muito disso, mas acho que tem que fazer RH primeiro”. (E<sub>4</sub>)</p>
	<p>“Assim você trabalha no estádio em outra área, mas você não tem nenhum outro estágio específico de trabalho fora. Ninguém precisa de um especialista em gênero basta um psicólogo”. (E<sub>5</sub>)</p>
	<p>“Eu me vejo na área de psicologia, com enriquecimento dos debates do curso do bacharelado de gênero. Já sou psicóloga então uso para isso, não vejo necessidade de ser profissional dessa área. Já sou”. (E<sub>6</sub>)</p>
	<p>“Uma colega minha está fazendo gênero e, ao mesmo tempo, ela está pegando matérias de comunicação, porque ela sabe que só a grade de gênero não, não sustenta. E aí ela pretende trabalharem outra área com ênfase nisso”. (E<sub>7</sub>)</p>
	<p>Então, pensando nisso, eu, imagino que é mais interessante para as empresas o contrato de um profissional que vai fazer uma formação esporádica naquela equipe e não algo contínuo. Preciso de profissionais abrangentes e gênero é muito restrito. (E<sub>8</sub>)</p>
	<p>Eu fico pensando aqui muito se a contratação de uma profissional do curso de Gênero e Diversidade é necessário. O que é que um profissional de gênero e diversidade vai fazer dentro de uma empresa? (E<sub>9</sub>)</p>
	<p>“Eu não sei o quanto que gênero pode se tornar em uma segunda atribuição a partir do conhecimento ou do tipo de trabalho que você foi colocado para fazer. Sabe? RH pode trabalhar gênero, assistente social também, não sei”. (E<sub>10</sub>)</p>
<b>C3</b>	<p>Não aparece referenciada(o). (E<sub>1</sub>)</p>
	<p>“E eu não acho que o bacharelado de Gênero Diversidade seja um curso pensado para uma primeira graduação, para ninguém”. (E<sub>2</sub>)</p>
	<p>“Então, as minhas possibilidades são ir para fora, fazer intercâmbio ou ingressar numa outra graduação e usar essa como complemento”. (E<sub>3</sub>)</p>
	<p>Não aparece referenciada(o). (E<sub>4</sub>)</p>
	<p>Eu estava até falando com o professor, o meu professor, que foi meu responsável da monitoria que eu deveria ter migrado e depois estável no mercado eu voltaria. (E<sub>5</sub>)</p>
	<p>“Eu acho que isso também traz um pouco dessa dúvida, eu sou formada e acho que como primeira formação eu não faria não”. (E<sub>6</sub>)</p>
	<p>“Então é política pública? Na verdade, a maioria do pessoal que eu conheço, por incrível que pareça, são pessoas que já têm uma graduação. E aí eu tenho mais uma amiga minha também que a gente se juntou porque era tipo assim. Três pessoas como primeira graduação numa sala de 40 alunos e todo mundo com segunda graduação fazendo o curso de especialização”. (E<sub>7</sub>)</p>
	<p>“Eu acho que tem componentes essenciais para a gente discutir as violências, para a gente discutir as relações de poder e não discute. Acho que apenas com gênero e diversidade você não consegue se manter. Precisa fazer mais”. (E<sub>8</sub>)</p>
	<p>“Tenho muita sorte de ter uma profissão, porque eu não iria fazer esse curso para trabalhar e tudo mais. Posso estar ficando velha, mas não acho que seja uma boa opção”. (risos) (E<sub>9</sub>)</p>

	Não aparece referenciada(o). (E <sub>10</sub> )
C4	A gente encara a faculdade como uma mudança de vida e nem sempre ela tem que estar ligada a essa questão de mercado de trabalho realmente. Não vejo essa perspectiva pra gênero. (E <sub>1</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>2</sub> )
	“As professoras preparam a gente para ser acadêmico o tempo todo. Mas o nosso curso é um curso de gestão pública. E nem nisso tem trabalho”. (E <sub>3</sub> )
	“Ainda vão precisar desse profissional de gênero e diversidade, especialmente aquelas pessoas que trabalham em comunicação, sabe? Mas, por enquanto não tem”. (E <sub>4</sub> )
	“Eu ia para o estágio. Só que lá ninguém me chamava para me engajar nas atividades de diversidade. Não desenvolvem atividades relacionada a gênero. Que ideia eu vou ter de profissão?” (E <sub>5</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>6</sub> )
	“Não é o nosso trabalho fazer com que essa movimentação de trabalho aconteça. Aí a professora de falou: por que vocês não começam a gerar isso dentro do secretariado do curso, para que eles possam tentar? Mas a gente precisa de algo mais urgente. Eu estou quase me formando, sabe?” (E <sub>7</sub> )
	“Quais são as outras matérias que a gente vê? Qual é o enfoque em políticas públicas? Isso também é ensinar para o trabalho e a gente só gênero e raça, por exemplo?” (E <sub>8</sub> )
	“A gente já sabe que tem muita coisa rolando aí midiaticamente falando, né? Então tem campo para abrir. Mas, tem gente que precisa para já aí não tem não”. (E <sub>9</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>10</sub> )
C5	Eu não preciso mais no mercado de trabalho. Então eu vou para eu me permitir aprender sobre questões temáticas e leituras que talvez eu nunca tenha tido oportunidade de fazer. (E <sub>1</sub> )
	Sou produtora, então, na verdade, toda a parte de assistente de produção de um cinema itinerante. Nada a ver com toda minha área de estudo. (E <sub>2</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>3</sub> )
	Eu trabalho na área jurídica desde. 2002, se não me engano. Inicialmente eu trabalhava no escritório e pensei em direito. (E <sub>4</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>5</sub> )
	Tipo o curso, o gênero, diversidade e a proximidade com os debates sobre políticas públicas me aproxima muito da minha atuação de psicóloga, não pretendo mudar isso. (E <sub>6</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>7</sub> )
	Então eu sou psicóloga e eu já trabalho na área. Eu já trabalhava com isso. Com grupos antes da faculdade, antes da psicologia e na graduação eu tive contato com diversidade. (E <sub>8</sub> )
	Como te disse, sou servidora pública e estou aqui para aprender e não buscar trabalho. Se rolar de colocar em prática que bom. (E <sub>9</sub> )
	Sou professora e busco ampliar meus espaços de atuação, né? (E <sub>10</sub> )
C6	Não aparece referenciada(o). (E <sub>1</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>2</sub> )
	Quando a gente vai pra lá, a gente para o mercado, quando vai para fora, a gente meio que também não sabe o que vai fazer. Fico perdido. (E <sub>3</sub> )
	Eu participei da formulação de algumas semanas de gênero e a gente tentava trazer muito esse debate do que é o mercado de trabalho mas, parece que nem as professoras sabem. (E <sub>4</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>5</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>6</sub> )
	E aí, no meio do curso, no meio do meu percurso, eu comecei a perceber que o curso ele tinha uma perspectiva muito acadêmica. Eu sentia falta, sim, de matérias que fizessem essa imersão do estudante de gênero no mercado de trabalho (E <sub>7</sub> )

	Porque o curso forma analista de políticas públicas. Eu não conheço ninguém. Pode ser que tenha alguém trabalhando como analista de políticas públicas. Mas, onde? Ninguém sabe, ninguém viu. (E <sub>8</sub> )
	Eu não entrei para trabalhar e também não vejo as pessoas pensando nisso, sabe? (E <sub>9</sub> )
	Eu já encontrei pessoas que saíram do curso e não atuam com ele não. A gente tem uma taxa de evasão alta por conta disso. (E <sub>10</sub> )

## 4.2 Categoria: Gestão Acadêmica

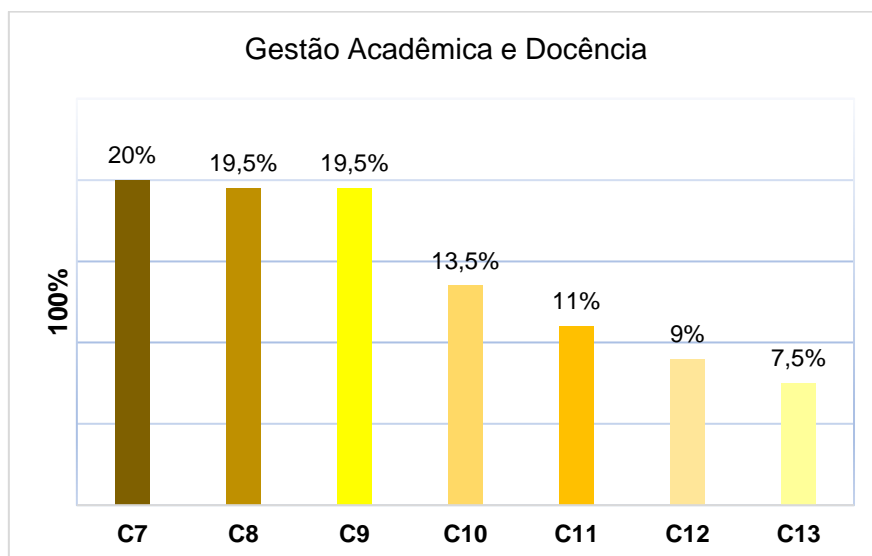
Utilizamos como base a categoria de Gestão Acadêmica, pensando no seu sentido mais amplo e no conjunto de processos destinados a gerenciar a qualidade do ensino e aprendizagem de uma instituição de educação. Portanto, a gestão acadêmica é o setor da instituição que cuida dos interesses e demandas dos estudantes, assim como da organização de alunos e de professores, entre outras tarefas. Essa categoria aparece citada 135 vezes e dividida nos 8 códigos a seguir:

**Tabela 15:** Códigos *Atlas T.I<sub>2</sub>*

<b>C<sub>7</sub></b>	Prática e postura docente
<b>C<sub>8</sub></b>	Ausência de informações sobre o curso
<b>C<sub>9</sub></b>	Reconfigurar a proposta do curso
<b>C<sub>10</sub></b>	Mudança curricular
<b>C<sub>11</sub></b>	Ausência de oportunidades de estágio
<b>C<sub>12</sub></b>	Ausência do componente diversidade
<b>C<sub>13</sub></b>	Dificuldade na comunicação com o colegiado
<b>C<sub>14</sub></b>	Proximidade com o corpo docente

Abaixo, segue a análise de relevância por ordem de porcentagem:

**Gráfico 19:** Gestão Acadêmica e Docência



Fonte: Elaborado pela autora.

Na visão dos discentes, a gestão acadêmica e docência são o segundo maior desafio que eles enfrentam, sendo o código C<sub>7</sub>, C<sub>8</sub> e C<sub>9</sub> as principais estruturas problemáticas. A gestão acadêmica de uma instituição é extremamente importante de ser entendida como o elemento que gera bastante impacto no dia a dia do curso, tanto na sua qualidade quanto nas suas produções. No entanto, convém ser prudente e deixar explícito que se trata de uma realidade muito vasta para nos centrar em afirmações inflexíveis. A fim de evitar qualquer incompreensão, permitimo-nos ressaltar que o entendimento dos discentes forma-se, também, de um entendimento que cerce o olhar sem profundidade técnica.

Entendemos que as reformulações que estão sendo feitas na educação superior são fundamentais para os avanços pedagógicos e para a ruptura pragmática de privilégios, mas necessita e terá muito mais êxito se feito com processos de gestão acadêmica que priorizem a qualidade e a transparência, deixando indicadores claros e informações essenciais sobre todos os processos de forma inequívoca.

O código C<sub>7</sub>, na visão dos discentes, é um dos itens mais difíceis para alcançar e isso reflete no código C<sub>8</sub>, que se destina às informações passadas aos discentes pelos docentes, equipe acadêmica e gestora. Tivemos a oportunidade de vivenciar esse processo dificultoso, pois vale ressaltar a grande barreira em encontrar dados, pesquisas, documentos ou qualquer elemento que



nos desse suporte para desenvolver a pesquisa. A graduação em BEGD não possui pesquisa acessível que envolva um estudo do próprio curso e suas necessidades básicas. Encontramos, como já mencionado, uma tese de doutorado escrita pela pesquisadora Tatiane de Lucena Lima (2012), que realizou um estudo voltado para o currículo, mas não tivemos acesso a outras informações primordiais do curso. Até o acesso ao Projeto Político Pedagógico demorou bastante para ser efetivado e nos chegou com algumas partes que faltavam informações.

Ao longo dessa busca, soubemos de uma professora que havia feito um estudo sobre os discentes e o perfil deles em 2018, mas como não havia publicado, ficou inviável o acesso; soubemos, também, de um egresso, que defendeu o TCC em 2021, abordando a relação e a vivência dos estudantes com o curso, entretanto, entramos em contato com ele, que preferiu não participar e nem contribuir com esta pesquisa, pois mencionou não ter disponibilidade e nem ter publicado o trabalho no repositório. Essas e outras barreiras transformaram a pesquisa, já em andamento, em um caminho muito escuro a ser trilhado e com diversas lacunas que não foram preenchidas.

Trazendo para o contexto dos discentes, os principais comentários envolvem a dificuldade e a acessibilidade para saber mais sobre o curso, da perspectiva deles, dos caminhos já trilhados e das possibilidades para além da carreira acadêmica. Os entrevistados comentaram que é recorrente o assunto sobre o mercado de trabalho na sala de aula e que eles sentem que, muitas vezes, as docentes não conseguem sanar essas dúvidas de forma clara ou tampouco sabem esses caminhos com tanta clareza e que isso gera insegurança e dificuldade de comunicação.

*A partir dessa formação, consigo ingressar no mercado de trabalho? Não. Mas aí a conversa da professora era mais uma perspectiva assim: Mas, vocês vão fazer surgirem as vagas para vocês. E como vou fazer isso? (E<sub>7</sub>)*

A ausência de informações referentes aos egressos, mesmo caso que fez com que mudássemos o rumo do nosso estudo, gera mais escuridão por parte dos discentes, sejam eles de primeira graduação ou profissionais já formados que gostariam de atuar na carreira. Como vimos nos dados anteriores, 70% dos

discentes gostariam de atuar na área; no caso dos profissionais já atuantes, não há o medo de não se encaixar em alguma profissão, mas percebe-se que todos estão tateando o desconhecido e que gostariam de saber mais.

*Se eu conheço quatro pessoas que formaram no curso é muito, realmente uma eu conheço porque eu nem tenho certeza se o resto já está com o diploma na mão, mas que já defendeu que, enfim, estava com os desafios burocráticos da graduação. (E<sub>3</sub>)*

Para os discentes, a proposta do curso deveria ser reformulada, assim como o currículo acadêmico. A falta do componente diversidade nas propostas do programa e nas ementas das disciplinas é o que mais gera desconforto com aqueles que vieram buscar mais referências sobre diversidade e não encontraram.

*Se discute muito a questão do feminismo, né? Eu vejo pouco a questão da diversidade. Você vê pouco falar sobre a população indígena, a população negra e debater pessoas com deficiência, uma sociedade inclusiva, né? (E<sub>5</sub>)*

*Como você? Você entra na UFBA para estudar Cultura? Por que é um caldeirão, né? E o curso me decepcionou muito no sentido de a grande maioria dos docentes do curso são mulheres brancas, que vem de uma zona de privilégios. Cadê a diversidade aí?. (E<sub>5</sub>)*

A criação desse curso caminha em direção à valorização da diversidade de identidades, especialmente a de gênero. No Brasil, já existem cursos específicos para atender ao perfil do profissional que lida com a diversidade, já que os cursos tradicionais não atendem a essa prerrogativa (LIMA, 2012). Segundo a autora, no quadro do currículo, estudiosas feministas destacam que a invisibilização das questões de gênero, de etnia e de classe social configura um sistema de opressão, que é sustentado e valorizado pelo patriarcado, portanto, o currículo, quando pensado em gênero, vai suprir as complexas relações e múltiplas determinações que se inserem nesse contexto.

Há, ainda, aqueles que entendem o curso como um formador de profissionais de políticas públicas e afirmam que, na concepção deles, está muito aquém de informações e discussões sobre gestão.

*A gente acaba sendo meio que sem noção de orçamento de gestão. Eu sinto muita falta de coisa da gestão. É uma crítica constante quando a gente fala aqui. Eu já encontrei pessoas que saíram do curso e conheço colegas que não ficaram por isso. (E<sub>3</sub>)*

*Quando você fala o que você enxerga, então, eu enxergo que, na verdade, o curso de bacharelado em gênero e diversidade ele forma para políticas públicas. Mas, fica faltando muita coisa a discutir sobre isso. (E<sub>8</sub>)*

Além disso, a falta de setores conveniados que possibilitem estágios para essa área é um ponto muito relevante a ser discutido, visto que fica inviável assimilar com afinco qual o foco principal de atuação do curso sem a sua prática. Aqueles que já fizeram o estágio, item obrigatório para a formação, relatam não executar quase nenhuma função que seja relacionada à área de estudo, em geral, eles são direcionados para algo administrativo, setor financeiro ou burocrático. Por esse motivo, saem do estágio sem entender o que faz um bacharel em gênero e diversidade e, quando transferem essas questões para a sala de aula, percebem ser uma dúvida corriqueira e sem resposta singular.

Durante as entrevistas, ficou clara a necessidade de existir um pouco mais de mais diálogo entre o colegiado e os discentes, que se sentem perdidos com relação às demandas da graduação e até ao entendimento com relação ao curso. Além disso, os participantes acreditam ser necessário ter mais espaço de fala e de participação coletiva em algumas decisões.

*Na verdade, desde que eu entrei, os falantes comentam da reforma curricular e essa reforma curricular é uma coisa incrível. É o fantasma que todo mundo já ouviu falar. O famoso caviar nunca vi nem comi só ouço falar. (E<sub>3</sub>)*

Apresentamos, a seguir, uma tabela com as devidas referências.

**Tabela 16:** Citações da categoria Gestão Acadêmica e Docência

<b>Gestão Acadêmica e Docência</b>	
	É um público muito heterogêneo e que a própria instituição, por mais que seja um curso acolhedor, mas as estruturas da instituição não acolhem. Elas muito mais. Eu diria que reforçam algumas pressões e algumas cobranças (E <sub>1</sub> )

<b>C7</b>	Alguns dos meus colegas que eu sei que estão em primeira graduação, estão entrando agora. Eles não têm condição nenhuma de acompanhar as exigências, o ritmo de leitura, né? E as professoras não ligam muito. (E <sub>2</sub> )
	Como primeira graduação não é que eu não me adaptei. Eu fiz uma disciplina que era muito hard de leitura, me deu gatilho de depressão. E essa disciplina, num dado momento, me deu um revés criativo e eu bloqueei tudo. (E <sub>3</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>4</sub> )
	Eu sumi por um tempo e assim ninguém procurou saber de mim, porque eu tinha desistido das disciplinas. Porque eu não ia, porque eu faltava. Fala assim, de gênero da mulher, mas não tem apoio às mulheres que são mães, entendeu? (E <sub>5</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>6</sub> )
	Eu tive alguns problemas com umas matérias. A professora teve problema e aí ela não deu aula. Foi quase metade do semestre sem ter a aula e ela não se importou depois. (E <sub>7</sub> )
	Aconteçam muitos projetos e muitas discussões, mas ainda existem muitas coisas a serem pensadas. E aí, as professoras não falam disso sabe? Muito vago. (E <sub>8</sub> )
	Eu acho um pouco mangueado algumas coisas. Não sei, pode ser porque vim de outro Estado e estou acostumada com outra educação, não é melhor mais é diferente. (E <sub>9</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>10</sub> )
	<b>C8</b>
Eu lembro que eu coloquei como segunda opção gênero na hora de escolher, porque me parecia que eu tinha que colocar um segundo curso e nunca tinha ouvido falar nesse. (E <sub>2</sub> )	
Se eu conheço quatro pessoas que formaram no curso é muito, realmente uma eu conheço, mas eu nem tenho certeza se já está com o diploma na mão. (E <sub>3</sub> )	
Não aparece referenciada(o). (E <sub>4</sub> )	
É aquela crítica que eu faço sempre a gente se nem a gente sabe quem a gente é lá dentro. (E <sub>5</sub> )	
Não aparece referenciada(o). (E <sub>6</sub> )	
Eu descobri gênero e diversidade lá no Sisu e eu nunca tinha ouvido falar sobre esse curso. E aí eu fui pesquisar sobre ele. E aí todo mundo fala isso, todo mundo. Quando eu falo que eu estou graduando, meu Deus, esse curso existe. (E <sub>7</sub> )	
E eu descobri essa graduação no susto e que forma para o analista de políticas públicas depois. Depois que eu fui pesquisar descobri que o que é que o curso. (E <sub>8</sub> )	
Não aparece referenciada(o). (E <sub>9</sub> )	
Não aparece referenciada(o). (E <sub>10</sub> )	
<b>C9</b>	Mas assim, tudo que é um curso ligado a políticas públicas é necessário talvez o conteúdo das emendas e os conteúdos, que em alguns casos, fica um pouco repetitivo. Acho que tem que entender o que é o curso ainda. (E <sub>1</sub> )
	Então, enfim, aí eu entrei no curso de gênero e foi assim, um choque para mim, porque eu tinha a UFBA como uma referência de diversidade dentro das universidades. E a proposta do curso é boa, mas é desorganizado. Até porque o programa do curso é praticamente o mesmo programa do mestrado. (E <sub>2</sub> )
	Quer dizer, o gênero parece muito um curso de segunda graduação de aperfeiçoamento e sem falar na reforma curricular, que já era para ter vindo, que não veio. E nem a mudança de proposta que não veio. Nada. (E <sub>3</sub> )
	(E <sub>4</sub> )
	Talvez aí precise de um elemento pedagógico e talvez uma reformulação na forma de cumprir as matérias, estágios, sei lá. (E <sub>5</sub> )
	E as propostas do curso são dentro dos eixos múltiplos de existência do gênero, mas, e a população da diversidade, né? Devemos repensar essa proposta. (E <sub>6</sub> )
	O MEC estava ameaçando a querer encerrar o curso se a grade não mudasse. Eu acompanhei um pouco disso. E não só a grade, mas como algumas outras questões, como a estrutura do próprio curso. Tem que mudar, né? (E <sub>7</sub> )
	Quais são as outras matérias que a gente vê? Por exemplo? Não tem muita coisa que não seja gênero. Isso precisa pensar. (E <sub>8</sub> )

	Não aparece referenciada(o). (E <sub>9</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>10</sub> )
C10	A equipe, que talvez dá uma reformulada também no conteúdo programático, para que não fique com a sensação de que eu estou vendo o mesmo que foi abordado em política pública 1,2 e 3. Sabe? Repetitivo. (E <sub>1</sub> )
	Então a gente precisa começar com um conteúdo mais básico, umas leituras mais iniciais, mais leves para as pessoas. (E <sub>2</sub> )
	Eu vim de escola pública, eu não entendi metade dos textos que me mandaram ler no primeiro semestre. (E <sub>3</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>4</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>5</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>6</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>7</sub> )
	Bacharelado é muito bom, mas o conteúdo dele ainda tem muito cara de quem já tem um nível de leitura. E eu, que já vim de dois cursos, que eu tinha um nível de leitura alto penso assim(E <sub>8</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>9</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>10</sub> )
C11	Não aparece referenciada(o). (E <sub>1</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>2</sub> )
	Como a gente vai para o mercado de trabalho, sem experiência nenhuma, sem desenvolver nenhum trabalho dentro da própria faculdade no sentido de estágio sobre o que estudamos? (E <sub>3</sub> )
	A gente sente que as professoras em algum momento se voltam para a academia e querem formar pesquisadores. Mas, e os estágios? Eu não fiz nem um. (E <sub>4</sub> )
	Não tem professoras pedindo monitoria, não tem cursos de extensão, grupos de pesquisa ou estágios. Já tentei várias vezes. Desisti, né? (E <sub>5</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>6</sub> )
	Aí eles falavam há muita gente faz estágio ou alguns que eu conheço, vai para Defensoria Pública ou trabalha em alguma ONG. Mas não tem muita vaga não. (E <sub>7</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>8</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>9</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>10</sub> )
C12	O curso me pareceu assim até metade do curso, que ele foca muito em gênero, que ele explora pouco diversidade. Fica quase como se fosse um bacharelado em estudos de gênero. Único. (E <sub>1</sub> )
	A gente não tem diversidade lá, nem nas professoras se você quer saber. (E <sub>2</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>3</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>4</sub> )
	Se discute muito a questão do feminismo, né? Eu vejo pouco a questão da diversidade. Você vê pouco falar sobre a população indígena, a população negra e debater pessoas com deficiência, uma sociedade inclusiva, né? (E <sub>5</sub> )
	Eu sinto falta de componentes mais voltados para a questão da sexualidade e de corpos diversos mesmo. A gente é bastante focado na questão do gênero e do feminismo. Feminismo plural e fim. (E <sub>6</sub> )
	Vou falar o que eu tenho estudado agora nas matérias e não é muito diverso, pouca prática, estamos sempre falando do feminismo. (E <sub>7</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>8</sub> )
	Não é só gênero, não dá conta de tudo. Márcia Macedo falava isso muito bem. O gênero não dá conta de tudo. Tem tantas questões que envolve diversidade, que precisam também ser estudadas e serem também debatidas. (E <sub>9</sub> )
	Porque se fala pouco em diversidade dele e isso também me parece que gera um certo até. Uma limitação, talvez para os estudantes. (E <sub>10</sub> )
	A coordenação fica assim, rodando em volta de si mesmo, sabe? Sai uma da coordenação e vai ser vice, que volta no próximo ciclo. Eu sinto falta disso também. Sempre a mesma coisa. (E <sub>1</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>2</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>3</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>4</sub> )

<b>C13</b>	Tem um pouco do perfil de professor autoritário, a dona do saber, e sabe que talvez precise também rever um pouco essas posturas. Não todas, mas aproxime-se de seus estudantes, isso é bom. (E <sub>5</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>6</sub> )
	E não tive a aula e aí é uma loucura. Você, você chega do ensino do ensino público sem saber noção nenhuma de onde vai. E as professoras não explicam direito, sabe? (E <sub>7</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>8</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>9</sub> )
	Falta entender um pouco mais sobre o aluno, algo meio mecânico as vezes de leitura e trabalho. Não to falando mal, só acho que podemos melhorar. (E <sub>10</sub> )

### 4.3 Categoria: Perfil dos Estudantes

Desde o começo de minhas inquietações pessoais a respeito do BEGD, motivo que acabou desenvolvendo este estudo, surgiu a importância de conhecer melhor os discentes dessa graduação. Conhecer o perfil socioeconômico de um grupo que se dispôs a formar-se em Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade é essencial para entender o que podemos esperar desses profissionais e nos serve, ainda, como um norteador para nossos instrumentos no processo investigativo.

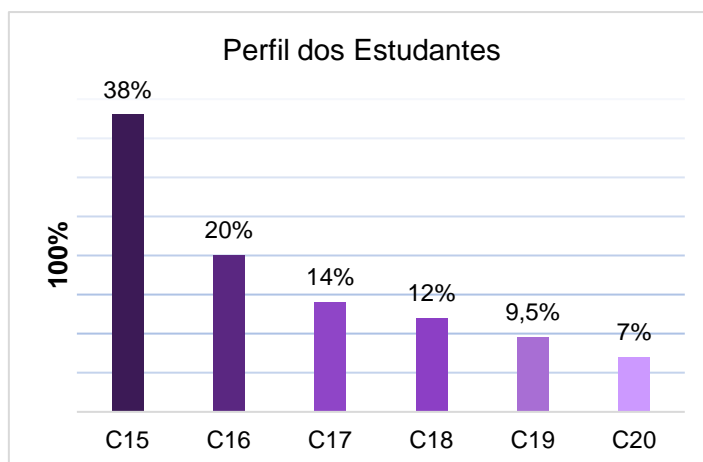
Apesar da hesitação em criar a categoria “Perfil dos Estudantes”, notamos, com ajuda de nossas análises, que era indispensável entendê-la como uma categoria analítica. O perfil dos estudantes foi citado 132 vezes e dividido em 7 códigos, conforme mostramos a seguir; essa categoria, principalmente, envolve todas as demais e acaba entrelaçando os desafios listados nesta pesquisa, tornando-se a base para a compreensão dos códigos que sinalizamos até aqui.

**Tabela 17:** Códigos *Atlas T.13*

<b>C15</b>	Motivação Pessoal
<b>C16</b>	Atuação em carreira diferente
<b>C17</b>	Aperfeiçoamento Acadêmico
<b>C18</b>	Desinteresse na área de atuação/curso
<b>C19</b>	Dificuldade de permanência
<b>C20</b>	Ponte para outro curso

Vejam os gráficos abaixo:

**Gráfico 20:** Categoria Perfil dos Estudantes



Fonte: Elaborado pela autora.

Consideramos importante entender por que o perfil de um determinado grupo pode ser entendido como um desafio para o curso. Percebe-se que os códigos C<sub>15</sub>, C<sub>16</sub> e C<sub>17</sub> foram os mais citados, apesar da distância de percentual entre eles, estão interligados e, à medida que fomos analisando, notamos que a questão da idade dos discentes tem um grande impacto para que o C<sub>15</sub> e C<sub>16</sub> se comuniquem e que, desta forma, torna muito desafiador fazer com que essa profissão ganhe visibilidade.

Dentro da estrutura e concepção de uma educação mais humanizada, a ideia de entrar em um curso exclusivamente por questões de cunho pessoal, desejo, sonho, vontade, *hobby* ou algo que envolva aspectos emocionais é o grande pilar para o desenvolvimento de profissionais que atendam às necessidades do século XXI, mas esse paradigma ainda precisa ser rompido para tornar-se realidade. A questão central da Universidade Nova e do REUNI é justamente uma modalidade de curso de graduação que se caracteriza por agregar uma formação geral humanística, científica e artística ao aprofundamento em um dado campo do saber, promovendo o desenvolvimento de competências e habilidades que possibilitarão ao egresso a aquisição de ferramentas cognitivas que conferem autonomia para aprendizagem ao longo da vida (TEIXEIRA *et al.*, 2012).

O que buscamos refletir, a partir disso, é que, dos discentes entrevistados, apenas dois (E<sub>3</sub> e E<sub>7</sub>) não têm outra formação acadêmica, e uma das

entrevistadas está desempregada (E<sub>5</sub>), sem exercer uma carreira mais sólida e fixa para obter retorno financeiro. Com isso, percebemos que os discentes já formados não buscam e não têm necessidade de se encaixar em vagas no mercado de trabalho e isso não os preocupa, o que acaba por não gerar mercado de procura.

Ao nos referir, especificamente, a empresas, devemos ter em mente que Mercado de Trabalho representa as formas de trabalhos que possam existir, que são feitos com base de troca de cunho legal, seja por um salário, uma bonificação ou qualquer outra forma de compensação pela mão-de-obra exercida. O que surge são vagas de emprego oferecidas pelas empresas e pela oferta e procura das mesmas, que está refletido nos critérios de seleção de pessoal dentro do sistema de recursos humanos das empresas (CAMARGO, 2010).

*Eu só me vejo na área de psicologia e não fazendo outra coisa. (E<sub>6</sub>)*

*Eu sou concursada então eu faço esse curso por amor. (E<sub>9</sub>)*

*A gente encara a faculdade como uma mudança de vida e nem sempre ela tem que estar ligada a essa questão de mercado de trabalho realmente. (E<sub>1</sub>)*

Não há pretensão de abrir caminhos e espaços para que essa nova profissão seja próspera, o que não diminui a participação e a importância da disseminação do conhecimento aprendido, porém, não contribui para a expansão do bacharel para além do muro acadêmico.

*Eu não preciso fazer o bacharelado no tempo em que o bacharelado está disponível, eu posso fazer devagar. Cursar e me expressar sem me cansar, sem me sobrecarregar. (E<sub>8</sub>)*

*Eu quero nesse curso me permitir o que em outros cursos eu não consegui, porque lá eu era novo. Eu tinha realmente que passar. Eu tinha que tirar boas notas, eu tinha que dar conta pra trabalhar. (E<sub>1</sub>)*

Vale salientar que, quando colocamos o perfil dos discentes como um desafio, não estamos o encarando como um problema a ser findado, e sim, uma



realidade a ser analisada para que seja possível reconhecer as melhores estratégias e contribuir para o crescimento do BEGD.

Sabemos, através do nosso material exploratório, que 76% dos discentes têm acima de 26 anos, 70% são mulheres, 68% atuam em outra área de trabalho e 64% já fizeram outra graduação. Esse panorama nos leva a perceber que quanto mais o ingresso se dá por esse público, apesar do ganho indiscutível de diversidade e conhecimentos distintos já citados, proporciona também a falta de busca pela disseminação do BEGD, seja no mercado de trabalho, seja no campo das políticas públicas e, como consequência, temos uma invisibilização do profissional e um enclausuramento acadêmico dos conhecimentos ofertados pela graduação.

*É aquela crítica que eu faço sempre. A gente produz muito, a gente produz com qualidade, mas a gente produz para nós mesmos. A gente fala entre si, a gente se consome entre os nossos estudos, mas a gente não leva para lugar nenhum. (E<sub>2</sub>)*

Como mencionado pelo E<sub>2</sub>, nosso debate se fixa em entender os desafios do BEGD e percebemos que, por esse curso ser mais frequentado por um público mais experiente e já consolidado no mercado de trabalho, os ingressantes de primeira graduação acabam se questionando a respeito do espaço que podem ocupar na carreira que escolheram. Sem uma referência a seguir, eles se sentem inseguros em construir uma carreira fora do campo acadêmico ou em esperar “surgir” uma vaga, como foi mencionado por um docente ao discente E<sub>7</sub>:

*E eu acho que eu não me vejo indo para a área da academia, sabe? Eu não me vejo sendo pesquisador, nada desse tipo. E aí, como para qualquer outra área que eu decida atuar, só a minha formação, eu percebo que não vai ser suficiente. (E<sub>7</sub>)*

Podemos afirmar que essa categoria foi a mais difícil de ser analisada e codificada, pois carrega questões complexas e muitas vezes difusas para se dividir. Além disso, os indivíduos analisados colocam suas emoções e vivências de forma muito singular e suas conexões com o curso se dão de maneira muito individual. No entanto, entendemos a necessidade de confrontar esses aspectos,

sabendo do alto número de evasão e dos poucos egressos que, ao longo de 13 anos, conseguiram ter diploma de bacharel, o que nos leva a próxima categoria.

### Tabela de referências e citações:

**Tabela 18:** Citações da categoria Perfil dos Estudantes

<b>Perfil dos Estudantes</b>	
<b>C15</b>	Eu quero nesse curso me permitir o que em outros cursos eu não consegui, porque lá eu era novo. Eu tinha realmente que passar. Eu tinha que tirar boas notas, eu tinha que dar conta pra trabalhar. (E <sub>1</sub> )
	Eu queria mesmo era me inserir tanto em gênero quanto em diversidades e, principalmente, a diversidade, porque nós somos muito diversos, de uma maneira muito mais didática. Me interessei pelo BEGD. (E <sub>2</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>3</sub> )
	Eu acho que o curso me despertou interesse pois mudou muito isso em mim. O curso mudou também a minha relação com o meu filho. Eu fui criada por uma família machista e eu queria me aproximar dele. (E <sub>4</sub> )
	Eu vi a diversidade. Eu falei Poxa, deve ser um curso bom. Vou estudar diversidade. Eu pensando, né? Eu fui para estudar diversidade, apenas isso. (E <sub>5</sub> )
	Mas queria uma graduação, uma graduação que pudesse me colocar mais próximo de algumas pautas para que eu conseguisse me inserir no mestrado (E <sub>6</sub> )
	Hoje eu entrei na universidade por questão de ter crescido num ambiente muito religioso e opressor. Nesse sentido, que me reprimia muito, está na universidade, está nas salas de aula de gênero. Foi muito importante para eu poder me entender como eu me entendo (E <sub>7</sub> )
	Eu tenho muito interesse ainda de estudar a invisibilidade da mulher idosa. Todo o processo de invisibilidade que acontece a partir do momento que a mulher é denominada idosa. Por isso estou aqui. (E <sub>8</sub> )
	Eu fui buscar Ciências sociais e aí acabei fazendo Gênero, mas nada com muita pressa. (E <sub>9</sub> )
	Eu acho que fazer um curso sem ter a pretensão de passar é o que torna ele leve. (E <sub>10</sub> )
<b>C16</b>	Assim que eu cheguei no curso e eu falei eu acho que eu não saio tão cedo do curso, porque eu devo continuar estudando isso por muito tempo ainda. Eu quero estudar isso como aperfeiçoamento. (E <sub>1</sub> )
	Eu queria entrar na graduação para ver se eu conseguia me inserir dentro da UFBA e pleitear um mestrado, que sempre foi o meu plano há anos. (E <sub>2</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>3</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>4</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>5</sub> )
	As minhas inquietações, principalmente na área da sexualidade, que é a área que me desperta maior interesse acadêmico. Conta mais especialização, não como área de atuação no mercado de trabalho. (E <sub>6</sub> )
	Então, foi um processo muito bom para mim poder fazer pesquisar sobre raça mais a fundo, pesquisar sobre questões de questões LGBT foi muito importante para poder me aperfeiçoar. (E <sub>7</sub> )
	Eu não vou sossegar e vou estudar esse curso para me minha vida e currículo e não para mercado de trabalho. Isso eu já tenho. Para minha formação, agregar para o meu trabalho e eu não preciso fazer o bacharelado. (E <sub>8</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>9</sub> )
	Mas essa é justamente uma característica que eu acho que o curso tem, que ele serve mesmo você não atuando diretamente na área. Ele serve para tudo. Eu estou aqui ficando cada dia mais forte. (E <sub>10</sub> )

C17	Eu trabalho nos Correios, mas eu transito. Eu fiquei já há bastante tempo na área de educação corporativa também. (E <sub>1</sub> )
	Eu sou Produtora, então, na verdade, toda a parte de assistente de produção de um cinema itinerante eu faço, trabalho com cultura. (E <sub>2</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>3</sub> )
	Eu trabalho na área jurídica desde 2002 e sou concursada. (E <sub>4</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>5</sub> )
	Eu só me vejo na área de psicologia e não fazendo outra coisa. (E <sub>6</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>7</sub> )
	Então eu sou psicóloga e eu já trabalho na área. Eu já trabalhava antes do bacharelado. (E <sub>8</sub> )
	Eu sou concursada então eu faço esse curso por amor. (E <sub>9</sub> )
	Sou professora e trabalho na área da educação há muitos anos. (E <sub>10</sub> )
C18	Eu não preciso do bacharelado para minha carreira, eu preciso dele para minha vida. (E <sub>1</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>2</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>3</sub> )
	Por mais que você tenha qualquer tipo de qualificação dentro do seu trabalho, existem barreiras burocráticas para você crescer em termos de carreira. Então, a minha intenção é fazer direito e não ir pra gênero. (E <sub>4</sub> )
	Eu já fiz 70% do curso, né? Aí meu amigo fala hoje, rapaz, termina logo. Se já foi 70% a entrar no curso, mas sempre reclamando, reclamando, mas eu falei vou terminar. Eu comecei vou ter que terminar. (E <sub>5</sub> )
	Decidi fazer faculdade, a princípio quase como um robô, despretensiosamente, e prestei vestibular então não busco outra carreira, entende? (E <sub>6</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>7</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>8</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>9</sub> )
	Aqui eu quero mais é aprender com tudo e errar. Errar e errar de novo e fazer de novo, não me importo com outra coisa hoje. (E <sub>10</sub> )
C19	Não aparece referenciada(o). (E <sub>1</sub> )
	Eu queria entrar na graduação para ver se eu conseguia me inserir dentro da UFBA e pleitear um mestrado, que sempre foi o meu plano há anos. Isso que pretendo fazer. (E <sub>2</sub> )
	Eu queria fazer direito, mas caí em gênero. (E <sub>3</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>4</sub> )
	Minha nota de corte foi baixa para poder mudar aí eu fui fazendo. (E <sub>5</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>6</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>7</sub> )
	O pouco que eu li sobre o que seria o curso de gênero me interessava pessoalmente mas, quero outro curso ainda. (E <sub>8</sub> )
	Essa formação é uma essa especialização praticamente e aí comecei a pegar matérias em comunicação e estou pensando em ir pra lá. (E <sub>9</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>10</sub> )
C20	Não aparece referenciada(o). (E <sub>1</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>2</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>3</sub> )
	Já abandonei o semestre, por estar quebrada pela própria consciência que o curso estava me trazendo. E especialmente por conta de violências emocionais que eu vivia. (E <sub>4</sub> )
	Noite noturna com poucas disciplinas no diurno, isso dificulta minha conclusão. (E <sub>5</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>6</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>7</sub> )
	Meu trabalho, filhos e uma série de coisas do mundo e eu quase parei milhares de vezes, mas não desisti ainda. (E <sub>8</sub> )
	Eu estou pensando seriamente em abandonar, meu psicológico anda abalado e pra eu mudar isso seria mudando também as leituras. (E <sub>9</sub> )

Eu já estava em adoecimento mental. E de certa forma o curso me fazia olhar para dentro do meu problema como algo de fora. Quase desisti. (E<sub>10</sub>)

#### 4.4 Categoria: Divulgação e Comunicação

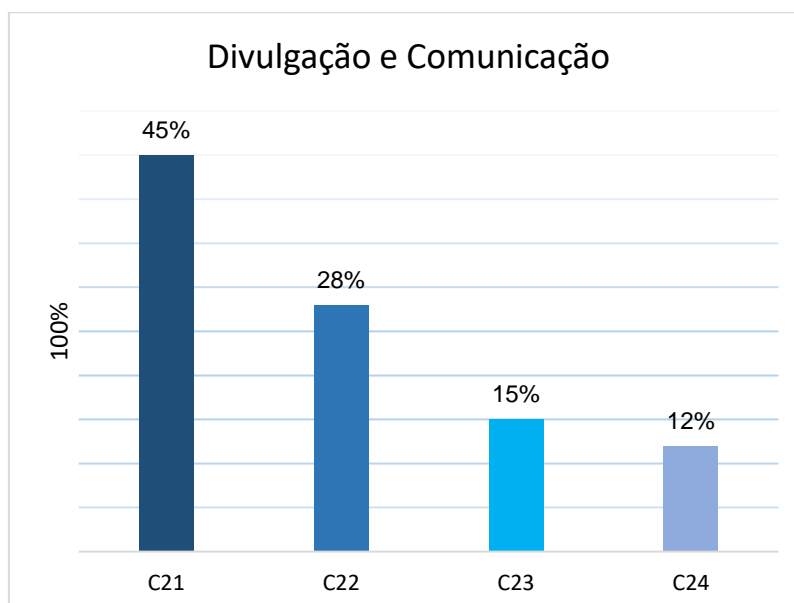
A categoria de Divulgação e Comunicação foi criada para dar conta de 4 códigos que criamos de acordo com as citações dos discentes. Apesar de não ter sido uma das categorias mais comentadas na entrevista, foi mencionada 48 vezes.

**Tabela 19:** Códigos Atlas *T.14*

<b>C<sub>21</sub></b>	Ausência de divulgação/ Curso pouco conhecido
<b>C<sub>22</sub></b>	Sem divulgação de vagas de trabalho
<b>C<sub>23</sub></b>	Sem parceria e reconhecimento dentro da Universidade
<b>C<sub>24</sub></b>	Pouca mobilização nas redes sociais

Na sequência, apresentamos a ordem de porcentagem:

**Gráfico 21:** Categoria Divulgação e Comunicação



Fonte: Elaborado pela autora.

Para Valeiro e Pinheiro (2008), divulgação é o ato de realizar, de promover e fazer com que algo se torne público, podendo ser para públicos gerais ou específicos. Segundo os autores, a ciência ganhou mais espaço e, com ela, a produção do conhecimento, refletida no crescimento da literatura e desenvolvimento de técnicas e especializações de áreas, o que trouxe a necessidade de organizar o acesso e a oferta de informação. A internet, como nova protagonista do espetáculo midiático, permitiu a milhares de novos usuários de suas redes que as informações fossem trafegadas a cada instante, ampliando, exponencialmente, o público em potencial ao acesso da comunicação e da informação. Divulgadores da ciência possuem a responsabilidade de transformar um determinado conteúdo científico, fruto de linguagem específica, em um conteúdo que possa ser entendido por pessoas de fora daquele campo de conhecimento.

O código C<sub>21</sub> refere-se, exatamente, à falta de conhecimento sobre a existência do curso, suas produções/ações e a própria divulgação da carreira. Essa ausência de divulgação, segundo os discentes, não está concentrada apenas fora dos muros da Universidade, mas, dentro do próprio meio estudantil, onde não há o reconhecimento do BEGD.

*E é um curso muito novo, que não tem muito espaço dentro da universidade. Como a gente já comentou aqui quase ninguém conhece o curso lá. (E<sub>10</sub>)*

*A gente fala entre si, a gente se consome entre os nossos estudos, mas a gente não leva para lugar nenhum. (E<sub>5</sub>)*

Como podemos perceber, a divulgação do que é produzido dentro do BEGD, na visão dos discentes, precisa sair um pouco do contexto da academia para alcançar espaços mais amplos de comunicação. Ainda de acordo com Valeiro e Pinheiro (2008), devemos esclarecer primeiramente que, enquanto a comunicação científica é a forma de estabelecer o diálogo com o público da comunidade científica, a comunicação visa atrair o público diversificado, fora dessa comunidade. Estabelecer o diálogo com a sociedade também contribui para que o próprio mercado de trabalho possa se abrir para esse profissional.

*Outra pessoa foi um rapaz que eu vi defendendo o TCC, mas realmente eu não conheço quase ninguém. E olhe que eu entrei em 2017 me pergunto onde tá esse povo. (E<sub>3</sub>)*

No âmbito da comunicação, a divulgação é um importante elo para criar oportunidades e parcerias, que acabam por abrir caminhos e permitir o estreitamento da distância entre aqueles que fazem a ciência e aqueles que a absorvem, ou aqueles que se beneficiam dos produtos desenvolvidos, a partir dos resultados das pesquisas, incorporados em suas vidas.

A maior interação da Universidade com o público entendido como o conjunto de indivíduos, na sociedade, que percebem os benefícios da ciência e do campo científico, pode demandar novos conhecimentos e aplicações, que serão percebidos no trabalho e abrirão perspectivas de novos caminhos para explorar as formas de contribuição do BEGD para a sociedade.

O resultado de um processo de divulgação falho está no caminho mais tortuoso de expansões importantes, como a abertura laboral, ou seja, a falta de estágios, emprego, parcerias, entre outras queixas já mencionadas pelos discentes e que podem ser agravadas quando não são analisadas e repensadas. Os códigos C<sub>21</sub>, C<sub>22</sub> e C<sub>23</sub> e C<sub>24</sub> estabelecem a conexão da comunicação como o ponto a ser reestruturado e reformulado dentro do colegiado e uma das grandes consequências de outros desafios que o BEGD enfrenta. A rede de comunicação e divulgação, seja nas redes sociais, na Universidade ou na sociedade, quando não estabelecida de forma corriqueira, não gera demandas a serem debatidas e construídas, o que, segundo os discentes, desprivilegia o processo de maturação da graduação, que acaba se fortalecendo apenas nos meios científicos.

*E aí todo mundo fala isso, todo mundo. Quando eu falo que eu estou graduando, meu Deus, esse curso existe. Eu nunca ouvi falar, é verdade. (E<sub>7</sub>)*

### **Tabela de referências e citações:**

**Tabela 20:** Citações da categoria Comunicação e Divulgação

<b>Divulgação</b>
-------------------

C21	Nunca tinha ouvido falar do bacharelado. Veja em 2018. Eu, estudante da UFBA, eu nunca tinha ouvido falar do bacharelado. (E <sub>1</sub> )
	Cai de paraquedas numa disciplina que eu fiquei pesquisando, grupos de extensão de pesquisa e descobri o curso. Se não fosse isso não saberia que existia. (E <sub>2</sub> )
	Até porque o mercado ainda não conhece a graduação de gênero. A gente tem há muito pouco tempo, por exemplo, esse processo seletivo que eu passei no Ministério Público, em que, por exemplo, demorou muito para sair porque era uma trava. Sabe se lá por quê. (E <sub>3</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>4</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>5</sub> )
	E às vezes eu falo para as pessoas que eu estou no Bacharelado de Gênero Diversidade e as pessoas perguntam, mas depois eu falo não é graduação. Quer dizer, dentro do próprio corpo acadêmico. Muita gente desconhece esse curso como um curso de graduação. (E <sub>6</sub> )
	Eu descobri gênero e diversidade lá no Sisu e eu nunca tinha ouvido falar sobre esse curso. E aí eu fui pesquisar sobre coisa que gosto. (E <sub>7</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>8</sub> )
	Eu acho que as pessoas realmente não conseguem se vislumbrar o que é o curso, ele não aparece. (E <sub>9</sub> )
	E é um curso muito novo, que não tem muito espaço dentro da universidade. Como a gente já comentou aqui quase ninguém conhece o curso lá (E <sub>10</sub> )
C22	Não aparece referenciada(o). (E <sub>1</sub> )
	Eu não conheço ninguém que trabalhe com algo do curso esse tipo de coisa para viver. E não vejo ofertas de vagas, não sei na verdade. (E <sub>2</sub> )
	Para o processo de abrir uma vaga, de se fazer conhecer o curso além da burocracia é algo muito difícil de ver. Não existe. (E <sub>3</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>4</sub> )
	A oportunidade para nós, alunos dentro da própria faculdade, com projetos de iniciação científica, com talvez uma criação de um PET, porque a maioria dos cursos toda tem o PET e nós nem vagas de trabalho temos. (E <sub>5</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>6</sub> )
	Quando for as empresas forem procurar esses profissionais, elas provavelmente vão escolher profissionais de áreas conhecidas. E a gente não tem para onde correr, o próprio curso não divulga vagas, porque não tem. (E <sub>7</sub> )
	E o curso quase não fala disso que nunca vi divulgação de vaga até porque A empresa faz aquelas formações expressa e convida os seus profissionais que entenda e não sabemos de vagas. Nunca vi. (E <sub>8</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>9</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>10</sub> )
C23	Eu acredito que o curso precisa ser mais visto. Ele é pouco conhecido fora da universidade, fora do ambiente PAF (E <sub>1</sub> )
	É aquela crítica que eu faço sempre. A gente produz muito, a gente produz com qualidade, mas a gente produz para nós mesmos. (E <sub>2</sub> )
	Né? Até porque o mercado ainda não conhece a graduação de gênero. A gente tem há muito pouco tempo e não saímos do mundinho também. (E <sub>3</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>4</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>5</sub> )
	Quer dizer, dentro do próprio corpo acadêmico. Muita gente desconhece esse curso como um curso de graduação e nem entende o que fazemos. (E <sub>6</sub> )
	Então 13 anos de curso. E é um curso muito novo, que não tem muito espaço dentro da universidade. Quase nenhuma na verdade. (E <sub>7</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>8</sub> )
	A gente fala entre si, a gente se consome entre os nossos estudos, mas a gente não leva para lugar nenhum. E a Universidade também não busca O BEGD para assuntos sobre isso. Vejo a gente muito isolado. (E <sub>9</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>10</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>1</sub> )
	Eu acho que é muito carente nessa nesse aspecto, então seria muito interessante trabalhar com isso <i>com divulgação sabe?</i> (E <sub>2</sub> )

<b>C24</b>	Não aparece referenciada(o). (E <sub>3</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>4</sub> )
	Não tem linha de comunicação digital, tipo, grupos ou rede social, tudo muito escasso. Nem sei quem é da minha turma. (E <sub>5</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>6</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>7</sub> )
	Então acredito que a gente está ainda no campo do pioneirismo, não tão pioneiros quanto os primeiros, que já tem campos abertos. Mas, é preciso ser visto. (E <sub>8</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>9</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>10</sub> )

#### 4.5 Categoria: Infraestrutura

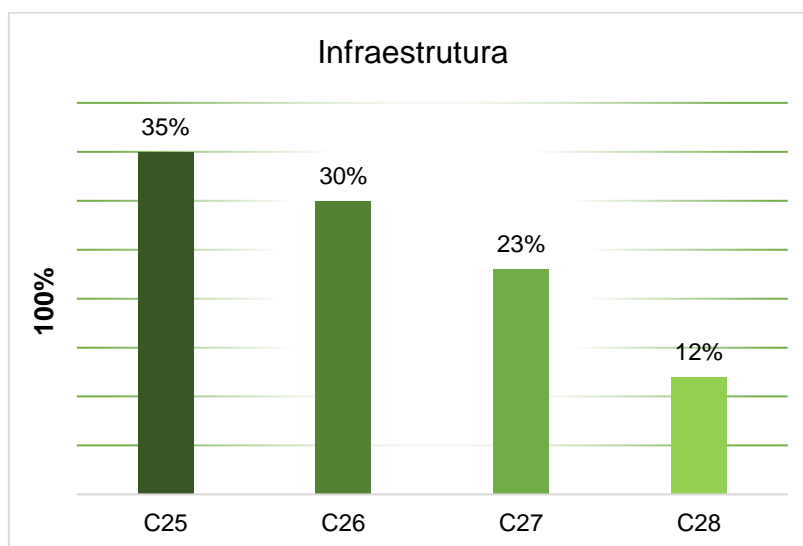
A ideia de infraestrutura foi inserida para dar conta de partes das entrevistas dos discentes, que foram referenciadas em 30 citações. Para essa categoria criamos 5 códigos, conforme a tabela abaixo:

**Tabela 21:** Códigos Atlas *T.15*

<b>C25</b>	Deslocamento dos alunos entre os campi
<b>C26</b>	Informatização com outros setores/entre alunos
<b>C27</b>	Falta de espaço físico para o BEGD
<b>C28</b>	Dificuldade de acesso ao colegiado
<b>C29</b>	Ausência de laboratórios do BEGD

Segue o gráfico que apresenta o percentual:

**Gráfico 22:** Categoria Infraestrutura



Fonte: Elaborado pela autora.



A graduação em BEGD é um curso noturno que oferece 50 vagas por ano para os estudantes ingressantes. O colegiado/secretaria tem sua estrutura montada em São Lázaro, em conjunto com o NEIM, inclusive, boa parte das professoras do BEGD atuam também no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM).

Contudo, por questões internas da Universidade e de segurança local, o *campus* de São Lázaro não funciona no período da noite, portanto, qualquer questão que precise ser resolvida tem que ser feita por e-mail, telefone ou pessoalmente em horário comercial.

A categoria Infraestrutura, apesar de não ter sido uma das mais citadas, expõe uma dificuldade oriunda de questões que foram trazidas pelos estudantes e que, segundo eles, inviabiliza a criação de vínculos e fortalecimento com o próprio curso e com os discentes/docentes. Como as aulas ocorrem em diferentes *campi*, muitos dos estudantes não se encontram nos corredores ou nas salas de aula e outros acabam adiantando ou atrasando as disciplinas para poder concluir ou permanecer ativo. Percebemos que o código C<sub>25</sub> é o item mais citado pelos entrevistados e todos os referenciados foram categóricos ao afirmar que sentem muita dificuldade em, na mesma semana, assistir às aulas nos *campi* de Ondina, Canela, Direito etc. Além do movimento muito grande de deslocamento, ainda é preciso pagar o transporte, seja ele público ou pessoal, o que, diretamente, dificulta o acesso de estudantes que vêm de longe. Os códigos C<sub>26</sub>, C<sub>27</sub> e C<sub>28</sub> são reflexos dessa falta de espaço para o curso.

*Então 13 anos de curso. E é um curso muito novo, que não tem muito espaço dentro da universidade. Como a gente já comentou aqui quase ninguém conhece o curso lá e é um curso que sofre porque é um curso de São Lázaro, mas que é um curso noturno. E aí São Lázaro não funciona à noite. Então a gente tem essa dificuldade de não ter o nosso campus. (E<sub>7</sub>)*

A dificuldade de estudar em diferentes locais também acaba por ser um agravante para que os discentes de baixa renda permaneçam no curso ou para que possam cumprir essa graduação no tempo sugerido.

*Na pandemia foi ótimo nesse sentido, eu não gastava dinheiro porque cada dia em um lugar é muito difícil pra mim. (E<sub>5</sub>)*

Para alguns dos entrevistados, há também uma dificuldade em criar laços com as pessoas de outros semestres e até mesmo com os seus colegas de ingresso, o que acaba não gerando uma sensação de identidade e reconhecimento com os demais. Tampouco possibilita aclarar as dúvidas que os discentes carregam sobre o futuro dessa graduação além de, segundo eles, não conseguirem criar um senso de coletividade e rede de apoio. Outros aspectos avaliados sobre as condições de infraestrutura pelos discentes foram a qualidade de acesso às salas da Universidade e a comunicação com o colegiado, o que reforça a categoria anterior.

*Não há espaço para socializar, não há laboratórios, não há muitos egressos, não há informações. Eu entro, sento e vou embora. (E<sub>9</sub>)*

*A gente não tem as nossas salas, então é uma dificuldade para conseguir pegar salas para ofertar nossas disciplinas. É uma dificuldade de mentalização no geral, de conversa presencial com o nosso colegiado. (E<sub>7</sub>)*

Com relação à falta de espaço para o BEGD e ausência de comunicação, os discentes disseram, ainda, que existe um movimento e uma tentativa de fazer com que o Grêmio Estudantil consiga estabelecer e fortalecer o vínculo com a Universidade, porém, há uma dificuldade em conseguir discentes que queiram participar. Como a maioria dos alunos trabalha e acaba tendo várias demandas, não se interessa por articular movimentos estudantis na Universidade.

*Sempre que pode chamar, convocam pessoas novas para poder estar formando esse centro acadêmico. Só que não consegue, porque os alunos que estão sempre sem tempo, agora de pandemia, ela estava tentando marcar reunião no Google Meet. Só que não vai pessoa suficiente para poder fazer com que essa reunião aconteça. (E<sub>7</sub>)*

## **Tabela de referências e citações:**

**Tabela 22:** Citações da categoria Infraestrutura

<b>Infraestrutura</b>	
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>1</sub> )

C25	Se eu não estou enganada essa foi uma das críticas do MEC sobre o curso, sabe? De não ter um espaço físico seu. (E <sub>2</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>3</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>4</sub> )
	Na pandemia foi ótimo nesse sentido, eu não gastava dinheiro porque cada dia em um lugar é muito difícil pra mim. (E <sub>5</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>6</sub> )
	Então é por isso que a evasão é muito grande também, a gente não conhece muito bem quem são as pessoas do curso sabe. (E <sub>7</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>8</sub> )
	Cara, é bem difícil o deslocamento. As vezes deixo de ir, não vou mentir. (E <sub>9</sub> )
	Acredito que poderíamos ter concentrado um pouco mais as aulas, as salas. (E <sub>10</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>1</sub> )
C26	Não desenvolvem atividades relacionada aos alunos do curso. Não vejo muita articulação. (E <sub>2</sub> )
	E também a coordenação do curso solicitar, esqueci o nome do convênio, mas convênios com secretarias, empresas privadas, né? Sem falar muito na mídia, questão de gênero, mas você não vê. Nas secretarias você não vê, nas empresas, empresas privadas. (E <sub>3</sub> )
	Não se fala muito na Universidade sobre o curso, questão de gênero sim, mas você não vê. Nas secretarias dos cursos você não vê a gente envolvido. (E <sub>4</sub> )
	Por exemplo o estágio, eu tentei mudar porque eu estava trabalhando na Secretaria de Educação, na coordenação do JCC. Enfim, são um grupo muito fechado para você conseguir dialogar com a gente não tem como conversar. (E <sub>5</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>6</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>7</sub> )
	Não aparece referenciada(o). (E <sub>8</sub> )
	Eu acho que poderia partir dos coordenadores, professores para fazer mais. Mais acordos para que a gente possa ir mais para secretaria, fazer estágio na área mesmo. Porque não participar? (E <sub>9</sub> )
	Não tem muitos estágios e nem vagas de coisas não. Falta algumas extensões enfim. Deve ser muito difícil dar conta de tudo também. (E <sub>10</sub> )
	C27
Não aparece referenciada(o). (E <sub>2</sub> )	
E eu acabei ficando meio que irregular. Me falta agora as três matérias de estágio. As três matérias de estágio <i>que não consigo pegar</i> . (E <sub>3</sub> )	
Não aparece referenciada(o). (E <sub>4</sub> )	
E a maior dificuldade é você ter espaço para para estagiar, para trabalhar e a própria Universidade não te dá espaço. As próprias professoras também têm que pensar nos alunos dos estudantes. (E <sub>5</sub> )	
Não aparece referenciada(o). (E <sub>6</sub> )	
E é um curso muito novo, que não tem muito espaço dentro da universidade. Como a gente já comentou aqui quase ninguém conhece o curso lá (E <sub>7</sub> )	
Não aparece referenciada(o). (E <sub>8</sub> )	
E aí São Lázaro não funciona à noite. Então a gente tem essa dificuldade de não ter o nosso campus. Nossas aulas são todas perdidas por aí. (E <sub>9</sub> )	
Não aparece referenciada(o). (E <sub>10</sub> )	
C28	Não aparece referenciada(o) (E <sub>1</sub> )
	Agora vai ser esse o semestre presencial na UFBA e se no pandêmico ainda assim era pesado e não tinha questão de locomoção imagine agora. Fora que toda vez ter que ir em São Lázaro falar com fulano ou beltrano. Eu nunca fui. (E <sub>2</sub> )
	(E <sub>3</sub> )
	Não aparece referenciada(o) (E <sub>4</sub> )
	Pesquisa e questão da monitoria que as professoras poderiam solicitar monitoria para os próprios alunos e transformar em algo acessível. (E <sub>5</sub> )
Não aparece referenciada(o) (E <sub>6</sub> )	

	Eu nem vou muito lá em São Lázaro onde é o NEIM, até porque eu só fui em São Lázaro, uma vez que foi que na época eu estava fazendo uma matéria lá e <i>fica distante</i> . (E <sub>7</sub> )
	Não aparece referenciada(o) (E <sub>8</sub> )
	A gente não tem as nossas salas, então é uma dificuldade para conseguir pegar salas para ofertar nossas disciplinas. É uma dificuldade de mentalização no geral, de conversa presencial com o nosso colegiado. (E <sub>9</sub> )
	Difícil a comunicação para mim. Nunca consigo falar no colegiado só por e-mail. (E <sub>10</sub> )

## 5. Capítulo 5: Considerações finais

### 1.1 Os principais desafios do BEGD aos olhos dos discentes

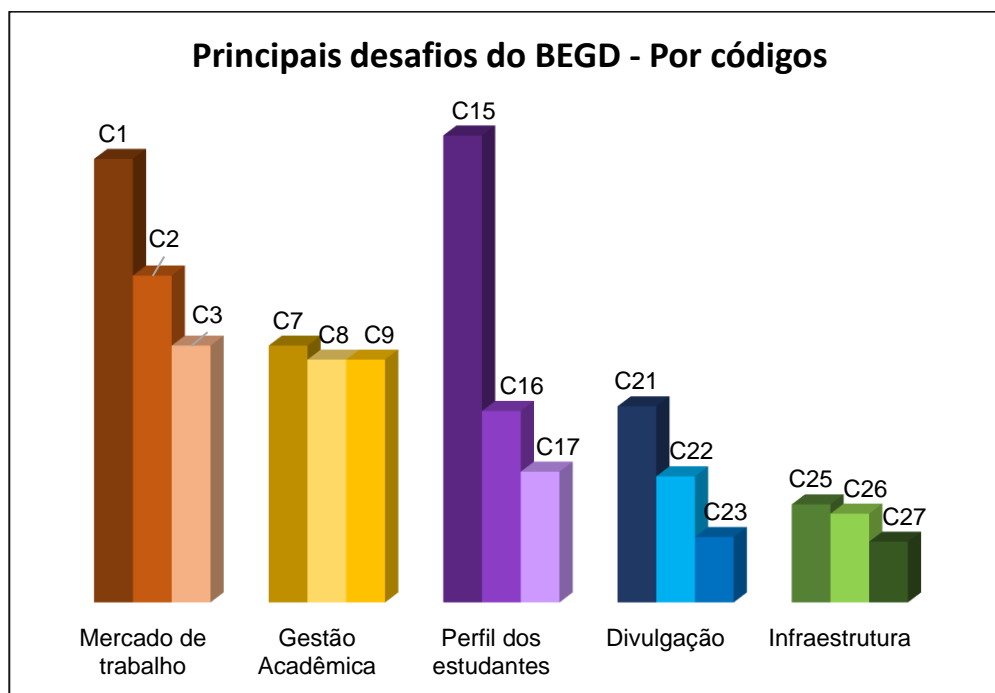
A seguir, construímos um gráfico que representa os 3 principais desafios encontrados em cada uma das categorias citadas durante esta dissertação. Os códigos foram selecionados e comparados de acordo com a porcentagem geral de referência.

**Tabela 23:** Principais códigos de cada categoria em porcentagem.

<b>C<sub>1</sub></b>	Sem vagas no Mercado de trabalho
<b>C<sub>2</sub></b>	Sem necessidade de um profissional dessa área
<b>C<sub>3</sub></b>	Não serve como primeira graduação
<b>C<sub>7</sub></b>	Prática e postura docente
<b>C<sub>8</sub></b>	Ausência de informações sobre o curso
<b>C<sub>9</sub></b>	Reconfigurar a proposta do curso
<b>C<sub>15</sub></b>	Motivação Pessoal
<b>C<sub>16</sub></b>	Atuação em carreira diferente
<b>C<sub>17</sub></b>	Aperfeiçoamento Acadêmico
<b>C<sub>21</sub></b>	Ausência de divulgação/ Curso pouco conhecido
<b>C<sub>22</sub></b>	Sem divulgação de vagas de trabalho
<b>C<sub>23</sub></b>	Sem parceria e reconhecimento dentro da Universidade
<b>C<sub>25</sub></b>	Deslocamento dos alunos entre os <i>campi</i>
<b>C<sub>26</sub></b>	Informatização com outros setores/entre alunos
<b>C<sub>27</sub></b>	Falta de espaço físico para o BEGD

Segue o gráfico de análise:

**Gráfico 23:** Principais desafios por código/categoria



Fonte: Elaborado pela autora.

O gráfico acima representa a relevância de cada código dentro das categorias de análise. Podemos observar que os códigos C<sub>1</sub>, C<sub>2</sub> e C<sub>15</sub> estão com o maior percentual de referências quando analisados de forma macro, sendo considerados os grandes pilares desafiadores do BEGD. Tais códigos estão sinalizando respectivamente: a falta de vagas no mercado de trabalho, a não necessidade um profissional da área e o ingresso por motivações pessoais.

Como já mencionado nesta dissertação, muitos dos estudantes do BEGD já estão mais estabilizados em sua vida profissional e o cursam com o desejo de conhecer uma graduação de maneira que possam sentir a conexão com o que foi aprendido sem a necessidade e a pressão por buscar emprego e se encaixar em vagas de trabalho. Essa ideia em potencial abrange as necessidades estudantis do século XXI e compactua com a criação da Universidade Nova, mas, em que momento esse elemento se torna desafiador e até mesmo limitante para o curso e para a expansão da carreira de Bacharel em Estudos de Gênero e Diversidade?

Conforme mencionamos, a inexistência pela busca de trabalho na área não gera demanda no mercado, fazendo com que qualquer profissional qualificado possa, de maneira menos técnica, executar as funções que cabem a

quem é formado pelo BEGD. O perfil dos discentes, como vimos, representa pessoas com outras demandas laborais, que acabam por não construir o vínculo necessário para alavancar essa área e carreira profissional. No código C<sub>3</sub>, esse aspecto torna-se evidente quando mais da metade dos entrevistados acredita que o BEGD não serve para ser uma primeira graduação e que, se fossem se inserir no mercado de trabalho, cursariam outra graduação.

O site do curso, como já indicado, propõe que o bacharel analista em gênero e diversidade possa se inserir em setores bastante diferentes, uma vez que as questões abordadas na graduação vêm se transversalizando e sendo cada dia mais inerentes às demandas sociais. No entanto, ainda segundo a página virtual, é possível encontrar uma maior força em agências de cooperação internacional, organismos internacionais, organizações governamentais e não-governamentais, órgãos e instituições públicas, mas também em empresas, por exemplo, que assumam projetos de responsabilidade social e equidade. Essa demanda empresarial, no entanto, ainda está em processo de construção na sociedade e não tem uma oferta e uma procura que alcancem os objetivos do BEGD. Além disso, como pontuado pelos discentes, a falta de divulgação da graduação não contribui para uma valorização dos profissionais, como indicado nos códigos C<sub>21</sub> e C<sub>22</sub>.

Contudo, percebemos que esses possíveis lugares de atuação que foram mencionados acima ainda são desconhecidos pelos discentes, fazendo com que a comunicação sobre a relação de vagas de trabalho, estágios e perspectiva de carreira seja um labirinto escuro para todos. Deixamos claro que não estamos questionando ou deslegitimando a existência dessa carreira e suas competências, mas cabe à pesquisa científica o olhar direcionado a entender as necessidades de melhorias para que possamos fomentar condições de avançar em pautas que são substanciais na sociedade.

Tratamos, ainda, acerca da discussão de que a Universidade não pode saber qual perfil de mão de obra encontrará emprego, nem saber, com certeza, quais tipos de teoria resolvem e transformam a sociedade. A raiz desse problema está na história de como as universidades surgiram no Brasil, elas foram pensadas para formar uma força de trabalho totalmente especializada, segmentada e desigual nas então chamadas profissões imperiais. Essas profissões passaram a ser tão valorizadas que, até hoje, as pessoas já fazem a

entrada na Educação Superior diretamente direcionadas a elas ou pensando em migrar. Para um contexto de educação superior, é necessário assumir a dúvida, trazê-la para dentro do *campus*, para a sala de aula e embarcar em um processo de integração de longas discussões.

Diante de nossa análise, é necessário ressaltar, ainda, que a própria narrativa do Projeto Político Pedagógico do curso propõe um egresso inserido no mercado de trabalho. O PPP, inclusive, faz referência a um concluinte que obterá o título de Bacharel em Estudos de Gênero e Diversidade e que lhe possibilitará atuar no mercado de trabalho como profissional qualificado para atuar em equipes multidisciplinares, em cooperativas, individualmente, associações, sindicatos, empresas privadas ou públicas, tanto no planejamento como na execução de atividades, ações, projetos, programas de desenvolvimento regional, políticas públicas em geral, que envolvam a abordagem de gênero e suas interseccionalidades.

Em outras palavras, o curso possui a estrutura de carreira a ser seguida e direciona os caminhos a serem tomados pelos discentes. Porém, de acordo com o *Atlas T.I.*, as palavras que mais se repetiram foram: “trabalho”, repetida 86 vezes; “profissão”, repetida 31 vezes e “falta de estágio”, repetida 18 vezes; o que demonstra uma dificuldade dos discentes em entender o próprio curso, sua estrutura, sua carreira e uma dificuldade maior em ter uma perspectiva desse novo formato de Universidade Nova/REUNI.

Democratizar as informações também faz parte da construção do plano de carreira. Quando nos referimos à democracia de acesso, é preciso entender que pensar nas questões socioeconômicas é fundamental, afinal, uma graduação que não possibilita a visualização de rentabilidade a seus discentes, ou que não os aclara quanto a essa possibilidade, tende a ter uma seletividade de público e acadêmica. Como mencionado pelos discentes, é necessário ir para além dos muros da Universidade e somente dessa maneira conseguiremos atingir a sociedade como um espaço de luta e de ruptura de padrões.

## **1.2 O olhar da pesquisadora**

Ao longo desta pesquisa, apresentamos o pensamento dos discentes a respeito dos desafios e dificuldades que eles enfrentam. Pela percepção desses



encontros e até mesmo pelos desencontros, foi possível que desenvolvêssemos profundas reflexões, críticas e pontos de observação.

Na condição de pesquisadora, cujo olhar não está de fora, visto que sou aluna do curso de BEGD, busquei compreender as relações e os processos formativos através de um olhar técnico e menos ativista. No entanto, conforme o tempo em que estive envolvida com essa pesquisa, que configura as pesquisas científicas institucionalizadas, tentamos pontuar (volto a usar a primeira pessoa do plural como condução da pesquisa) algumas conclusões, fruto daquilo que ouvi nas entrevistas, li sobre o curso, falei e pude perceber na condição de pesquisadora.

Um dos pontos essenciais que analisamos é a percepção com relação ao cenário político e social, que tem uma grande influência na existência desse curso, logo seria incoerente não suscitar essa discussão. Nos últimos 6 anos, os debates promovidos sobre gênero e diversidade, por mais forte que estejam nos movimentos sociais, ainda estão presos à atuação de políticas públicas, tanto de Estado como de Governo, para se legitimar. O cenário político em que o Brasil se encontra não está alinhado às pautas sociais e de direitos humanos. Devemos lembrar o papel do Estado e sua funcionalidade no campo discursivo e como isso tem sido fundamental na manutenção do que cada governo entende ser sua função como Estado. Ou seja, os estados democráticos têm por característica a garantia do debate plural, devendo funcionar como mediadores entre indivíduos e toda a coletividade.

A existência desse curso se fortalece nos valores e na defesa dos direitos humanos e de uma sociedade mais democrática quanto às relações das minorias, ou seja, gênero, raça, etnia, comunidade LGBTQIAPN+ etc., rompendo com o ponto de vista androcêntrico e patriarcal. É fundamental a busca por pensar na inclusão de todas as identidades, sobretudo na diferença essencial entre elas e a compreensão de que precisam ser vistas pela sociedade e serem reconhecidas como parte do coletivo. No entanto, quando o governo em atuação não avança com pautas sociais, temos um retrocesso em questões que visam a disseminação de cursos como o BEGD, o que nos leva a todos os desafios levantados e discutidos pelos discentes.

Como verificamos em nossa pesquisa, a criação e implantação do curso só foi possível devido a fatores de eclosão das políticas públicas em gênero e

educação em contexto mundial e o crescimento da Universidade Federal da Bahia com o Projeto “Universidade Nova: Reestruturação da Arquitetura Acadêmica da UFBA” e, claro, a atuação das professoras do NEIM na criação e implantação do curso. Porém, ao longo dos anos, as políticas que permeavam os processos de educação democrática foram sendo fragilizadas por ações governamentais que excluem e que são pautadas por uma ideologia conservadora.

As 5 categorias apresentadas são também reflexos da política externa, que dificulta a atuação e o incentivo para que essa graduação se fortaleça. Tatiane de Lucena Lima afirma, em sua tese de doutorado, de 2012, que existe uma insatisfação das professoras com a burocracia acadêmico-universitária, determinada pelo pensamento androcêntrico e que, na visão dela, deixou suspensas condições importantes para melhorar o funcionamento do curso. Essa insatisfação é vista pelos discentes, que buscam por maiores oportunidades de trabalho, de estágio, de condições para poder concluir o curso e de visibilidade da carreira profissional. Percebemos, ainda, que tais dificuldades se transformam em obstáculos para que egressos possam dar seguimento a essa carreira, fazendo com que o meio acadêmico seja o caminho mais direcionado, o que, conseqüentemente, diferencia o perfil do público do BEGD.

Já para os discentes que precisam se afirmar em uma sociedade capitalista e cada dia mais tecnológica, que busca por profissionais polivalentes, essa graduação torna-se limitante, o que explica a grande evasão e o baixo número de egressos. Faz-se necessário entender que ainda que haja progressos para desvincular a Universidade como restrigente ao mercado de trabalho, no panorama do ramo das atividades trabalhistas, ainda existe essa vinculação e construção intrínseca.

Reconhecemos que as professoras que ajudaram a criar o BEGD encontraram muitas resistências para a sua implantação, reveladas pela dificuldade de ter condições mínimas favoráveis ao seu desenvolvimento. Para além disso, podemos concluir que as docentes envolvidas seguem lutando por mais possibilidades de acesso a essa graduação, que contribui de forma incomensurável para a erradicação de preconceitos estruturais e mantenedores de privilégios.

Contudo, ainda há diversos aspectos que devem ser modificados para que possamos alcançar com êxito o objetivo da criação do BEGD. Recuperamos a pesquisadora Lima (2012, p. 182), que usa da analogia para comparar a criação do BEGD com a construção de uma casa:

A construção de uma casa não começa com a compra de tijolos ou equipamentos, mas, com um sonho: o sonho da casa nova! O que terá nesta casa? Varanda para descansar? Jardim para a borboleta pousar? Cozinha grande para conversas no jantar? A construção da casa resulta dos encontros, das interações, de objetivos comuns. Assim, aconteceu com as professoras do NEIM, o sonho de um curso inédito. Uma ideia que brotou de um projeto educacional maior, necessário, antes impensado...

Se pensarmos no curso de forma análoga e o comparamos à construção de uma casa, como fez a autora mencionada, poderemos afirmar que a etapa foi vencida, a casa está construída. O que falta então?

É necessário ocupar os espaços que faltam ser ocupados, é preciso preencher os vazios que estão rodeando e é urgente fazer a manutenção do ambiente. Para que essa etapa seja vencida, é fundamental que haja coletividade, luta, resistência e resiliência, que sempre fizeram parte dos movimentos em prol da diferença e da diversidade. A inadiável inclusão social das minorias se justifica não apenas em face do que foi apresentado aqui, mas em especial do crescente discurso de cunho moral que se intensificou de uns anos para cá e que sustenta a intolerância nos comportamentos que não estejam em conformidade com o padrão.

## REFERÊNCIAS

ALVES, B. M.; PITANGUY, J.. **O que é feminismo**. Coleção primeiros Passos. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1982.

AMARAL, B. Mudança de cultura para inclusão de mulheres pode trazer retorno para empresas. **Teletime**, 2019. Disponível em: <https://teletime.com.br/14/11/2019/mudanca-de-cultura-para-inclusao-de-mulherespode-trazer-retorno-para-empresas/>. Acesso em: 28 ago. 2022.

ARRUDA, J. S.; OLIVEIRA, A. E. C.; CARVALHO, N. S.. Do ensino jurídico à sala de aula feminista: a experiência no Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 7, n. 21, p. 273-291, 4 nov. 2022.

BARBOSA, A. L. N. H.; COSTA, J. S.; HECKSHER, M.. **Mercado de trabalho e pandemia da covid-19**: Ampliação de desigualdades já existentes? Repositório IPEA, 2020.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pineiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BITENCOURT, S. C.; MISHIMA, V. C. D.; LOLE, A. Perfil socioeconômico: sua funcionalidade para o processo investigativo do(a) Assistente Social. **Cadernos UniFOA**, Volta Redonda, v. 5, n. 1esp, p. 139, 2018. Disponível em: <https://revistas.unifoa.edu.br/cadernos/article/view/2518>. Acesso em: 23 jan. 2023.

BLAY, E. A. Gênero na Universidade. In: **Gênero, Cultura e Educação**. São Paulo: USP, 2002

BORDO, S. A feminista como o Outro. **Revista Estudos Feministas**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 10-29, 2000.

BUARQUE, Cristovam. **A Revolução Republicana na Educação**. São Paulo: Moderna, 2011.

CALVELLI, H. G.; LOPES, M. F. (2011). A teoria do conhecimento e a epistemologia feminista. In: **Anais do Congresso Scientiarum História IV**, 2011, p. 347-353. Recuperado em 22 de julho de 2013 de [www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh4/trabalhos/Haudrey.pdf](http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh4/trabalhos/Haudrey.pdf).

CAMARGO, D. B. S. **Participação das mulheres no mercado de trabalho**. Fundação Educacional do Município de Assis (Fema), Assis, 2010. Disponível em: <https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/0711260311.pdf>. Acesso em: 04 set. 2022

COIMBRA, I. D.. Educação contemporânea e currículo escolar: Alguns desafios. **Candombá – Revista Virtual**, v. 2, n. 2, p. 67–71, jul – dez 2006.

COSTA, A. A. A.; SARDENBERG, C. M. B. (Org.). **O feminismo do Brasil: reflexões teóricas e perspectivas**. Salvador: UFBA/ Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2008.

DUARTE, G.; SPINELLI, L. M. Estereótipos de gênero, divisão sexual do trabalho e dupla jornada. **Revista Sociais & Humanas** - v. 32 / n. 2 - 2019.

FAVERO, M. **A Universidade no Brasil: das Origens à Reforma Universitária de 1968**. Educar, Curitiba, Editora UFPR, n. 28, p. 17-36, 2006.

GERGEN, M. M. **O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/EdUNB, 1993.

HAHNER, J. E. Educação e ideologia: profissionais liberais na América Latina do século XX. **Revista Estudos Feministas**, nº 3, v.2, p.52-64, 1994.

HARAWAY, D.. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 5, p. 07-42, 1995.

Heráclito de Éfeso (1978). Fragmentos. In **Pré-Socráticos** (Os Pensadores). São Paulo: abril.

HIRATA, H. Gênero, patriarcado, trabalho e classe. In: **38ª Reunião Nacional da ANPED**. São Luís do Maranhão, 2017. GT- Trabalho e Educação.

HOOKS, B.. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014**. n.24. Brasília, 2016.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KERGOAT, Danièle. **Divisão sexual o trabalho e relações sociais o sexo**. In: HIRATA, Helena (Org.); LABORIE, Françoise (Org.); LE DOARÉ, Hélène (Org.); SENOTIER, Danièle (Org.) **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Unesp, 2009. p.67-75.

LERNER, G. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Trad. Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LIMA, T. L.. **Currículo, gênero e formação: uma compreensão densa dos atos de currículo do curso de bacharelado em gênero e diversidade da UFBA e suas implicações nas experiências formativas**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal da Bahia, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2000. LOURO, Guacira Lopes.

MANZINI, E. J. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um Programa de Pós-graduação em Educação. Revista Percurso, v. 4, n. 2, p. 149-171, 2012.

MARANHÃO, J.; PASSOS, W.. Adesão da UFBA ao REUNI e a nova modalidade curricular: os Bacharelados Interdisciplinares. In: **VI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares**. João Pessoa, 2013. GT-9 e 10. p 1607-1623.

MARANHÃO, J.. PASSOS, W.. Adesão da UFBA ao REUNI e a nova modalidade curricular: os Bacharelados Interdisciplinares. In: **VI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas curriculares**. Salvador, 2014.

MENEZES, M. Z. B.; SANTOS, S. N. P.; FREIRE, V. C. C. A feminilização do ensino Superior e a busca pela equidade de Gêneros no Brasil. In: **VI Encontro Internacional de Jovens Investigadores**, Salvador, 2019.

MOURA, T. **Mulheres e consolidação da paz**. JANUS-ONLINE, 2005.

NEIM – Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher; UFBA – Universidade Federal da Bahia. **Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade**. Disponível em: <<http://www.generoediversidade.ufba.br/>>. Acesso em: 02 dez. 2020.

REDENÇÃO. **Projeto Pedagógico Curricular do curso de graduação em Bacharelado em Humanidades**, jul. 2013.

RIBEIRO, P. R. M. História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão. **Paidéia**, n.4 Ribeirão Preto fev./jul. 1993.

SANTOS, B. S.; ALMEIDA FILHO, N. **A Universidade no Século XXI**: para uma Universidade Nova. Coimbra, out. 2008.

SANTOS, C.; PEREIRA, A. E. Direitos humanos das mulheres: uma análise sobre as recomendações do comitê CEDAW/ONU ao Estado brasileiro. **Monções**: Revista de Relações Internacionais da UFGD. Dourados, v. n. p.

SARDENBERG, C. Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista? Em: SARDENBERG, C.; COSTA, A. A. (Org.) **Feminismo, ciência e tecnologia**. Coleção Bahianas 8. Salvador: NEIM/REDOR, 2002.

SARDENBERG, C. (Org.). **Quinze anos de NEIM**. Salvador, 1998.

SCHIENBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru: EDUSC, 2001.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Trad. SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

SILVA, Graziella Moraes; LEÃO, Luciana T. de Souza. **O Paradoxo da Mistura. Identidades, desigualdades e percepção de discriminação entre brasileiros pardos**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v27n80/v27n80a07.pdf>. Acesso em 29.9.2018.

SILVA, G. F. S.; MEINHARDT, M. Interdisciplinaridade no ensino de graduação: a implantação dos Bacharelados Interdisciplinares nas universidades públicas brasileiras. **Revista Conhecimento Online**. Nova Hamburgo,, v. 2, p. 03-24, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA; PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO. Criação do novo curso de graduação em Estudos de Gênero e Diversidade. Departamento de Ciência Política-NEIM. Emitido em: 9 jun. 2008.

VALEIRO, P. M.; PINHEIRO, L. V. R. Da comunicação científica à divulgação. **Transformação**, Campinas, v. 20, n. 2, p. 159-169, mai./ago., 2008.

## ANEXOS

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto/pesquisa intitulado(a) “OS DESAFIOS DO BACHARELADO EM ESTUDOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE DA UFBA” desenvolvida(o) por Carla Menezes Silvério. Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é [coordenada / orientada] por Renata Veras, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail carla88menezes@hotmail.com. Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo. Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu(s) orientador(es) / coordenador(es). Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Salvador, \_ de outubro de 2022.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) participante



\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) pesquisador (a)



## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

### EIXO 1

#### **Questões pessoais**

- 17- Nome e idade e profissão (se tiver).
- 18- Qual semestre você está?
- 19- Quantos anos você tem?
- 20- É sua primeira graduação? Se não, qual é sua primeira graduação?  
Qual a sua perspectiva com o bacharelado em gênero?

### EIXO 2

#### **Ingresso e motivações para cursar o BEGD**

- 21- Como foi seu ingresso no BEGD? Cotas, transferência ou outra?
- 22- Como você ficou sabendo sobre a existência do curso?
- 23- Descreva como você ingressou no curso.
- 24- Quais motivações te levaram a esse curso?

### EIXO 3

#### **Mercado de trabalho para o curso e questões laborais**

- 06- Em qual área você pretende atuar no mercado de trabalho depois de se formar?
- 07- Conhece alguém que trabalhe com alguma área relacionada a gênero e diversidade?
- 08- Para você qual contribuição do curso para o mercado de trabalho?

### EIXO 4

#### **Pontos e observações sobre o curso**

- 09- Quais as principais observações sobre o curso?
- 10- Na sua visão quais os principais obstáculos para o enfrentamento desta graduação?
- 11- Qual característica mais lhe interessa sobre o curso?
- 12- Tem mais alguma coisa que gostaria de acrescentar?

## CÓDIGOS

<b>C<sub>1</sub></b>	Sem vagas no Mercado de trabalho
<b>C<sub>2</sub></b>	Sem necessidade de um profissional dessa área
<b>C<sub>3</sub></b>	Não serve como primeira graduação
<b>C<sub>4</sub></b>	Sem perspectiva de trabalho
<b>C<sub>5</sub></b>	Atuação em outra área de trabalho
<b>C<sub>6</sub></b>	Curso sem foco para o trabalho
<b>C<sub>7</sub></b>	Prática e postura docente
<b>C<sub>8</sub></b>	Ausência de informações sobre o curso
<b>C<sub>9</sub></b>	Reconfigurar a proposta do curso
<b>C<sub>10</sub></b>	Mudança curricular
<b>C<sub>11</sub></b>	Ausência de oportunidades de estágio
<b>C<sub>12</sub></b>	Ausência do componente diversidade
<b>C<sub>13</sub></b>	Dificuldade na comunicação com o colegiado
<b>C<sub>14</sub></b>	Proximidade com o corpo docente
<b>C<sub>15</sub></b>	Motivação Pessoal
<b>C<sub>16</sub></b>	Atuação em carreira diferente
<b>C<sub>17</sub></b>	Aperfeiçoamento Acadêmico
<b>C<sub>18</sub></b>	Desinteresse na área de atuação/curso
<b>C<sub>19</sub></b>	Dificuldade de permanência
<b>C<sub>20</sub></b>	Ponte para outro curso
<b>C<sub>21</sub></b>	Ausência de divulgação/ Curso pouco conhecido
<b>C<sub>22</sub></b>	Sem divulgação de vagas de trabalho
<b>C<sub>23</sub></b>	Sem parceria e reconhecimento dentro da Universidade
<b>C<sub>24</sub></b>	Pouca mobilização nas redes sociais
<b>C<sub>25</sub></b>	Deslocamento dos alunos entre os <i>campi</i>
<b>C<sub>26</sub></b>	Informatização com outros setores/entre alunos
<b>C<sub>27</sub></b>	Falta de espaço físico para o BEGD
<b>C<sub>28</sub></b>	Dificuldade de acesso ao colegiado
<b>C<sub>29</sub></b>	Ausência de laboratórios do BEGD